

As 30 organizações finalistas do Prêmio Itaú-Unicef 2005 e as respectivas escolas parceiras foram convidadas para relatar suas experiências bem-sucedidas na relação ONG e escola pública. O processo de produção dos textos foi realizado a distância no ambiente virtual do Portal EducaRede, com mediação de especialistas, que ajudaram os participantes a aprimorar suas histórias. Para estimular a troca e o espírito colaborativo, a atividade envolveu também pesquisa e debates on-line no Portal Pró-Menino/RISolidaria. O resultado desse trabalho, em duas versões - impressa e virtual -, é um livro que relata situações reais que refletem um novo modo de pensar a educação: o trabalho conjunto de vários espaços educativos, visando à educação integral.

Parceria



Coordenação Técnica



Programas



prómenino
risolidaria

Tecendo Redes: Parcerias que Fazem História



Tecendo Redes

Parcerias que Fazem História

www.fundacaotelefonica.org.br

Fundação
Telefônica

Tecendo Redes

Parcerias que Fazem História

São Paulo, 2006

INICIATIVA

Telefônica

Fernando Xavier Ferreira - Presidente do Grupo Telefônica no

Brasil e Presidente do Conselho Curador da Fundação Telefônica

Stael Prata - Diretor-Geral da Telecomunicações de S. Paulo S.A.

Roberto Medeiros - Presidente da Telefônica Empresas

Regina R. Bernardi - Superintendente da Telefônica Empresas

Vera Franco - Gerente de Comunicação Externa da Telefônica

Empresas

Fundação Telefônica

Sérgio E. Mindlin - Diretor-Presidente

Andréa Bueno Buoro - Gerente de Projetos

Adriana Lomônaco - Assistente de Projetos

PARCERIA

Fundação Itaú Social

LIVRO IMPRESSO

Mônica Schroeder - Projeto Gráfico

Sandra Miguel - Revisão

Corprint - Impressão

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC

Maria Alice Setubal - Diretora-Presidente

Maria do Carmo Brant de Carvalho - Coordenadora-Geral

Equipe Educação e Comunidade - Prêmio Itaú-Unicef

Maria Júlia Azevedo Gouveia - Coordenadora da Área

Ivana Boal - Coordenadora da Publicação

Yara Brandão - Coordenadora do Projeto e da Publicação

Lígia Duque Platero - Colaboradora

Marcelo Pardini - Colaborador

Renata Abreu - Colaboradora

Sofia Farah - Colaboradora

Stela Ferreira - Colaboradora

Equipe EducaRede

Priscila Gonsales - Coordenadora do Programa

Mônica Schroeder - Coordenadora do Projeto e da Publicação

Mariana Gonçalves Tonarelli - Assistente

Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor – CEATS/FIA

Rosa Maria Fischer - Diretora-Geral

Programa Pró-Menino/RISolidaria

Graziella Maria Comini - Coordenadora do Programa

Gabriela Aratangy Pluciennik - Coordenadora do Projeto

Gisella Werneck Lorenzi - Coordenadora do Projeto

COLABORADORES

Heloisa Amaral - Mediadora da Oficina

Mário Volpi - Convidado do Bate-Papo

Reinaldo Bulgarelli - Convidado da Oficina

Mariana Lisboa - Assistente

Mediação em Parceria, uma História para Contar 11

Encontros

Descobertas 15

Elisiane Klabunde Berno e Mariana Márcia Lagner
Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (APMI) e Escola Municipal Rui Barbosa (Araucária - PR)

O Despertar do Alvorada 18

Renato Braga Fernandes e Maria Bernadeth Coelho Morgado
Centro Socioeducativo Alvorada e Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade (Belo Horizonte - MG)

Projeto Cinema à Pampa 21

Rosemary Aparecida Aniceto e Marjorie Michev Nobre
Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER) e Escola Municipal Florestan Fernandes (Diadema - SP)

Tecendo Manhãs 24

Mário de Souza Costa e Elza Sampaio Montanari
Associação Eremim - Ação Social de Promoção da Cidadania e Desenvolvimento Humano e Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida (Osasco - SP)

Vida é Revolução! 27

Otávio Nunes Neto e Anézio Luiz de Souza
Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas e Escola Municipal Padre Paulo Petruzzellis (Criciúma - SC)

Diálogos

Abrindo Espaços 33

Carla Mabel Jucinsky Gomes e Mara Nubia Auler Bauer
Centro de Vivência Redentora e EMEF Profª Adolfinia Josefina Meyer Diefenthäler (Novo Hamburgo - RS)

Deixando Marcas 36

Mauricélia Lino da Silva e Rúbia Maria Moreira
Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM) e E.M. João Vieira Bezerra (Nazaré da Mata - PE)

Escolher Acolher 39

Cleide Borges da Silva e Maria do Rosário de Fátima Siqueira Araújo
Assistência Social Casa Azul (ASCA) e Escola Classe 317 (Samambaia - DF)

Muitos Focos, Dois Olhares e uma História para Contar 42

Patrícia Leme de Oliveira Borba e Adriana Stella Pierini
Projeto Gente Nova (PROGEN) e Escola Municipal Francisco Padre Silva (Campinas - SP)

Sumário

Nascer para Renascer	45
Dionízia Gonsalves Veiga e Elizete Matoso Centro Social Sopro de Vida (CSSV) e E.M. Irmã Raimunda Marques (Curvelo - MG)	
Projeto Rede Participativa	48
Andrea Câmara Carrer e Valéria Valentim de Oliveira Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental (APÔITCHÁ) e Escola Municipal de Ensino Fundamental Américo Falcão (Lucena - PB)	
Responsabilidade Social Partilhada no Cuidado com Crianças e Adolescentes	51
Myrian Nydes Monteiro Rocha e Paulo Fernando Mourão Veras Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (CEEB) e Secretaria Municipal de Educação (Colinas do Tocantins - TO)	
Uma Experiência Sonhada por Muitos	54
Silvana Magalhães e Francivaldo José da Cruz Associação Nossa Senhora de Nazaré e Escola Municipal Terezinha Moura Brasil (Manaus - AM)	
Mosaico	
A Arte de Superar as Dificuldades	59
Celita Zandonadi e Maria Inês Pretto Guarnieri Associação Educadora São Carlos (AESC) Centro de Cuidados Nossa Senhora da Paz e Escola de Ensino Fundamental Dante Marcucci (Caxias do Sul - RS)	
A Mágica Mudança de Vida	62
Seluta Rodrigues de Carvalho e Elky Elaine Ferreira de Oliveira Associação Circo Lahetô e Escola Estadual São Cristóvão (Goiânia - GO)	
Banda de Lata de Todas as Cores	65
Lastênia Soares e Alexandre Barbalho Associação Curumins e Secretaria de Educação e Assistência Social (SEDAS) do Ceará (Fortaleza - CE)	
E do Mangue Surge a Esperança	68
Vera Maria Machado Lazzarotto e Graci Bispo da Encarnação Sociedade 1º de Maio e Escola Estadual Democrática Bertholdo Cirilo dos Reis (Salvador - BA)	
Meus 16 Anos!	71
Terezinha Ongaro Monteiro de Barros e Célia Maria Carvalho Maia Sociedade Humana Despertar (SHD) e EMEF Antônio Palioto (Sumaré - SP)	
Na Escola e na ONG, Parceiros Aprendizes	74
Lourival Luiz de Silva e Magali Garcia de Brito Cáritas Diocesana de Marília e EMEF Professor Célio Corradi (Marília - SP)	
O Despertar dos Adolescentes	77
Isabel Cristina Miñana Fraga e Valmir dos Santos Núcleo de Apoio Social à Criança e ao Adolescente (NASCA) e Escola Estadual de Itariri (Itariri - SP)	

Projeto Criança Integrada	80
Higino José dos Anjos Vieira e Gilvânia Gomes dos Santos Centro Espírita O Consolador e Escola Municipal Professora Claudinete Batista (Maceió - AL)	
E Foi Assim que Tudo Começou...	83
Rosalina de Santa Cruz Leite e Eliane Dantas de Oliveira Sganzerla Fundação São Paulo e Escola Estadual Professor Gualter da Silva (São Paulo - SP)	
Projeto Ser Menina	86
Márcia Barbosa Alves e Maristela dos Santos Vale Instituto de Ação Cultural (IDAC) e Escola CAIC Nações Unidas (Rio de Janeiro - RJ)	
Rede Jovem de Cidadania	89
Rafaela Pereira Lima e Agnes Beatriz Martins Machado Associação Imagem Comunitária (AIC) e E.M. Aurélio Buarque de Holanda (Belo Horizonte - MG)	
Redescobrimo o Adolescente na Comunidade	92
Joel Costa Rodrigues e Maria Alves da Silva Sociedade Santos Mártires e Escola Estadual Antonio Florentino (São Paulo - SP)	
Tia Maria do Jongo: Nossa Mestre Jongueira	95
Marisa Silva e Kátia Curty Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha e Escola República Dominicana (Rio de Janeiro - RJ)	
Trabalho e Prazer, uma Dupla que Dá Certo	98
Maria Antonieta Ribeiro Sanches Pinto e Angela Maria Teixeira Afonso Grupo TUMM - Todos Unidos Mudaremos o Mundo e Escola Estadual Profª Zenaide Pereto Ribeiro Rocha (Mococa - SP)	
Um Brilho que Não se Apaga	101
Karina M. Haddad Speridião e Ana Lúcia de Souza Rebello Lar Francisco Franco - Casa das Meninas e Escola Municipal Luiz Dorini (Rancharia - SP)	
Uma Rede Tecida em Relevo	104
Marcos Antônio do Espírito Santo e Nezimar Soares Rocha União de Cegos D. Pedro II (UNICEP) e Secretaria Municipal de Educação de Cariacica (Vila Velha - ES)	
Você Faz a Diferença	107
Maninha Morais e Socorro Vilarouca Fundação Social Raimundo Fagner e Escola de Ensino Fundamental e Médio Epitácio Pessoa (Orós - CE)	
Uma Nova Rede	111
Finalistas do Prêmio Itaú-Unicef 2005	114

Parceria é uma palavra que vem sendo mencionada repetidas vezes nos últimos anos, tendo sua importância reconhecida como forma de unir esforços em prol de um objetivo maior. No entanto, ainda é um grande desafio realizá-la na prática: compatibilizar projetos, complementar iniciativas, alinhar expectativas, ultrapassar os objetivos específicos e idiosincrasias de cada organização.

No final de 2005, a Telefônica Empresas, do Grupo Telefônica, decidiu comemorar a parceria nos negócios com o Banco Itaú, homenageando-o por seus 60 anos, com um presente social. Essa homenagem tomou a forma de outra parceria - um projeto realizado pela Fundação Telefônica com a Fundação Itaú Social, como apoio a um programa já consolidado desta última. Foi nesse contexto que as duas organizações, que realizam o investimento social de suas respectivas empresas, idealizaram o Projeto Tecendo Redes: Parcerias que Fazem História, uma iniciativa que juntou esforços dos projetos Prêmio Itaú-Unicef, da Fundação Itaú Social e dos portais EducaRede e Pró-Menino/RISolidaria, da Fundação Telefônica.

O Prêmio Itaú-Unicef, da Fundação Itaú Social e do UNICEF, ativo desde 1995, tem grande reconhecimento nas áreas social e empresarial pelo consistente trabalho na promoção de ações socioeducativas com vistas a um atendimento educacional integral de crianças e adolescentes, premiando ações de organizações sociais. Os programas EducaRede e Pró-Menino/RISolidaria, da Fundação Telefônica, trabalham no sentido de promover o uso pedagógico da internet na escola e os direitos de crianças e jovens com base no Estatuto da Criança e do Adolescente.

A parceria entre esses projetos realizou-se a partir de um trabalho de capacitação e reflexão voltado às 30 organizações finalistas do Prêmio Itaú-Unicef em 2005, a partir das ferramentas e conteúdos disponíveis em cada um dos portais. Cada dupla de trabalho, formada por um coordenador da organização social e um representante de uma escola parceira, participou de uma Oficina de Criação a distância, ferramenta do EducaRede de aprimoramento da escrita, escrevendo textos sobre o estabelecimento e

a consolidação de parcerias entre ONGs e escolas, baseadas na sua experiência. Com a ajuda de dois mediadores e utilizando-se dos conteúdos do portal Pró-Menino/RISolidaria, essas duplas trabalharam, durante quatro meses, discutindo, escrevendo e aprimorando sua síntese a respeito de suas experiências nessa parceria. O acervo de conteúdos e metodologias dos portais da Fundação Telefônica complementou a larga experiência do Prêmio Itaú-Unicef com organizações da sociedade civil e escolas.

Para a Fundação Telefônica foi uma experiência bastante inspiradora. Em primeiro lugar, por ser uma parceria entre duas Fundações empresariais, com missões e programas próprios e bem definidos nas suas estratégias. Também por promover a parceria entre escolas e organizações que realizam ações socioeducativas. Por fim, por consolidar uma parceria entre o Grupo Telefônica e o Itaú, reafirmando o compromisso dessas duas organizações com o desenvolvimento do País.

Acreditamos que o resultado, que pode ser visto nas páginas a seguir, possa inspirar muitas outras organizações e escolas, assim como iniciativas de parceria entre os mais variados tipos de organização, a trabalhar conjuntamente em prol da melhoria da educação para as crianças e jovens deste país.

Sérgio E. Mindlin
FUNDAÇÃO TELEFÔNICA

É muito bom conhecer histórias de sucesso. Neste livro encontram-se 30 relatos singulares que contam a trajetória bem-sucedida de parcerias construídas em nome de um objetivo comum: o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens.

As histórias relatadas são fruto dos esforços de pessoas e organizações envolvidas com a transformação social e comprometidas com ações socioeducativas, que ganharam maior visibilidade com a participação na sexta edição do Prêmio Itaú-Unicef.

A Telefônica Empresas, para homenagear os 60 anos do Banco Itaú, reuniu as 30 organizações finalistas dessa edição do Prêmio Itaú-Unicef para relatarem suas experiências, possibilitando a produção desta publicação.

O Prêmio Itaú-Unicef é uma iniciativa da Fundação Itaú Social e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), para valorização das iniciativas de organizações não-governamentais, premiando e incentivando as ações em favor da formação integral de crianças e adolescentes. Na edição de 2005, com o tema "Educação e Participação: Tecendo Redes", o Prêmio deu visibilidade a diversas redes, que favorecem as articulações entre ações, projetos, programas e serviços, ou seja, entre os diversos espaços educativos, especialmente entre ONGs e escolas públicas.

Nesses 60 anos, o Banco Itaú sempre esteve comprometido com o desenvolvimento do País, consolidando, na Fundação Itaú Social, o seu investimento social com foco na melhoria da educação pública.

Agradecemos à Telefônica Empresas e à Fundação Telefônica por possibilitarem que este aniversário se convertesse também em um momento de reflexão dos problemas e desafios presentes na promoção de ações para a equidade social. O Banco Itaú e a Fundação Itaú Social sentem-se honrados pela homenagem e pelo reconhecimento da importância de um de seus mais relevantes projetos, que marcam sua característica de

empresa comprometida com as questões sociais.

Acreditamos que, com esta publicação, foi dado mais um passo significativo para estimular o diálogo e disseminar os diversos caminhos possíveis para o fortalecimento da educação em nosso país.

Esperamos que as trajetórias de parcerias expostas estimulem a busca conjunta de soluções, ampliando oportunidades a crianças e adolescentes.

Parabéns a todos os personagens dessa bonita história construída com muitos esforços!

Banco Itaú
Fundação Itaú Social

Mediação em Parceria, uma História para Contar

A realização desta obra é uma história dentro de várias histórias. No começo dessa história, a Fundação Telefônica, desejando fazer um presente social para comemorar os 60 anos do Banco Itaú, convidou as 30 organizações finalistas do Prêmio Itaú-Unicef 2005 para a realização de um livro tecido com relatos de suas realizações. O tema deveria ser a parceria ONG e escola na educação de crianças e adolescentes, constituída como uma das partes da rede solidária que começa a ser construída com o objetivo de atender à difícil tarefa de oferecer educação integral a esse público.

Para auxiliar no desenvolvimento dos textos que comporiam o livro, foram escolhidos dois mediadores. Representando, de certa maneira, as organizações não governamentais, o educador Reinaldo Bulgarelli, um dos fundadores do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) em 1985, com reconhecida experiência na área dos direitos da criança e do adolescente. Representando a escola, eu, Heloisa Amaral, educadora com muita vivência das questões escolares, apaixonada pelas imensas possibilidades da educação.

Durante o processo, foram escritas 30 histórias de experiências vividas de maneira intensa por pessoas que se tornaram protagonistas de ações em favor da criança e do adolescente, inaugurando um novo modo de pensar a educação: a parceria entre ONGs e escolas, visando à educação integral.

No primeiro encontro dos mediadores com os futuros autores, foi definido um gênero de texto, o relato de experiência vivida, que serviria de modelo para a escrita das histórias. Nesse primeiro encontro, as histórias começaram a se definir; os autores, ainda tímidos, buscando caminhos que possibilitassem atender aos critérios definidos pelos organizadores; os mediadores apostando na capacidade de todos eles. Os textos teriam de descrever as ações das ONGs finalistas do Prêmio Itaú-Unicef, mas não poderiam ser escritos como frios relatórios: teriam de trazer a marca das emoções vivenciadas na constituição das parcerias e no enfrentamento dos desafios que permeiam o trabalho de quem

Helôisa Amaral

Mestre em Educação pela PUC-SP, professora há trinta anos e consultora em projetos educacionais para os diferentes níveis de ensino, sobretudo em projetos de leitura e escrita. Atualmente desenvolve projetos de educação a distância (EAD).

Reinaldo Bulgarelli

Diretor da consultoria Txai e professor na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, atuando na área de sustentabilidade e responsabilidade corporativa. Por sua atuação, foi indicado em 2002 para o Prêmio Nacional de Direitos Humanos.

atende crianças e adolescentes, muitas vezes em situação de risco.

Na proposta feita, os participantes deveriam escrever um primeiro texto que seria lido e comentado pelos mediadores. Na seqüência, teriam de reescrever esse texto, uma ou duas vezes, para que nele fossem integradas as sugestões dos mediadores. O texto final seria, ainda, submetido à apreciação de uma comissão composta por participantes da Pró-Menino/RISolidaria, do EducaRede e do Prêmio Itaú-Unicef. Bastante difícil escrever e reescrever um texto com marcas de autoria, revelador de emoções, de dificuldades e, principalmente, de conquistas.

O processo todo envolveu profundamente os participantes e durou cerca de três meses. Temos de reconhecer que trabalhar em parcerias não foi sempre fácil; as diferenças saltavam aos olhos, ficando evidentes. E, nessas horas, os conflitos são inevitáveis, mas necessários. Afinal, viver não é fácil e é no encontro com o diferente que crescemos. Mas sabíamos que, ao agregar a contribuição de outros, o produto se enriqueceria e se tornaria mais consistente.

Aí estão, então, os textos que resultaram desse processo: uma agradável surpresa revelada aos leitores nas próximas páginas. É interessante notar que os autores estão em diferentes estágios da parceria ONG e escola: alguns apenas iniciaram essa nova forma de educar em conjunto e já sentem os resultados no crescimento de crianças e adolescentes em suas capacidades de empreender e superar dificuldades anteriores; outros já têm um caminho andado em conjunto e as realizações começam a se consolidar; outros, ainda, já chegaram a algum lugar mais adiante e podem olhar para trás e pensar as diferenças entre o "antes" e o "depois" da parceria estabelecida.

Muitos dos autores escreveram delicados e-mails, durante o processo, agradecendo pela oportunidade de ter suas experiências registradas em um livro e de contar conosco, mediadores, para puxar lá do fundo dos corações a história desse trabalho inovador. Nós é que agradecemos a todos! Crescemos.

Helôisa Amaral e Reinaldo Bulgarelli

Os relatos reunidos neste capítulo revelam as diferentes estratégias de aproximação entre ONG e escola. Em abordagens distintas, os textos mencionam, substancialmente, três motivações fundamentais na busca de contato com a outra organização: o enfrentamento de um problema local; o reconhecimento de que a participação do outro é imprescindível para completar a ação e, finalmente, o objetivo de potencializar os resultados em relação ao atendimento das crianças e adolescentes. Expressa-se a importância do reconhecimento da diversidade de focos de intervenção e a complementaridade das ações no enfrentamento das questões da infância e juventude.

Encontros

Estados das ONGs e escolas autoras destes relatos



O nome "Casa da Criança" não foi escolhido por acaso. Realmente, fazemos de tudo para que a criançada sinta este espaço como a sua casa e, ao compartilhar este sentimento, perceba o quanto é importante viver em um espaço onde as pessoas se respeitam e se cuidam.

Há cinco anos, tínhamos a certeza de que tudo estava no caminho certo. Atendíamos a crianças e adolescentes, moradores da zona urbana da cidade de Araucária, na Grande Curitiba, e acreditávamos que, ao oferecermos um espaço rico em oportunidades, nossos piás estariam a salvo da violência e com certeza nossa cidade teria muito do que se orgulhar no futuro.

Mas o que nós da APMI sabíamos, mas "esquecíamos", era que a cidade de Araucária tem sua maior extensão territorial na zona rural.

E isso a equipe da Escola Rui Barbosa, localizada em Lagoa Grande, sabia muito bem! A escola tinha muitos problemas devido a sua localização na zona rural. Nos períodos de safra, quando as famílias conseguiam um "bico" para a colheita ou plantação, levavam as crianças para o trabalho e era no meio das roças que elas viam sua infância passar. Na safra, os pequenos não iam à escola e também não tinham oportunidade de brincar. Nos períodos de entressafra, as brincadeiras aconteciam na vila mesmo, no único espaço de lazer existente: a rua.

Infelizmente, o retrato com o qual nos deparávamos era bem diferente da idéia que se faz das lembranças de infância. O trabalho infantil na roça marcava a distância entre nossas lembranças e a realidade.

A escola, solitária, tentava de tudo para reverter esse quadro. Fazia reunião, convocava os pais, abonava faltas, mas percebia que a luta era árdua demais para ser vencida sem ajuda. E, conforme aquele velho e conhecido ditado que diz "Sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é



Foto: Edemilson Carlos Mulazani

Elisiane Klabunde Berno
Associação de Proteção à
Maternidade e à Infância (APMI)
Tels.: (41) 3614-1414 / 3614-1403
E-mail: djberno@ig.com.br

Mariana Márcia Lagner
Escola Municipal Rui Barbosa
Tel.: (41) 3638-1182

Assim, a Escola Rui Barbosa e a APMI descobriram-se e iniciaram sua relação de namoro. Para solidificá-la, buscaram a mobilização da comunidade. Lembramos com alegria das muitas conversas que tivemos com a comunidade.

realidade", a escola resolveu correr atrás para fazer valerem os direitos de suas crianças e procurou a APMI.

Assim, a Escola Rui Barbosa e a APMI descobriram-se e iniciaram sua relação de namoro. Para solidificá-la, buscaram a mobilização da comunidade. Lembramos com alegria das muitas conversas que tivemos com a comunidade, pois, se o objetivo era mobilizá-la e convencê-la da importância de implantar uma Casa da Criança, o diálogo precisava fazer parte da rotina. Não queríamos somente mais uma Casa da Criança da APMI. Queríamos uma Casa das crianças, da família, da escola, da comunidade.

Durante esse período, ao mapearmos a região, encontramos um barracão comunitário utilizado para a realização de eventos e pensamos: por que não utilizá-lo? E assim, em abril de 2002, o barracão comunitário ganhou vida com a energia das crianças.

Na primeira "viagem" a Lagoa Grande, o silêncio tomou conta dos educadores. Todos percebiam a diferença na paisagem. O pó da estrada, os buracos, as grandes plantações representavam o desafio que tinham pela frente. Ao chegarem ao Barracão, o primeiro desafio: "Como desenvolveremos as atividades em um barracão?". E não levou muito tempo para perceberem que, para trabalhar em um espaço único, sem paredes que "prendessem" as crianças, seria preciso muito mais criatividade e planejamento no desenvolvimento de suas atividades.

No primeiro encontro apareceram somente umas 15 crianças das 150 que vivem lá. "É o começo, pensávamos. Vamos agradecer bastante que logo aparecerão outros." E, nesse primeiro dia, aconteceram as oficinas de apoio escolar, artes, recreação e capoeira.

No segundo encontro, outra surpresa, desta vez com as famílias da comunidade. Os pais diziam: "Não queremos que nossas crianças venham para cá aprender estas coisas de maloqueiro". "Não nos avisaram que iriam trazer capoeira para cá!" E nós que achávamos que estávamos arrasando na escolha das oficinas, aprendemos mais uma lição: na gestão comunitária, tudo, mas tudo mesmo, precisa ser bem conversado.

Para solucionar o problema, o professor de capoeira começou um trabalho de

convencimento e conquista da comunidade, apontando os benefícios dessa arte para as crianças. Logo capoeira transformou-se em uma das oficinas mais adoradas.

Outros problemas foram surgindo e sendo vencidos aos poucos. No interior, a distância de um lugar a outro é grande. Como percebíamos que isso dificultava a chegada das crianças, juntos conquistamos uma "carona" no transporte escolar. Nossas crianças passaram a ir e vir de ônibus. Como a cozinha do Barracão ainda estava muito precária, as refeições eram servidas na escola, mantendo o clima de parceria. Os alimentos enviados pela Prefeitura incluíam sabores novos. Algumas crianças estranhavam, outras gostavam, mas o que importava era que a frequência aumentava.

Durante esse tempo todo, o Conselho Tutelar foi convocado para conversar com as famílias mais resistentes, fazendo-as perceber o quanto o trabalho infantil é um devorador do futuro.

Nessa grande caminhada em conjunto, ainda não sabemos quem aprendeu mais - se a APMI, a Prefeitura, as famílias, os educadores, a escola, a diretoria do Barracão... Mas sabemos que a Casa da Criança de Lagoa Grande é fruto de muita mobilização e de mudanças que aconteceram em nossa forma de pensar, na participação democrática e na força comunitária pela construção de um mundo melhor para todos.

Foto: Edelson Carlos Mulazani



Projeto Casa da Criança Lagoa Grande

Início: 8/2/2002

Nº de atendidos: 95 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos

Atividades básicas: Apoio escolar, dança, capoeira, esporte, música (coral e cítaras), artes.

Parcerias: Prefeitura Municipal de Araucária, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Associação de Moradores.

Saiba mais sobre Araucária - PR

IDH: **0,801** (PR: 0,787 / Brasil: 0,764)

População: **94.255**

População de 7 a 17 anos: **21.394**

Número de escolas públicas (EF e EM): **52**

O Despertar do Alvorada

(Belo Horizonte - MG)



Foto: Gualter Naves Córrea

Renato Braga Fernandes
Centro Socioeducativo Alvorada
Tels.: (31) 3433-7293 / 3434-6852
www.obraseducativasbh.com.br

Maria Bernadeth Coelho Morgado
Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade
Tel.: (31) 8833-7025

Quando a noite vem chegando, várias mães retornam do trabalho para casa. Em nossa comunidade, essas mulheres são verdadeiras "guerreiras", que batalham muito para garantir um mínimo de condição para suas famílias. O acesso a determinadas ruas do bairro, nesse horário, é proibido para estranhos e para os próprios moradores.

Logo que o dia amanhece, dezenas de crianças se preparam para ir ao Centro Socioeducativo Alvorada ou à escola. Locomovem-se rapidamente pelas pequenas ruas, até chegarem à grande avenida que os conduz à escola e ao Centro. Aqueles que chegam ao Centro Alvorada estão cheios de expectativas, pois sabem que ali encontrarão carinho e respeito.

Quando a Parati pára, essas crianças e adolescentes se amontoam em frente a Rosa Brambilla, para garantir um abraço, um beijo, um sorriso, um "tapinha" nas costas ou uma palavra carinhosa. Com muita atenção, ela atende todos com um carinho muito especial. O segredo? A todos Rosetta fala a mesma coisa: "Educar é comunicar o que você é, em cada gesto, pois os meninos olham e seguem". Há 26 anos que Rosa Brambilla, uma italiana missionária, vive rodeada de crianças, adolescentes e adultos, "apaixonados" pela intensidade de sua acolhida. Desde que veio para Belo Horizonte, essa irmã de "clareza" executa um trabalho social nas favelas, principalmente na zona Norte da cidade. No Conjunto Felicidade, ela atuava como enfermeira e construiu um pequeno posto de saúde, que se transformou numa creche, onde as mães deixavam os filhos para procurar trabalho. Pequeno de estrutura, mas cheio de amor e atenção, aquele lugar era um retrato da fundadora. Apesar de todas as dificuldades, aquela pequena creche foi um marco na história da comunidade, pois se manteve firme e inabalável em um ambiente marcado pela instabilidade e pela desestruturação.

Mais concreta do que as pequenas paredes da creche foi a amizade que surgiu entre Rosa e as mães da comunidade.

"Eu nunca vou esquecer o dia em que a Rosa foi na minha casa, e mesmo a casa estando toda desarrumada e suja, muito suja, ela me abraçou, me beijou na testa e me olhou de uma maneira que eu nunca fui olhada antes. Ela me acolheu do jeito que eu estava, e isso eu nunca vou me esquecer." (Maria, mãe que hoje é funcionária da creche).

Aquela amizade foi fundamental para a criação do Centro Socioeducativo Alvorada, que é a extensão daquela pequena creche. Quando as crianças atingiam a idade escolar, as mães não queriam que elas fossem somente para a escola e abandonassem a creche. Por isso, procuraram Rosa e pediram para que ela não interrompesse o trabalho que estava sendo feito. Foi construída, então, uma pequena sala de reforço, para atender aquelas crianças que retornavam da escola.

Para entender esse contexto, é importante saber que a origem do bairro Conjunto Felicidade está ligada a um movimento liderado por Padre Pigi Bernareggi e iniciado em 1983 (Amabel), que tinha como objetivo principal conseguir casa própria para as famílias. Depois de várias tentativas de negociação com a Prefeitura e com o Estado de Minas Gerais, a Amabel conquistou seus lotes mediante aprovação federal. O próprio movimento realizou uma pesquisa, indicando a antiga fazenda Tamboril para desapropriação. Em 1985, foi iniciada a construção das primeiras 800 casas. Apesar de um intenso trabalho de planejamento, o bairro cresceu de forma muito desordenada.

"Espécie de oásis em meio a uma das regiões de maior violência de Belo Horizonte, o Centro Socioeducativo Alvorada é um bem-administrado grupo de creches e centros socioeducativos mantidos no bairro Conjunto Felicidade." (Jornal Estado de Minas - abril/2005)

O Centro Socioeducativo Alvorada, "morada" de 305 crianças e adolescentes do Conjunto Felicidade, é o espaço da alegria, amizade, conhecimento, esporte, saúde, família e trabalho. O Projeto Educação para a Realidade Total nasceu junto com o Centro, com a proposta socioeducativa de responder ao niilismo do mundo com um lugar onde se experimenta uma resposta humana positiva diante da realidade.

Os freqüentadores do Alvorada são conhecidos no bairro como "os meninos da creche".

Como já realizávamos um acompanhamento regular das famílias, decidimos nos aproximar da Escola Carlos Drummond de Andrade, que tem o maior número de nossos educandos matriculados.



Na escola, em casa ou brincando na rua no fim de semana, esses meninos despertam o interesse das pessoas da comunidade, pois mesmo vivendo em um ambiente hostil, marcado por tráfico de drogas, violência doméstica, alcoolismo, desemprego, gangues de adolescentes, eles conseguem valorizar o que há de positivo em sua realidade. Partindo daí, essas crianças e adolescentes fazem planos para o futuro, investem nas oficinas, no estudo, na amizade, na família, e nos parecem verdadeiramente felizes.

Percebemos que, para a realização de um trabalho socioeducativo integral, necessitávamos atender nossas crianças e adolescentes mesmo no período em que eles não estivessem no Centro Alvorada. Como já realizávamos um acompanhamento regular das famílias, decidimos nos aproximar da Escola Carlos Drummond de Andrade,

que tem o maior número de nossos educandos matriculados. A idéia inicial era discutir e compartilhar dificuldades comuns das crianças e adolescentes e suas famílias. O que facilitou a progressão dessa parceria (escola e ONG) foi a proximidade de idéias, de filosofia, de projetos, que visam à melhoria das condições sociais das crianças do Conjunto Felicidade. Juntos, a escola e o Centro Alvorada lutam pela qualidade do ensino público, pela inserção no mercado formal de trabalho e pela reestruturação do núcleo familiar, vital para a vida desses jovens.



Fotos: Qualter Naves Corrêa

Projeto Educação para a Realidade Total

Início do Projeto: 4/12/1999

Nº de atendidos: 240 crianças e adolescentes de 6 a 15 anos

Atividades básicas: Reforço escolar, oficinas de arte com madeira, música, teatro, informática, capoeira, futebol, atendimento odontológico e encaminhamento para o primeiro emprego.

Parcerias: BMDG Cultural, Fundação Banco do Brasil, Infraero, Promove Pampulha, AVSI, Associazione Condividere, Università di Bologna, Faculdade de Odontologia PUC- MG, PM de BH, Governo do Estado de MG.

Saiba mais sobre Belo Horizonte - MG

IDH: **0,839** (MG: 0,773 / Brasil: 0,764)

População: **2.238.530**

População de 7 a 17 anos: **418.789**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **515**

Projeto Cinema à Pampa

(Diadema - SP)

"Eu aprendi a me comunicar melhor, criei responsabilidade, saí das ruas e parei de aprontar na escola. Antes eu era bagunceiro e agora sou muito responsável e me considero um homem."
(Diego, jovem do Projeto Cinema à Pampa)

No princípio foi assim: um grupo de jovens que, entre uma piadinha e outra, buscava formas de se esquivar do compromisso maior de cuidar de si e dos que estavam em volta. Todos eram novos nesse processo. Os jovens não sabiam o que queriam e nós, educadores, precisávamos capacitá-los para uma ação positiva na comunidade. Tínhamos uma certeza: queríamos que a proposta partisse deles. Os desafios estavam identificados: desenvolver o Programa Agente Jovem na ACER e descobrir como conhecer e desenvolver potenciais e habilidades de 25 jovens para capacitá-los a atuar positivamente em sua comunidade. Queríamos algo que fosse prazeroso, para despertarmos o interesse deles. Então descobrimos - ouvindo suas conversas sobre filmes a que assistiram pela televisão - o gosto deles pelo cinema. Vimos que as imagens cinematográficas provocavam a reflexão, o diálogo, a atividade em grupo, o exercício da crítica, da análise, da observação, da avaliação, a possibilidade de fazer amigos e de expor seus problemas e os de sua comunidade por meio da identificação com histórias e personagens dos filmes.

Num bate-papo, as idéias começaram a surgir: pensaram em fazer sessões de cinema que mostrassem os problemas da comunidade, para depois debaterem sobre eles. Vieram outras idéias: "Que tal ir ao cinema para ver como é, uma vez que em Diadema não tem sala de cinema? E se tivesse pipoca e refrigerante? Isso tem no cinema, não tem? Onde vamos fazer a sessão? Como vamos convidar as pessoas? E cadeira para sentarem? Como vamos conseguir tudo isso?". Planejaram as ações e deram nome ao projeto: Cinema à Pampa. O que eles não imaginavam é que estavam naquele momento iniciando também uma grande mudança em suas vidas e na de todos os envolvidos.



Foto: Christina Rufatto

Rosemary Aparecida Aniceto
Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER)
Tel.: (11) 4049-6684
www.acerbrasil.org.br

Marjorie Michev Nobre
Escola Municipal Florestan Fernandes
Tel.: (11) 4059-5452
E-mail: florestan@ig.com.br

Escolas como a Florestan Fernandes receberam os jovens como quem recebe um filho após longa viagem, já que são nessas mesmas escolas que eles estudam ou já estudaram. Deram oportunidade para que eles pudessem mostrar seu potencial.

Com o plano do projeto escrito à mão, foram parar na sala da diretoria da ACER, numa tentativa de negociar suas necessidades para a primeira sessão, que recebeu um público de 10 crianças. Filme escolhido: O Mágico de Oz. Dava para sentir o clima de magia e transformação no ar. Como num passe de mágica, os jovens escureceram a sala com um plástico preto, distribuíram as cadeiras e montaram a TV e o vídeo sobre duas mesas sobrepostas para dar altura. A "lanchonete" ocupou um cantinho da sala com uma mesa, cadeira, uma caixinha para o dinheiro e fichas de cores variadas para refrigerante e pipoca, trazendo o aroma gostoso de cinema. Já nessa sessão aconteceu o primeiro debate e a atividade proposta. Tímidos, mas significativos.

Mesmo com cartazes e esquema de distribuição de ingressos, os jovens perceberam, porém, que o público não aumentava. Não demorou muito para pensarem nas escolas: "É lá que a turma passa boa parte do tempo. Vamos convidar escolas para as sessões. A gente também pode ir até lá!". Nova polêmica: "Será que vão deixar a gente passar filme na escola? Será que vão querer a gente lá? E como vai ser se a escola não tiver TV e vídeo?". Tudo isso não importava mais. Os jovens já estavam motivados e decididos a ganhar as escolas, e nós, ouvindo as idéias deles, partimos para a elaboração de mais um projeto: Cinema à Pampa e a Escola. A justificativa era a idéia de que o mundo está contido na escola.

Com a proposta de oferecerem uma atividade cultural diferenciada, prazerosa e enriquecedora, os jovens fizeram um mapeamento das escolas da região e para elas se dirigiram em comitivas, cheios de expectativa sobre como seriam recebidos. Chegar às escolas foi mesmo como decifrar um mapa do tesouro perdido. Algumas portas se abriram rapidinho, outras nem olharam pela fresta para ver quem batia, outras ainda esperaram os vizinhos comentarem a boa nova para depois se abrirem. Mas foram tantas portas abertas que, por algumas vezes, tivemos de recusar atendimento por falta de espaço na agenda.

Escolas como a Florestan Fernandes receberam os jovens como quem recebe um filho após longa viagem, já que são nessas mesmas escolas que eles estudam ou já estudaram. Deram oportunidade para que eles pudessem mostrar seu potencial e resgatar afetos e valores humanitários ao se relacionarem e cuidarem de crianças e

jovens; ter o orgulho e a auto-estima elevados ao serem referência para outros de sua idade e bom exemplo para os mais velhos; abrir espaço para o diálogo, aprimorando o aprendizado; mudar o olhar dos adultos, da família e da comunidade a respeito do jovem, percebendo-o como uma pessoa de valor e de responsabilidades. Além disso, as escolas proporcionaram a seus educandos o direito ao lazer, à cultura, à brincadeira de se emocionar.

Vários filmes já foram trabalhados, como Procurando Nemo, Os Incríveis, O Espanta Tubarões, A Nova Onda do Imperador - as grandes vedetes entre os alunos.

As escolas contribuíram de forma marcante para mudarmos o olhar em relação ao jovem e para o reconhecimento do projeto e sua divulgação pelos municípios de Diadema e outros. Todo esse trabalho, além de enriquecedor para todas as partes envolvidas, proporcionou sua continuidade neste ano.

"Apesar de o ser humano ser humilde, tem o direito de poder se expressar mesmo com dificuldade e poder aprender cada vez mais."
(Comentário de estudante do curso supletivo de EF em debate sobre o filme Narradores de Javé)



Fotos: Christina Rufatto

Projeto Cinema à Pampa

Início do Projeto: Janeiro 2002/**Nº de atendidos:** 56 jovens de 14 a 18 anos
Atividades básicas: Capacitação em audiovisual, captação de recursos, saúde, educação, esporte, lazer, cultura, cidadania, meio ambiente; sessões de cinema acompanhadas de debates e atividades em escolas, ONGs etc.
Parcerias: Programa Amigo Real dos Funcionários do Banco Real; Governo Federal e Prefeitura do Município de Diadema (Programa Agente Jovem); Embaixada Britânica; Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA) de Diadema; comerciantes de Eldorado e região: Videolocadora Navegantes, Videolocadora Eldorado, Adega Tudo Bom, Mercado do Didi, Mercado Azul, Supercompras Eldorado e Sebo Tudo Azul.

Saiba mais sobre Diadema - SP

IDH: **0,79** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)
População: **357.063**
População de 7 a 17 anos: **75.571**
Nº de escolas públicas (EF e EM): **105**

Tecendo Manhãs

(Osasco - SP)



Foto: Christina Rufatto

Logo cedo, crianças e adolescentes entram pelo portão, tomam seu café e seguem ainda tímidas para as atividades. É segunda-feira na cidade de Osasco (SP). Chegada a hora do almoço, fim das atividades, é hora de comer e ir à escola.

À tarde, outras tantas crianças e adolescentes chegam, entram timidamente, almoçam e tudo se repete até de tardezinha, hora de voltar para casa. Esse período é também dos jovens: chegam curiosos, atentos e cheios de dúvidas.

Estamos em agosto de 1999, ano de nascimento do Eremim, uma criação do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região para atender à comunidade do Jardim Rochdale. Aqui vive muita gente que veio de outras regiões do País em busca de melhores condições de vida e acabou por encontrar muitas dificuldades. Morar aqui não é fácil. São muitas as casas que alagam com as chuvas de verão e boa parte delas está em condição de área livre: a posse dos lotes ainda não foi regularizada pela Prefeitura desde as ocupações dos terrenos, que já vai para mais de 20 anos.

O desemprego é alto e, conseqüentemente, a renda das famílias é baixa: menos de meio salário mínimo per capita. Não há espaços culturais públicos e muitos lutam arduamente para conseguir estudar. A vida não é fácil para os adultos, menos ainda para jovens e crianças.

Mário de Souza Costa
Associação Eremim
Tels.: (11) 3686-7560 / 3686-7401
E-mail: eremim@eremim.org.br

Elza Sampaio Montanari
Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida
Tel.: (11) 3686-3051

Desde 1999, são 250 crianças e jovens que vêm e vão todos os dias. Participam todos de aulas, oficinas, esportes e tantas brincadeiras diariamente. E levam tudo muito a sério, mas da maneira que mais gostam: na maior alegria!

A timidez do início durou pouco. Perdeu-se ao longo dos dias, dos anos, e hoje quem chega mal tem tempo para ficar tímido: os antigos logo dão as boas-vindas e saem a tagarelar com os novatos alegremente. E não param mais.

Uns gostam de aprender a ler e escrever; outros, de fazer contas; outros ainda,

mais de contar histórias. Alguns preferem os esportes e há aqueles que adoram o meio ambiente. Temos também os que curtem a recreação. E todos gostam do mundo digital: mexer no computador, navegar na internet, trabalhar imagens e sons e pôr tudo no ar!

Divertidos, vão todos tocar e dançar o bumba-meu-boi, a ciranda, o coco e o maracatu. Cantam e dançam crianças, jovens e pais juntos, solidários. As famílias encontram seus espaços e, junto com as mães, criamos uma cooperativa de artesanato.

Fomos, com o tempo, reinventando no bairro os agentes comunitários, jovens com vontade de mudar alguma coisa onde moravam. Mas faltava algo mais nessa história.

Sentíamos falta de estabelecer um diálogo mais direto com a escola. Isso mesmo. Eram tantas espalhadas ao redor, no bairro! Mas algumas chamavam mais a nossa atenção, porque nelas estavam muitos de nossos jovens e adolescentes. Uma delas, a Escola Estadual Júlia Lopes, uma das maiores, estava ali, pertinho da gente. Era preciso que nos aproximássemos. E não tardou a aparecer a oportunidade.

Em 2003, a escola estava desenvolvendo o programa Jovem Paz, e o Instituto Paulo Freire, parceiro da escola desde o início do programa, convidou-nos para participar lado a lado: as três instituições trabalhando pela cultura da paz. Começou, então, a parceria. Jovens freqüentavam a escola e participavam, no Eremim, de atividades inseridas no mesmo projeto, numa integração das formações. Tinham aulas e oficinas com professores e com educadores dos três parceiros e freqüentavam os distintos espaços socioeducativos.

E, claro, houve necessidade de muita conversa, porque os jovens não deixavam barato! Queriam saber mais e mais e aprendiam muito. E foi ficando cada vez mais gostoso. Tanto que as demais crianças e adolescentes foram se envolvendo, se envolvendo e a cultura da paz invadiu o Eremim, virou um dos principais temas das atividades. Foi quando as crianças, a muitas mãos, pintaram a enorme Bandeira da Paz para contar e ensinar a todos um pouco como se cultiva a paz.

Mas isso foi só o começo. Nossos alunos não pararam mais. Resultados? Aprendendo e

Jovens
freqüentavam
a escola e
participavam,
no Eremim, de
atividades
inseridas no
mesmo projeto,
numa
integração das
formações.
Tinham aulas e
oficinas com
professores
e com
educadores dos
três parceiros e
freqüentavam
os distintos
espaços socio-
educativos.

conhecendo, foram ficando mais sabidos. Entraram para o Grêmio Estudantil, exercício da cidadania desde a escola; participaram do movimento negro na cidade; foram ao Fórum Social Mundial e ao Fórum Mundial de Educação; e contaram suas experiências! Tornaram-se agentes comunitários e passaram a cuidar da Rádio Comunitária do Eremim, resultado também dessa parceria vitoriosa, voltada para a comunidade local.

Hoje, o Eremim é Ponto de Cultura na cidade, com o apoio do Ministério da Cultura, e amplia o alcance das ações culturais no bairro. O Júlia Lopes é parceiro certo. Jovens vão fazer batucada na escola para quem quiser se arriscar a aprender percussão, a tocar os ritmos brasileiros, a cantar, a dançar e a conhecer melhor as nossas raízes e, dessa maneira, expressar suas veias artísticas. E assim vão se formando, aqui e acolá, multiplicadores, novos agentes comunitários, cidadãos, sujeitos de sua história, que podem fazer a diferença no esquecido Rochdale e mudar a realidade da comunidade.

Foto: Christina Rufatto



Em 2005, uma grande alegria: crianças, adolescentes e jovens, educadores e professores, mães e pais, diretores, funcionários, parceiros, ficamos todos muito felizes com a premiação na 6ª Edição do Prêmio Itaú-Unicef. Foi uma comoção! A avaliação rigorosa e o reconhecimento pelo trabalho na comunidade nos fizeram saber que encontramos um bom caminho, entre vários bons caminhos ali revelados, e ver que somos um entre tantos que procuram transformar a cara tão desigual deste país múltiplo, multiforme, multicolor, deste Brasil feito de mil faces.

Projeto Eremim Tecendo Novos Caminhos

Início do Projeto: Dezembro 1999

Nº de atendidos: 250 crianças e jovens de 6 a 21 anos

Atividades básicas: Programas de complementação educacional (português, meio ambiente etc.), de educação para o trabalho; apoio sociofamiliar; incubação de cooperativa popular (artesanato e audiovisual); Ponto de Cultura e Núcleo de Comunicação (Hip-Hop, Rádio Comunitária etc.).

Parcerias: AFL-CIO, Solidarity-Center, Arvin Méritor, Itaú-Unicef, E.E. Júlia Lopes de Almeida, E.E. Irmã Gabriela Maria Elizabeth Wienkem, Prefeitura Municipal de Osasco (Secretaria do Trabalho), Cursinho da Poli, Instituto Criar de TV e Cinema, Intermédica - Sistema Único de Saúde.

Saiba mais sobre Osasco - SP

IDH: **0,818** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **652.592**

População de 7 a 17 anos: **131.834**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **141**

Vida é Revolução!

(Criciúma - SC)

Nossas vidas acontecem e se revelam através de momentos que podem também ser marcados pelo antagonismo. Buscamos segurança e regularidade, e nos parece que aí se encontra um dos grandes desafios da humanidade, que procura incessantemente esses valores.

Momentos de sorrir ou chorar, de alegria ou tristeza, de caminhada ou descanso, de ensinar ou aprender. Parece muito claro que as poucas vezes na vida em que nos deparamos com essas situações, estamos sempre aprendendo. Aprendendo a viver com o sorriso ou a enxugar as lágrimas, aprendendo na alegria a ser alegre para amenizar a tristeza de quem está ao nosso lado... Aprendendo a fazer ou descobrir novos caminhos, sabendo que a caminhada começa com o primeiro passo e o descansar pode ser uma oportunidade de reavaliação dos caminhos por onde andamos.

Isso nos leva a uma reflexão sobre tantos mundos diferentes em sua concepção e iguais ou muito semelhantes em sua ação. Estamos falando da relação que pretendíamos construir entre escola pública e ONG em virtude de um grande problema que vinha afetando nossas crianças e adolescentes - o problema da evasão e abstenção escolar. Tínhamos um grande desafio: alinhar pensamentos entre a escola e a ONG em busca da construção de uma proposta educacional diferenciada, que pudesse privilegiar o ser e suas relações. Reuniões entre esses dois mundos - escola e ONG - começaram aos poucos a derrubar um grande muro que existia, e as equipes técnicas passaram a visualizar um horizonte que apontava para um único compromisso: tínhamos de fazer o melhor por nossas crianças e adolescentes.

Para atingirmos esse "melhor", precisávamos diagnosticar, ou seja, ouvir um pouco do mundo dos educadores e dos educandos. Surgiu então a estratégia de desenvolvermos uma pesquisa que iria nos indicar um possível caminho a ser seguido. O resultado desse trabalho deixou clara a necessidade de construirmos uma proposta educativa que favorecesse o desenvolvimento de atividades focadas nas áreas do conhecimento. A partir desse momento, o sonho começou



Foto: Almir Salgado Mulazani

Otávio Nunes Neto
Bairro da Juventude dos Padres
Rogacionistas
Tel.: (48) 3438-2221
www.bairrodajuventude.com.br

Anézio Luiz de Souza
Escola Municipal Padre Paulo
Petruzzellis
Tel.: (48) 3438-0594

A convivência entre ambas foi sendo construída de maneira muito democrática, respeitando as diferenças e aprendendo com elas, fortalecendo as semelhanças para nos tornarmos fortes.

a ganhar forma, cheiro, gosto e cor. Música, teatro, dança, jogos, literatura, expressão corporal, lúdico passaram a ser o ponto de partida para alcançar esse novo horizonte. Tínhamos o desafio de construir uma proposta diferenciada, que oferecesse novas perspectivas de desenvolvimento, baseadas nos valores e anseios acima citados, e contemplasse o preenchimento do horário extra-escolar. Nascia assim o Projeto Laboratórios Educativos: Uma Interação de Conhecimentos.

Juntamente com o projeto, surgiram grandes desafios: convivência entre ONG e escola pública, montagem de uma proposta atraente, busca de capacitação para a equipe técnica.

A convivência entre ambas foi sendo construída de maneira muito democrática, respeitando as diferenças e aprendendo com elas, fortalecendo as semelhanças para nos tornarmos fortes. Poderíamos considerar que esse foi o primeiro êxito do projeto. E a partir da consolidação dessa relação, o caminho a ser trilhado ficou mais suave e mais estimulante.

A proposta a ser construída priorizou a participação de todos. A escola se comprometeu em assegurar que as crianças permanecessem na ONG e participassem dos laboratórios e oficinas, e a ONG, por sua vez, comprometeu-se em assegurar o vínculo com a escola. Foram projetados então oito laboratórios: Informática, Comunicação e Línguas, Lúdico, Operacional, Consciência Corporal, Reforço, Ciências e Artes, sendo eles concebidos pelos educadores em um período de dois meses de encontros diários, em que cada educador buscou informações relacionadas ao laboratório de sua responsabilidade.

Nesse período, foram pesquisadas, estudadas, projetadas e idealizadas propostas pedagógicas diferenciadas, buscando a singularidade e efetividade de cada laboratório. Dessa forma, construíram-se propostas pedagógicas, objetivos específicos, conteúdos programáticos, forma de avaliação, incluindo até a rotina diária de lanche, almoço e jantar.

Os laboratórios funcionam em período integral, atendendo às turmas em horário extra-escolar, em forma de rodízio. Cada turma passa uma vez por semana em cada

laboratório. Paralelamente aos laboratórios, uma vez por semana funcionam também as oficinas, que diferem dos laboratórios por serem de livre escolha dos educandos: Cerâmica, Canto Coral, Percussão, Orquestra, Street Dance, Dança de Salão, Futsal, Judô, Capoeira, Artesanato, Tênis, Pintura em Tela.

O resultado desse grande sonho construído ao longo dos dois últimos anos é percebido na transformação da realidade, mantendo uma postura interdisciplinar, interagindo com o coletivo e conquistando produção que vai além das expectativas. Uma escola solidária que ensina o indivíduo a se reconhecer como parte integrante da sociedade, que vivencia e respeita os educandos para que eles possam se respeitar mutuamente e recriar e produzir conhecimento. Nessa caminhada conjunta, ONG e escola resgatam a imaginação, a fantasia, os sonhos, a criatividade, a autonomia, a auto-estima, a cooperação, a criticidade, por meio de respeito, justiça, diálogo, solidariedade e muito amor, criando oportunidades de inclusão para que os educandos possam viver com dignidade e construir um futuro muito melhor.



Fotos: Almir Salgado Mulazani

Projeto Laboratórios Educativos: Uma Interação de Conhecimentos

Início do Projeto: 1º/3/2004

Nº de atendidos: 465 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos

Atividades básicas: Atividades culturais, recreativas, esportivas e educativas que acontecem em 8 laboratórios e 15 oficinas, diariamente, em forma de rodízio e em período oposto ao das atividades escolares.

Parceria: Escola Padre Paulo Pretruzellis.

Saiba mais sobre Criciúma - SC

IDH: **0,822** (SC: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **170.418**

População de 7 a 17 anos: **38.213**

Número de escolas públicas (EF e EM): **95**

Vivências do trabalho conjunto entre escola e ONG são expressadas neste capítulo. Trata-se de uma troca centrada no diálogo, de forma que a aprendizagem seja mútua. Como resultado, em vez de uma somatória de saberes, destacam-se a construção de um novo saber e, conseqüentemente, a realização de ações inovadoras. Os fazeres são partilhados e o foco é comum: a defesa dos direitos da criança e do adolescente, a partir da crença na capacidade deles de transformar suas histórias de vida.

Diálogos

Estados das ONGs e escolas autoras destes relatos



Iniciamos todos os dias com desejos, ansiedades, dificuldades - nossas missões diárias. Mãe, pai, tio, tia, avô, avô, não importa: chegam com um olhar pedindo auxílio. "Vocês aqui podem me ajudar?", "Não posso com a vida desse aí", "Ninguém nunca fez por nós o que vocês fazem", "O que vocês podem fazer?".

Atuamos em conjunto com a escola, buscando alternativas possíveis. Muitas vezes conseguimos até o que parecia impossível. Sempre há algo que podemos fazer; arregaçar as mangas e continuar, motivados a aprender e empreender.

Oito anos de atuação conjunta em outubro de 2006. Em 2003, foram encaminhados pelas escolas 555 crianças e adolescentes. Esse foi um ano de muita reflexão. Tínhamos um grande número de atendidos, mas havia insatisfação. Nossos espaços de aprendizagem possuíam muitas horas vagas, não tínhamos voluntários suficientes para todos os horários, algumas crianças não vinham porque tinham fome, adolescentes saíam porque precisavam trabalhar. Precisávamos modificar a estrutura do atendimento da Redentora.

Alguns anjos apareceram - desses que não encontramos todos os dias, mas que, quando chegam, pegam na nossa mão, não largam mais e a gente pode contar com eles para tudo. Formamos uma rede de transformação. Modificamos a estrutura. Refizemos a proposta de atendimento. Contratamos estagiários, incrementamos o voluntariado corporativo, passamos a proporcionar uma alimentação que dá gosto: aquele cheirinho de pão, aquela pizza gostosa, igualzinha à da vovó. A cozinha do afeto. Alimenta o corpo e a alma. Implantamos um projeto de capacitação para jovens e olhem só: mais da metade deles foi empregada na primeira edição. Demais!

Os anjos chegaram, companheiros da alegria, da tristeza, do planejamento. Os anjos.



Foto: Sandra R. Maia Mengue

Carla Mabel Jucinsky Gomes
Centro de Vivência Redentora
Tel.: (51) 3583-1501
E-mail: carlacvredentora@sinos.net

Mara Nubia Auler Bauer
EMEF Profª Adolfina Josefina Meyer Diefenthaler
Tel.: (51) 3583-1745
E-mail: marabauerb@yahoo.com.br

Realizamos visitas, chamamos para conversar, realizamos encontros e eventos, e isso tudo em conjunto com nossas companheiras, amigas da escola.

Nossos atendimentos diminuíram, passaram para 350. Isso não foi problema, mas solução. Passamos a atender cada criança e adolescente mais vezes na semana. Nossa aproximação com as famílias a cada dia se fortalece mais. Realizamos visitas, chamamos para conversar, realizamos encontros e eventos, e isso tudo em conjunto com nossas companheiras, amigas da escola.

Escuta-se o burburinho dos educadores, falando do pai, da mãe, da criança, questionando: o que faço, de que forma podemos fazer, como vai ser isto ou aquilo? Conversas com a escola, trocas para melhor atender cada uma das nossas crianças e adolescentes conservando a sua particularidade. Hoje, olhamos pelos espaços de atividades e podemos optar por aquela que melhor se enquadra no perfil do atendido. Juntas, escola e Redentora. União perfeita. Trocamos idéias e todos esses anjos buscam caminhos.

Escolhemos e permitimos que o educando também faça sua escolha. Cultura, esporte, atendimentos, capacitação. Olhamos para o pé que calça uma sapatilha furada, mas tem o mesmo movimento de uma bailarina que vi lá na TV. Como dizem por aí, "é o ouro!". O toque sutil no violão com o comentário "Que música vai ser hoje, sor?". Na sala de artes, tinta esparramada pela mesa, no chão, nos cabelos, e uma obra feita com todo o entusiasmo e dedicação - "Olha, sora!". O barulho do teclado, o brilho dos olhos na tela, nos momentos de descobrir o mundo pelo computador - "É tudo!". Na biblioteca, os livros empilhados, fantoches voando - "Agora não pode espiar, 'tamos' ensaiando". "Hello", "my nick name", "capiche", "la cucarattia", ouvimos da sala de idiomas versos que embalam nossos corações, mas de repente escutamos no balcão o irmão de alguém dizer que "pobre não faz inglês. Pra quê? Pobre não precisa disso" e nos lembramos que o trabalho vai continuar por muitos anos, mas temos força para prosseguir. O beijo carinhoso abre o dia e vem a frase "Fiz um desenho pra ti". Pego o papel dobrado, com o escrito "Eu te amo". Sentimos que os gestos simples nos fortalecem. Ganhamos beijos, muitos beijos. Isso é o que importa. Estar ali juntos nesta caminhada.

No balcão, entregamos os bilhetes do atendimento médico e escutamos "Ele vai dar injeção?", "Não. No médico não, vô!", "O que ele quer comigo? Não tô doente". E aquele que já se consultou: "Adoro ele, já sei meu peso e até meu tipo de sangue". Prevenimos.

Essa é nossa preocupação. Prevenção.

- Moça, vim aí vê aqueles atendimento, que esses guri tem problema.
- Sim. A senhora veio procurar a psicopedagoga ou a psicóloga?
- É aquela que a escola mando a gente.

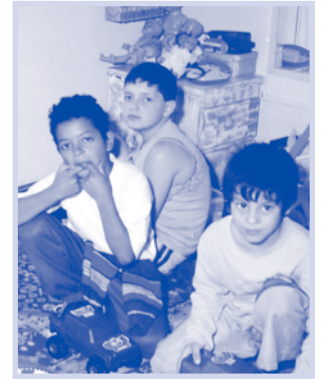
É claro, sempre descobrimos para onde a criança foi encaminhada, mas às vezes não é fácil. Ligações, contatos, trocas, parece difícil! Só que essas ações fortalecem cada vez mais nossos vínculos com a escola. Contamos sempre com nossas colegas e amigas das escolas, com as quais realizamos um lindo trabalho educativo.

Sabemos que esse é o caminho. O saber, o compreender, o descobrir, enfrentar, buscar. E todas temos muitas dúvidas, mas juntas já encontramos muitas soluções.

Aqui nos bairros Diehl e São José, em Novo Hamburgo, nós erramos barbaridade, tchê! Só que nossos erros nos fazem crescer e nossos acertos nos motivam a continuar.

Tem um provérbio africano, publicado num material do Cenpec, que diz: "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança".

Não temos a mínima dúvida disso.



Fotos: Sandra R. Maia Mengue

Projeto Espaços: Vivência Cultural, Social, Esportiva e de Profissionalização

Início do Projeto: 1º/10/1998

Nº de atendidos: 350 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos

Atividades básicas: Espaços de vivência nas áreas de cultura, esportes, social (atendimento médico, psicológico etc.) e de qualificação profissional.

Parcerias: Allegro Balet, ATT Tecnologia em Informática, Brinkler Adm, Corretora de Seguros, Central de Alarmes, Centro Universitário Feeval, CMDCA, Ginásio Rola Bola, Grandex Extintores, Grupo Ed. Sinos, Himaco Hidráulicos e Máquinas, HSBC Bank Brasil, Instituto C&A, N&K Comunicações, Novo Shopping, Planeta Gás, Polux Selet Engenharia de Instalações, Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, Proderma Farmácia, Safe Park, Shusa Exportadora, Sindicato da Indústria e do Calçado de Novo Hamburgo, Yázigi Internexus.

Saiba mais sobre Novo Hamburgo - RS

IDH: **0,809** (RS: 0,814 / Brasil: 0,764)

População: **236.189**

População de 7 a 17 anos: **48.088**

Número de escolas públicas (EF e EM): **89**

Deixando Marcas

(Nazaré da Mata - PE)



Foto: Gustavo Costa

Mauricélia Lino da Silva
Associação das Mulheres de
Nazaré da Mata (AMUNAM)
Tel./Fax: (81) 3633-1008
Site: www.amunam.org.br
Rúbia Maria Moreira
E.M. João Vieira Bezerra
Tel.: (81) 3653-1012
E-mail: e_jvb@hotmail.com

Há dezoito anos, um grupo de mulheres idealista e feminista acreditou no projeto de criar uma instituição com o objetivo maior de atendimento e fortalecimento das mulheres. Não apenas o "SER MULHER" isolado, mas em uma estratégia que intercambiasse toda a sua história e família, especificamente as relações de gênero, em foco nos temas cidadania, educação sexual e educação ambiental.

E a partir daí nasce a Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (Amunam).

Com um espaço educativo, social e afetivo, construiu sua história e fez parte da vida de muitas mulheres. No início de suas atividades, atendia diretamente mulheres adultas das áreas urbana e rural associadas à Amunam.

Ao virem para a Amunam, elas traziam suas filhas, pois não tinham com quem deixá-las. A equipe de trabalho se organizava e ficava com as meninas, formando pequenos grupos, de onde surgiam, durante as conversas, várias perguntas relacionadas a sexualidade.

As educadoras expunham na roda um pouco de suas vidas e experiências vivenciadas ou que tinham ouvido falar. Sempre com o cuidado de não as impor como respostas únicas, para que cada menina as buscasse no seu contexto de convivência e as comparasse com sua realidade, a partir da formação do seu senso crítico.

De lá pra cá, muitas pedras rolaram, botões de rosas desabrocharam, sementes germinaram. Ações e atividades criaram formas de vida, a cada conquista uma vitória. Para nós, mais que números ou dados técnicos, são parte de nossas vidas, de nossos valores, princípios e, principalmente, de nossa ética profissional.

E hoje a metodologia utilizada em nossas atividades evidencia a ação educativa, que tem como ponto de partida a valorização do outro.

No primeiro momento do trabalho, buscamos incentivar a participante a resgatar sua auto-estima, a observar a visão sobre si, em busca de seu "eu", e sobre seu corpo, seus sentimentos, além de expressar o esboço da imagem que tem de si.

A partir daí, a pessoa passa a ser grupo, somando idéias, construindo histórias, buscando a formação de um projeto de vida, com perspectiva de um futuro socialmente responsável.

A Amunam, através do Projeto Deixando Marcas, vem firmando parcerias nestes anos, garantindo direitos da criança e do adolescente e, sobretudo, garantindo a prevenção e o combate ao abuso e à exploração sexual infanto-juvenil.

Sabemos que cada criança ou adolescente que deixa de sofrer um abuso sexual terá muito mais condições de se desenvolver e ter expectativas de um futuro sem marcas, sem medo e sem sentimento de culpa por uma violência desmedida. Compromisso e responsabilidade concretizam essa afirmação por meio da implementação do Projeto Deixando Marcas nos municípios de Nazaré da Mata, Carpina, Lagoa do Carro, Itaquitinga, Aliança, Timbaúba, Tracunhaém, Paudalho e Lagoa de Itaenga, na Região da Mata, norte de Pernambuco, com o objetivo de capacitar os profissionais para que realizem ações para minimizar os índices de violência doméstica e sexual.

Como implantar um trabalho, que teria, como público direto, os profissionais de educação de escolas públicas e, indireto, os alunos desses profissionais? Percebíamos que, sozinhas, não conseguiríamos, a não ser que desenvolvêssemos algo em mão dupla com a escola. E dessa forma começamos a partilhar e a construir uma teia, em que todas as emoções, vivenciadas por profissionais de educação e alunos, fossem a essência de uma transformação igualitária. E nessa perspectiva de construção coletiva, lutamos contra o abuso, a exploração sexual, drogas, resgatando vidas e o sentimento de igualdade.

Os projetos de intervenção, tarefa final dos profissionais que participam do Deixando Marcas, contemplam a educação sexual em seus ambientes de trabalho junto a crianças e adolescentes.

Percebíamos que, sozinhas, não conseguiríamos, a não ser que desenvolvêssemos algo em mão dupla com a escola. E dessa forma começamos a partilhar e a construir uma teia.



No município de Lagoa de Itaenga, podemos destacar o projeto de intervenção da Escola João Vieira - Projeto de Sensibilização e Informação sobre Sexualidade na Educação -, direcionado ao corpo docente, objetivando maior multiplicação sobre a temática. E na tentativa de ampliar o relacionamento com professores, pais, crianças e adolescentes, foi elaborado o Projeto Criando Elos.

Essa ação é vivenciada em toda a escola e tem como objetivo a diversificação das atividades, o resgate da auto-estima e de valores, assim como a oferta de oportunidades a crianças e adolescentes.

Estamos certos de que este não foi o primeiro, nem será o último fruto do relacionamento entre a Amunam e as escolas participantes do projeto. O esforço de participar da mudança de comportamento e de atitudes é nossa marca... Diante desses profissionais, vimos e sentimos seus anseios, medos, dificuldades, sentimentos incubados, profissionais com desejos de realizar ações sem ter formado seus projetos de vida, mas buscando de uma forma coletiva superar obstáculos, desvendar sonhos e, sobretudo, acreditar que teremos um mundo melhor, igualitário e mais humano.



Fotos: Gustavo Costa

Projeto Deixando Marcas

Início do Projeto: 1º/4/2004

Nº de atendidos: 100 meninas de 9 a 17 anos e 196 profissionais de oito municípios circunvizinhos

Atividades básicas: Oficinas temáticas; oficinas arte-educativas; inclusão digital. Oficinas para profissionais da área da educação, ONGs, saúde e conselheiros municipais. Acompanhamento socioeducativo a familiares.

Parcerias: Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Ação Social; Prefeituras e Secretarias Municipais de Educação de Lagoa do Carro, Itaquitinga, Carpina, Aliança, Timbaúba, Tracunhaém, Paudalho, Lagoa de Itaenga; WCF-Brasil; comércio de Nazaré da Mata.

Saiba mais sobre Nazaré da Mata - PE

IDH: **0,703** (PE: 0,705 / Brasil: 0,764)

População: **29.251**

População de 7 a 17 anos: **6.549**

Número de escolas públicas (EF e EM): **27**

O compromisso certo para as 300 crianças e adolescentes de Samambaia (DF), quando não estão na escola, é o Projeto Brincando e Educando, da Assistência Social Casa Azul.

Todos os dias, de segunda a sexta-feira, eles chegam pela manhã e pela tarde, quase sempre em bandos. É gostoso contemplar a algazarra na frente do portão enquanto aguardam o horário de entrada. Como são inquietos e barulhentos! As meninas com ares de mocinhas já se juntam para cochichar sobre os meninos. Estes, por sua vez, ainda são moleques; desdenham e inventam namoros e aí começa: "Olha! Ele está dizendo que eu estou namorando", reclama a menina com pose de indignada!

A energia, alegria e vivacidade dessa turma dão a impressão de que todo dia é dia de festa. No muro pintado de azul com as letras ensaiando os primeiros traços de grafite, crianças e adolescentes escreveram: amor, educação, compreensão, respeito, lazer, brincar, brilhar, sentir, sonhar... Quem passa olha e pensa: "O que será aquilo diante da realidade em que vivem?". Ignoram que essa turma aprendeu a sonhar e a acreditar em seus sonhos, apesar de conhecerem já muito cedo a dureza de não ter o suficiente para crescer com proteção e tranquilidade. As palavras no muro mostram isso, mas nem sempre foi assim.

Dizem que a ordem dos fatores não altera o produto... Será? Na verdade, acreditamos que altera. Foi por isso que decidimos, nós da Casa Azul e os professores da Escola Classe 317 de Samambaia, alterar a ordem costumeira na relação a que as instituições educativas obedecem quando organizam seus trabalhos. Em vez de impor ordens e regras de cima para baixo, optamos por acolher as crianças, por procurar entender o que elas queriam e precisavam para conseguir as transformações que desejávamos que acontecessem.

O ano 2000 marcou essa transformação. Nessa época, paredes nuas e tristes davam um ar de frieza e pobreza ao local, que tinha fortes marcas do conceito que a comunidade atribuía à Casa Azul. Gente apressada passava de um lado



Foto: Willian de Paula Lima

Cleide Borges da Silva
Assistência Social Casa Azul (ASCA)
Tels.: (61) 3359-2098 / 3359-2095
www.casazul.org.br

Maria do Rosário de Fátima
Siqueira Araújo
Escola Classe 317
Tel.: (61) 3901-7747

Foi preciso muito trabalho, muita inventividade por parte de todos. Mas os resultados começaram a aparecer. O que era aprendido nas aulas de música, dança, teatro era mostrado no pátio da escola.

para o outro. Alguns passavam e cumprimentavam, outros apenas olhavam com curiosidade. Parecia, nessa época, que "a obrigação" era o norte da maioria da equipe de educadores, da mesma forma que, para a meninada de 7 a 18 anos, o Projeto Brincando e Educando era uma decisão do Conselho de Desenvolvimento Social (CDS) ou da Vara da Infância e Juventude que todos precisavam cumprir, sem nenhuma escolha. Foi preciso, como já disse Rubens Alves, esquecer as antigas maneiras de ser da escola e dos abrigos institucionais, para enxergar a criança, o adolescente, enfim, o ser humano escondido no gesto agressivo de revirar as cadeiras e até os armários e depois olhar com aquele jeito de quem dizia: "Você não pode comigo".

Nesse ano, depois de coletar acusações, vindas da comunidade, do tipo "A Casa Azul atrapalha (...), tire o seu filho da Casa Azul, ali é um lugar para meninos de rua, vai aprender o que não presta, vai ficar pior"; e de ver e ouvir educadores que queriam fazer o melhor, mas acabavam desistindo diante das dificuldades de interagir com crianças e adolescentes do Projeto Brincando e Educando durante as atividades, foi preciso parar e repensar. Nesse momento, educadores da Casa Azul e professores da Escola 317 sentaram-se pela primeira vez, falaram e ouviram muito. Todos aprenderam. A parceria nasceu! A troca começou! Um pacto foi estabelecido. As duas instituições fariam de tudo para acolher. A Casa Azul adotou como metodologia "o namoro", considerando que a melhor estratégia com as crianças e adolescentes seria conquistá-los e tornar a Casa Azul um lugar prazeroso, onde sonhos pudessem ser acolhidos, construídos e realizados.

Foi preciso muito trabalho, muita inventividade por parte de todos. Mas os resultados começaram a aparecer. O que era aprendido nas aulas de música, dança, teatro era mostrado no pátio da escola. A agressividade foi diminuindo. Os educadores se sentiram mais motivados. A lógica tradicional foi invertida. A Casa Azul fez tudo o que era possível para adaptar-se às crianças e adolescentes. O Projeto Brincando e Educando ganhou novas cores. Os muros foram pintados - do jeito deles - uma, duas, várias vezes! Ganhou a cara e o jeito deles. Tornou-se a casa dos sonhos, como mostram os depoimentos dos meninos: "Quero estudar para ser advogado e ajudar minha família", "Eu quero ser uma grande bailarina", "Meu sonho é ser ator famoso"...

E os sonhos continuaram. Sentir, brilhar, sonhar - por que não? Se a realidade é dura, eles

sabem que no projeto Brincando e Educando podem aninhar sonhos e vislumbrar o futuro, seja navegando na internet nas aulas de informática; seja na música; na dança, onde o bonito é expressar sentimentos com o movimento do corpo; no teatro; nas artes; nos esportes; nos palcos do Distrito Federal; na faculdade; no primeiro emprego, ao qual já estão chegando aqueles que passaram pelo Brincando e Educando, onde acolher sonhos faz toda a diferença!



Fotos: Willian de Paula Lima

Projeto Brincando e Educando

Início do Projeto: Outubro 1999

Nº de atendidos: 300 crianças e adolescentes de 7 a 18 anos

Atividades básicas: Dança, teatro, artes, música, esporte, informática, jogos.

Parcerias: Ballet Brazil, Secretarias de Estado de Ação Social, de Solidariedade e de Cultura do DF-FAC, Mesa Brasil, BNDES, Pouplex, TokStok.

Saiba mais sobre Brasília - DF

IDH: **0,844** (Brasil: 0,764)

População: **2.051.143**

População de 7 a 17 anos: **428.976**

Número de escolas públicas (EF e EM): **577**

Muitos Focos, Dois Olhares e uma História para Contar

(Campinas - SP)



Foto: Gilberto Vieira Cardoso

Era uma vez...

Encontro de olhares: dois, três, muitos olhares trocados dia a dia. De onde vêm? A quem se voltam? O que buscam? Partem de lugares diferentes: da ONG Projeto Gente Nova e da EMEF Padre Francisco Silva. Lugares tão próximos e tão distantes. Da contradição, emerge o foco. O foco é comum. Tem cara, idade, família e uma história pra contar... Da partilha das histórias ecoam as vozes das crianças e dos adolescentes da Vila Castelo Branco, um bairro acanhado, situado em uma das muitas periferias da cidade de Campinas (SP).

Foco comum, fazeres partilhados que se sustentam em lógicas diferentes: educação formal/não-formal. A identificação e a possibilidade da parceria se dão pela comunhão do respeito mútuo e pela crença na capacidade de transformação das histórias de vida de nossos meninos e meninas. Nosso foco tem a cara de meninos e meninas que, imersos na vulnerabilidade de suas redes de suporte social, experienciam a vida em casas pequenas, superpovoadas, compondo famílias na maioria das vezes chefiadas por mulheres, mães e avós, que se deparam com a possibilidade de não inserção no mercado de trabalho.

Elas e eles têm nome e sobrenome, voz, riso. E com um jeito próprio nos contam pedaços de suas histórias, dando-nos indícios de um final não muito feliz. Apropriamo-nos da metáfora do olhar não por acaso. A intencionalidade reside na constatação de que muitas dessas crianças e adolescentes, razão do nosso trabalho, deixaram de ser enxergadas em algum momento da sua trajetória individual e coletiva. Excluídas do campo de visão do Estado, não são "olhadas" em seu direito aos cuidados sociais, supostamente garantidos pelas lentes da Constituição Federal e ampliados pela Lei Orgânica da Assistência Social e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Vítimas da visão distorcida provocada pelo conjunto de omissões cotidianas dos adultos tão próximos e tão distantes... Omissão que é produto de outras histórias. Histórias silenciadas.

Patrícia Leme de Oliveira Borba
Projeto Gente Nova (PROGEN)
Tel.: (19) 3269-6088
E-mail: projetogentenova@ig.com.br

Adriana Stella Pierini
E.M. Francisco Padre Silva
Tel.: (19) 3269-6092
E-mail: padresilva@ig.com.br

É no cenário do não direito, das sucessivas omissões e da escassez de oportunidades que se vão fortalecendo a rotina e a cultura do "tanto faz", do "é assim mesmo", rotina que legitima a reprodução de papéis no drama da violência, da pobreza, do tráfico. Cruzando olhares, somamos os fragmentos de histórias e nos constituímos numa jornada comum na tentativa de romper essa rotina por meio dos diversos processos educativos, dentro e fora dos espaços institucionais, buscando ressignificar nossos fazeres, que já são mais do que a soma de olhares: são possibilidades concretas de construção de outros projetos de vida nas brechas que cavamos a cada dia de nosso trabalho.

Acreditamos que o diferencial, a singularidade não está nas atividades, nas estratégias utilizadas, mas nos princípios que partilhamos no movimento de devolver a cada uma dessas crianças e adolescentes a possibilidade de acreditar em si e no mundo em que vivem.

Identificar o fruto do nosso trabalho? Somente através de olhares sensíveis que capturam as sutilezas de cada gesto, de cada palavra. Marcas da subjetividade na relação estabelecida entre a criança e o adulto nesses espaços. Marcas da concepção que cada educadora, que cada educador traz consigo sobre a responsabilidade social que tem perante nossos meninos e meninas. Clareza dos direitos que devem ser garantidos. Relações fortalecidas pela empatia, pela capacidade de escuta, pelo acolhimento e problematização daquilo que é trazido, providências de articulação de uma rede adequada de serviços de saúde, de garantia de direitos, de assistência, de educação e cultura. Mas, sem dúvida, o fruto que nos é mais caro é colhido a cada dia: a partilha do processo. Porque trabalhamos com pessoas, com vidas e histórias que se constituem no tempo e nas escolhas que vão sendo feitas. Eis outro fruto: a real possibilidade de escolha!

Poder ver jovens que estão vivos (onde é pequena a expectativa de vida), atuantes (no próprio espaço institucional do Progen, e tantos outros em empresas, no sistema público ou no comércio) e integrados às suas famílias, à sua comunidade, ao seu lugar, dá-nos a certeza de que olhamos, juntos, para a direção devida. Poder circular naquela comunidade, ter acesso à relativa intimidade das famílias e, num movimento de escuta,

É essa partilha que nos constitui, ONG e escola pública, parceiras que, reconhecendo seus limites, buscam na interlocução um meio para darem conta da responsabilidade social diante daquelas crianças e jovens, nosso foco.

identificar indícios de reconhecimento e gratidão porque "o Progen possibilitou a formação necessária para a vida", ou "as oportunidades dadas aos filhos mais velhos também é desejada para os mais novos". É essa partilha que nos constitui, ONG e escola pública, parceiras que, reconhecendo seus limites, buscam na interlocução um meio para darem conta da responsabilidade social diante daquelas crianças e jovens, nosso foco.

Uma confissão: queremos andar na contramão de uma sociedade pautada no modelo das relações de poder, de idade, de gênero e de classe, no modelo do consumo, dos desejos individuais com respostas rápidas pela aquisição do bem material e da passividade frente à vida.

Um desejo: queremos possibilitar mudanças nas trajetórias de vida, garantir ampliação de direitos pautados na consciência mais crítica dessa nova geração.

Uma verdade: trajetórias de vida efetivamente transformadas.

Uma convicção: estamos juntos na concretização desse nosso sonho.

Uma suspeita: histórias comporão histórias outras e, assim, na tessitura desse (re)contar, vai-se tecendo a visibilidade do invisível cotidiano.

Era uma vez...

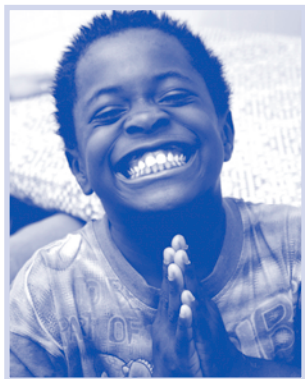


Foto: Gilberto Vieira Cardoso

Projeto Dia-a-Dia Sem Rotina

Início do Projeto: Fevereiro 2003

Nº de atendidos: 300 crianças e adolescentes de 6 a 24 anos e 260 famílias

Atividades básicas: Oficinas de circo, música, esportes, rodas de conversa, brinquedoteca, brincadeiras, contação de histórias, terapia ocupacional, artesanato, informática, jornal comunitário; acompanhamento familiar.

Parcerias: Escolas Públicas Municipais e Estaduais, Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC), PM de Campinas, Conselho Tutelar, CMDCA e CMAS, Banco Bradesco, Centro de Memória da Unicamp, PUC de Campinas, Centro de Saúde, Praça dos Trabalhadores, CRAS Noroeste, Administração Regional, Lideranças Comunitárias.

Saiba mais sobre Campinas - SP

IDH: **0,852** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **969.393**

População de 7 a 17 anos: **179.059**

Número de escolas públicas (EF e EM): **267**

Nascer para Renascer

(Curvelo - MG)

No sopro do encanto nasce o alento e o acalento. Num sopro magnífico e inexplicável surge a vida tão frágil, melindrosa e delicada, que nos faz perplexos diante do grande mistério do nascimento que nos é dado de presente. Iniciamos, assim, o maravilhoso ciclo de nossa existência, única e singular, marcada pelas "diferenças" individuais que nos permitem entender o universo de cada ser que nos rodeia, nos completa e nos afeta, num emaranhado de significados e valores que nos insere num contexto social de seres ativos e passivos, que transformam e se deixam transformar.

Sentimos que era preciso deixar as vestes do tradicionalismo e buscar a metamorfose - nossa e das crianças e adolescentes do entorno. Interessante é lembrar os nossos encontros, que nos saltam hoje aos olhos como tórridas chuvas de verão, que inundavam o ambiente e traziam consigo um turbilhão de idéias e sonhos indagando sempre: "O que podemos fazer? Como vamos fazer? Como vamos nascer?".

Enquanto buscávamos o nascimento, não era visível o renascimento de nós mesmos; no entanto, saímos da obscuridade em que estávamos mergulhados e caminhamos juntos, fortalecidos pelo ideal de que a vida é "uma séria brincadeira de criança", que precisa de um palco repleto de novas emoções, sensações e de grandes transformações sociais, políticas e, a mais bela de todas: a redescoberta de seres humanos melhores, de crianças e adolescentes capazes, que não se bastam a si mesmos.

Nascemos com enormes fragilidades, mas fomos nos afirmando. E os primeiros passos foram conquistados com muita dedicação de nossos voluntários, colaboradores e educadores. Na cantina, donas-de-casa que, depois de uma jornada em seus lares, não medem esforços no preparo de uma saborosa merenda, que nos chega por meio de doações dos comerciantes.

Buscamos parcerias que nos possibilitam implantar e implementar nossa metodologia e aprimorar outras atividades que desenvolvemos: artesanato, fabriquetaria, reforço escolar, teatro, horta, entre outras. Estudar, brincar, cantar,



Foto: Gualter Naves Córrea

Dionízia Gonsalves Veiga
Centro Social Sopro de Vida (CSSV)
Tel./Fax: (38) 372-16766 / 8808-6002
E-mail: soprodevida@veloxmail.com.br

Elizete Alves Matoso
E.M, Irmã Raimunda Marques
Tels.: (38) 3721-1944 / 9105-9962

O que temos percebido de mais interessante é que esses adolescentes não só aprendem, mas sentem-se felizes quando têm a possibilidade de ensinar ou ajudar.

reciclar, criar, ensinar, respeitar são mais que verbos que praticamos no dia-a-dia, de forma alegre, prazerosa e lúdica. Fazemos do bernal de jogos uma referência para transformar a realidade de ensino-aprendizagem.

Assim, entre outros projetos, o Centro Social Sopro de Vida desenvolve o Aprender Brincando, que abre espaço para diversas escolas municipais e estaduais, entre elas a E.E. Irmã Raimunda Marques, do bairro Esperança, periferia de Curvelo (MG). A escola participa do projeto com adolescentes que possuem dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, bem como miserabilidade e baixa auto-estima acentuadas.

Após detectar, por intermédio da equipe pedagógica, juntamente com os professores, as questões que precisam ser trabalhadas, a escola oferece aos alunos a possibilidade de frequentar o projeto. Reúne os pais e, depois de uma conversa esclarecedora, encaminha pai e aluno com uma carta de apresentação. Quando aceitam participar, a escola e a entidade passam a trocar informações quase diariamente.

O projeto conta ainda com o apoio da Secretaria de Educação, que disponibiliza os educadores, e com o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), que capacita e acompanha a parte pedagógica, em forma de parceria.

O que temos percebido de mais interessante é que esses adolescentes não só aprendem, mas sentem-se felizes quando têm a possibilidade de ensinar ou ajudar. Destacamos um de nossos garotos, que está superinteressado em aprender a linguagem Libras para auxiliar nas tarefas do coleguinha com deficiência auditiva que frequenta o projeto.

Assim, ao montarmos essa parceria, acreditamos estar contribuindo com uma educação transformadora dessas crianças e adolescentes, para conviverem como cidadãos dignos e capazes. Eles estão mais abertos, menos agressivos, não faltam à escola, estão mais responsáveis com as tarefas escolares e adoram participar do projeto.

Nosso trabalho inicia-se sempre com a grande roda, onde cantamos, brincamos,

conversamos. É um momento de diálogo aberto, em que todos os assuntos são discutidos de forma coletiva e democrática. Decide-se tudo: desde o que fazer até o como fazer. Ao término de cada atividade, é feita uma avaliação de tudo o que aconteceu, como e por quê.

Assistimos crianças e adolescentes que não encontravam em seus lares um espaço para brincar e que, muitas vezes, já haviam perdido a infância entre o trabalho e outras experiências negativas.

As experiências são enriquecedoras para todos, especialmente para a instituição e para a escola, que proporcionam um jeito novo de ensinar e aprender.



Fotos: Gualter Naves Côrrea

Projeto Aprender Brincando

Início do Projeto: 23/10/2001

Nº de atendidos: 100 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos

Atividades básicas: Reforço escolar, artesanato, teatro, brinquedoteca etc.

Parcerias: Secretaria Municipal de Educação, Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, Escolas Estaduais e Municipais, Conselho Tutelar.

Saiba mais sobre Curvelo - MG

IDH: **0,755** (MG: 0,773 / Brasil: 0,764)

População: **67.509**

População de 7 a 17 anos: **15.154**

Número de escolas públicas (EF e EM): **42**

Projeto Rede Participativa

(Lucena - PB)



Foto: Francilene Bezerra

Em 2001, tudo começou, como conta um de nossos cordéis:

"Debaixo do cajueiro / história com as crianças / chupando caju inteiro / bonecos fazendo dança / com água pelo joelho / ninguém da APÔITCHÁ se cansa".

O Projeto Rede Participativa nasceu em um quintal, às margens da Lagoa dos Homens, em Lucena, uma cidade do litoral da Paraíba. Num cenário social marcado por profundas desigualdades, especialmente ligadas à infância e à juventude, meninos e meninas com histórias de violência doméstica, exploração e abuso sexual, convivência com drogas e trabalho infantil são, desde 2001, o público-alvo do projeto da APÔITCHÁ, que hoje se constitui numa rede de atendimento integral à criança e ao adolescente e se articula a outra instituição - a Rede Margarida Pró-Crianças e Adolescentes da Região Metropolitana da Grande João Pessoa (REMAR), composta por representantes de ONGs e secretarias de governo dos municípios envolvidos e pelo Ministério Público.

No início, os meninos e meninas iam chegando com vara na mão e de pés descalços para "catar o caju e, então, nos reuníamos com eles em nosso quintal para, à sombra da árvore, lermos boas histórias". Sobre esse tempo, Zé Paulo, um dos meninos, conta:

"Quando conheci a APÔITCHÁ eu tinha 11 anos e hoje tenho 15! Naquele tempo a gente se reunia debaixo do cajueiro para ler, cantar, desenhar, fazer teatro de bonecos, tocar instrumentos... Hoje eu sou monitor de um grupo de teatro e já fui monitor da sala de leitura, sou aluno da oficina de música e de teatro".

Atualmente, de segunda a sábado, os meninos e meninas participam de oficinas de leitura e escrita, teatro, música, jornalismo, artesanato. A leitura e a escrita são os eixos articuladores de todas as oficinas, que abordam temáticas como meio ambiente, cultura de paz, educação preventiva (sexualidade e drogas) e direitos humanos. Isso porque acreditamos que quem faz uso da leitura e da escrita passa a ter outra condição social e cultural, é capaz de mudar seu lugar social, seu modo

Andrea Câmara Carrer
Associação de Apoio ao Trabalho
Cultural, Histórico e Ambiental
(APÔITCHÁ)

Tels: (83) 3293-1376 / 3247-4152
www.apoitcha.org.br

Valéria Valentim de Oliveira
EMEF Américo Falcão
Tels.: (83) 3293-1008 / 9303-5523

de viver, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais, torna-se diferente e, portanto, pode exercer de forma qualificada sua cidadania.

As atividades são desenvolvidas junto com as escolas. Nossas reuniões são mensais e nelas realizamos o planejamento de forma participativa. Discutimos nossas ações, buscamos as relações que podem existir entre elas, analisamos e elaboramos novas propostas na direção do atendimento integral. Além dessa reunião coletiva de planejamento, ONG e escolas reúnem-se quinzenalmente nos encontros do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, coordenado e executado pela Apôitchá em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), que colabora com o material didático e de consumo para o programa. Para os professores de 5ª a 8ª série, a Apôitchá oferece encontros sazonais de formação em Psicologia da Adolescência e Educação Preventiva a todas as escolas públicas da cidade.

Além desses programas de formação para educadores, das reuniões de planejamento participativo, das ações socioeducativas com as crianças e adolescentes, o projeto realiza apresentações da Cia. de Teatro de Bonecos Apôithecocos, do Grupo de Teatro Vaga-Lumes e da Oficina de Música pelas escolas da cidade e em eventos na capital.

O trabalho com as famílias se dá mediante atendimento psicossocial, rodas de conversa que ocorrem no espaço de uma produção artesanal, visitas domiciliares e encontros de 150 a 200 pessoas (pais, educadores e adolescentes) por escola, para a discussão de temas como violência, sexualidade e drogas, bem como para a troca de experiências e avaliação do projeto.

Com esse trabalho, constatamos a diminuição do fracasso escolar em 90% das turmas em que realizamos as oficinas de letramento, arte-educação e protagonismo juvenil. As crianças e adolescentes passaram a se interessar mais pela literatura e começaram a ler mais e melhor. No final de 2003, verificamos uma queda significativa no índice de repetência de uma das escolas parceiras.

Outros indicadores de avanço e melhoria na qualidade de vida das crianças e jovens atendidos são apresentados pelo projeto: formou-se uma rede entre sociedade civil e

Acreditamos que é apenas por meio do trabalho conjunto e articulado entre escolas, ONG, comunidade, Conselho Tutelar e poder público que essa educação em tempo integral pode acontecer de fato.



governo; os jovens e as crianças passaram a viver com maior dignidade e afetividade, pautados mais pelo diálogo e menos pela violência; a escola pública se fortaleceu e ampliou as possibilidades de educação integral para seus alunos; houve efetivas mudanças na prática pedagógica dos educadores das escolas envolvidas, na direção de uma pedagogia mais comprometida com o sucesso escolar; crianças e adolescentes passaram a ter maior desenvolvimento na leitura e na escrita e maior conscientização ambiental; desenvolveu-se o protagonismo juvenil na comunidade, especialmente em relação à saúde preventiva e à arte.

Depois de tantas conquistas, é preciso dar continuidade ao fortalecimento da rede. Sabemos que a escola pública não possui condições de realizar sozinha uma proposta

de educação em tempo integral. Por isso, acreditamos que é apenas por meio do trabalho conjunto e articulado entre escolas, ONG, comunidade, Conselho Tutelar e poder público que essa educação em tempo integral pode acontecer de fato. Esse trabalho, por ser conjunto, não está livre de conflitos, mas é pautado pelo diálogo. É com esse diálogo que buscamos o entendimento que viabilizará a melhoria da qualidade de vida da criança e do adolescente. E é por isso que Zé Paulo, hoje, afirma que vive sorrindo!



Fotos: Francilene Bezerra

Projeto Rede Participativa

Início do Projeto: 14/9/2001

Nº de atendidos: 118 crianças e adolescentes de 7 a 18 anos

Atividades básicas: Oficinas de linguagem e protagonismo juvenil; teatro de bonecos; brinquedoteca; sala de leitura; atendimento psicológico; encaminhamentos de saúde; planejamento participativo entre ONG e escolas; formação continuada de educadores e pais.

Parcerias: Escolas Públicas Municipais, Conselho Tutelar, Conselho Municipal de Educação, Secretarias Municipais, Ministério Público, Juizado da Infância e Juventude, Rede Margarida Pró-Crianças e Adolescentes da Região Metropolitana da Grande João Pessoa (Remar).

Saiba mais sobre Lucena - PB

IDH: **0,604** (PB: 0,661 / Brasil: 0,764)

População: **9.751**

População de 7 a 17 anos: **2.518**

Número de escolas públicas (EF e EM): **16**

Responsabilidade Social Partilhada no Cuidado com Crianças e Adolescentes

Desde 1998 que a Casa de Eurípedes tentava organizar uma rede de instituições para trabalhar com famílias em situação de vulnerabilidade social, na cidade de Colinas do Tocantins (TO). Tentamos de tudo um pouco... e nada. E nada mesmo.

Num dia de fevereiro de 2003, soubemos que tínhamos sido escolhidos pela equipe do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Lar Fabiano de Cristo para um projeto piloto de Avaliação de Impacto de Projetos Sociais. Ficamos exultantes. Tudo parecia um sonho. Mas nem de longe imaginávamos o quanto tudo isso mexeria com nossas vidas.

Em junho aconteceu a implantação do projeto. O conhecimento da realidade viva despertou o desejo de implementarmos ações que pudessem ter impacto positivo na vida das pessoas. Não era mais possível trabalhar isoladamente. Com o desejo de promover a família, desenvolvemos uma série de ações: formação de mães como agentes de desenvolvimento humano e comunitário, oficinas profissionalizantes e de arte-educação, formação de mentalidade empreendedora, reuniões de bairro... Foram muitas atividades. Acreditávamos que nosso trabalho tornaria a nós mesmos e os sujeitos com os quais trabalhávamos - crianças, adolescentes e pais - pessoas melhores. As parcerias foram fundamentais: governos municipal e estadual, Sebrae, Lar Fabiano de Cristo, Vitae, BNDES, Capemi, e tantas outras organizações que direta ou indiretamente contribuíram.

Resolvemos então, em 2004, promover um grande encontro, em que cada um poderia falar de suas experiências, com foco no apoio à criança e ao adolescente e na defesa de seus direitos. Aquele era para ser um encontro diferente, no qual a Rede de Apoio à Criança e ao Adolescente tomaria forma.

Era momento de tecer a rede, a muitas mãos. Os fios eram diferentes. Éramos muitos, com muitas expectativas, com experiências de vida e posturas também diversas. Nossas práticas, ainda que buscassem atender ao mesmo público,

(Colinas do Tocantins - TO)



Foto: Edmilson Alves Azevedo

Myrian Nydes Monteiro Rocha
Centro Espirita Eurípedes Barsanulfo (CEEB)

Tel.: (63) 3476-2868

E-mail: ceu.ceebe@bol.com.br

Paulo Fernando Mourão Veras
Secretaria Municipal de Educação

Tel.: (63) 3476-7022

Era preciso
construir
a sinergia,
a interação de
todas as
energias
presentes,
como quem
tece uma
manhã de sol...

também não eram comuns, pois vinham de muitos lugares para se aprender.

Chegado o dia nos apresentamos como pessoas, com sonhos, esperanças e frustrações, mas especialmente, percebia-se pela atmosfera criada, éramos pessoas com senso de cuidado. Mais que um ser de razão e vontade, o ser humano é um ser de cuidado, um sentimento que deve ser recuperado, sobretudo nos dias atuais, em que o nível de descuido e de desleixo paira como uma ameaça sobre o planeta e sobre nosso destino.

A Rede começava a se estender sobre nós, multicolorida, tecido vivo de nossa capacidade de amar e de cuidar... Dos momentos todos que partilhamos, talvez tenha sido esse o de maior exposição, de energia amorosa dispersada, de possibilidades abertas. Era preciso construir a sinergia, a interação de todas as energias presentes, como quem tece uma manhã de sol...

As mudanças provocadas por todo esse emaranhado de aprendizagens resultaram em avanços muito especiais. Continuamos desenvolvendo nossas ações em forma de projetos, e a Secretaria Municipal de Educação implementou mudanças significativas, como a escola de atendimento integral e a incorporação da partilha nas decisões.

A experiência de construção de rede coloca novos horizontes para a gestão político-social das instituições nos dias atuais. Contrariando as grandes redes, impregnadas da lógica do capital, a rede tecida em Colinas tem suas fundamendadas em outros valores: na vida, na dignidade, no resgate daquilo que é essencial.

A Rede de Apoio à Criança e ao Adolescente, enquanto experiência educativa em processo, tem muitos desafios pela frente. O aprendizado da rede nos levou ao resgate daquilo que chamamos de essência humana - o cuidado e as trocas solidárias.

Esta nova modalidade de gestão busca garantir a integração das diversas ações em torno de objetivos comuns, ao mesmo tempo em que constrói com inovação e ousadia, implementando mudanças na gestão. A Casa de Eurípedes busca auxiliar as equipes que atuam com as crianças e adolescentes e prestar assessoria teórica, visando à adequação conceitual e operacional dos programas e ações, incentivando a solução negociada de

conflitos, a melhoria na qualidade do ensino oferecido, a geração de trabalho e renda, a ressignificação da vida e a superação da situação de exclusão a que muitas crianças e adolescentes estão sujeitas.

A Casa de Eurípedes, ao executar o Projeto Tecendo a Manhã e ao tecer a Rede de Apoio à Criança e ao Adolescente, junto a tantas outras pessoas e instituições, faz parte de um processo educativo e de relações humanas (com)partilhadas, que utiliza com sabedoria a educação como ferramenta para a liberdade, para o aperfeiçoamento e consolidação da democracia e do desenvolvimento humano sustentável. E não poderia ser diferente, porque, como diz Dona Antônia: "A Casa de Eurípedes é minha casa porque tive apoio, conforto e alegria no momento mais triste da minha vida".



Fotos: Edmilson Alves Azevedo

Projeto Tecendo a Manhã - Rede de Apoio à Criança e ao Adolescente

Início do Projeto: 1997

Nº de atendidos: 250 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos

Atividades básicas: Oficinas pedagógicas, artísticas e esportivas; artesanato e formação empreendedora em marchetaria e cestaria; formação cidadã (temas: protagonismo, cultura da paz etc.); formação de rede de apoio à criança e ao adolescente.

Parcerias: Escolas Públicas Municipais e Estaduais, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Lar Fabiano de Cristo.

Saiba mais sobre Colinas do Tocantins - TO

IDH: **0,739** (TO: 0,71 / Brasil: 0,764)

População: **25.298**

População de 7 a 17 anos: **6.499**

Número de escolas públicas (EF e EM): **24**

Uma Experiência Sonhada por Muitos

(Manaus - AM)



Foto: Assoc. Nossa S^a. Nazaré

Relatar essa experiência é contar um pouco da história daqueles que fizeram e fazem parte da construção desse trabalho - pessoas importantes que descobriram por meio da arte um novo jeito de olhar o mundo em que vivem.

A comunidade católica, representada pela Associação Nossa Senhora de Nazaré, de Manaus (AM), desenvolvia vários trabalhos para amenizar a violência e chamar a atenção de jovens e adolescentes para esse problema. Não eram, porém, ações sistemáticas, já que o trabalho era voluntário.

A escola, por sua vez, não se envolvia. Estava sempre fechada para esse tipo de trabalho, mesmo tendo conhecimento de que seus alunos também praticavam atos de violência.

Essa situação se prolongou por algum tempo: a comunidade lutando isoladamente para combater a violência e a escola fazendo seu papel tradicional, sem levar em consideração a situação de risco que envolvia sua clientela.

Em dado momento, uma diretora mais sensível assumiu a escola. Preocupada com os altos índices de violência no bairro, ela sabia que essa era a realidade dos alunos e que esse quadro deveria mudar. A comunidade, como já estava em busca de uma solução junto com suas lideranças, aproveitou a oportunidade de envolver as duas instituições e promoveu uma reunião, que deu início a várias outras em prol da luta contra a violência.

A discussão que se seguiu foi norteadada pelas perguntas: O que fazer para tirar esses meninos das ruas? O que oferecer a eles? Queríamos algo que chamasse a atenção daqueles adolescentes e jovens a ponto de tirá-los da situação de risco social em que viviam. E quando as coisas têm de ser, surgem oportunidades que parecem ser providência divina. Uma das irmãs havia recebido uma doação de instrumentos musicais de uma ex-aluna que estava morando na Suíça. Pronto! Aí

Silvana Magalhães

Associação Nossa Senhora de Nazaré

Tel.: (92) 3671-2742

E-mail: ansnazare@bol.com.br

Francivaldo José da Cruz

EM Terezinha Moura Brasil

Tel.: (92) 3671-5768

estava a solução! Os instrumentos, apesar de serem usados habitualmente para música erudita, serviram de inspiração para a criação de um projeto voltado para a arte, que trabalhasse não só a música, mas também teatro, dança e artes plásticas.

O grupo, então, decidiu apresentar o projeto à Secretaria Municipal de Educação, que aceitou contratar os educadores e o coordenador indicados pela comunidade. As atividades tiveram início em 24 de março de 1997, já com os educadores e com uma professora como coordenadora. A comunidade ficou com a tarefa de gerenciar o projeto, captar verbas para melhorar o espaço físico e comprar os materiais necessários.

O primeiro ano, de adaptação tanto para a comunidade como para a escola, o projeto teve número reduzido de participantes em relação aos oito anos seguintes: 150 crianças e adolescentes. No segundo ano, o projeto passou a contar com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (Unicef), que financiou oficinas artísticas oferecidas no período de férias.

Logo no início, organizamos uma caravana ambiental e visitamos as escolas do bairro para a apresentação de um miniespetáculo sobre meio ambiente muito interessante: nós, educadores, também éramos personagens da história.

Nos anos seguintes, produzimos músicas, coreografias, peças teatrais e montamos espetáculos, sempre valorizando o protagonismo infanto-juvenil com temas voltados para a realidade dos participantes, como a questão da valorização do meio ambiente, da nossa cultura, da nossa terra, da nossa região. Vencemos o preconceito que existia em relação aos participantes assumirem sua identidade indígena, focalizando essa temática em nossas peças teatrais, coreografias e músicas. Produzimos o CD *As Águas*, com um repertório musical diversificado, reunindo os trabalhos desenvolvidos por cinco anos. O grande diferencial é que todas as músicas são de autoria de professores e comunitários, interpretadas por alunos.

O trabalho ganhou credibilidade. Crianças, adolescentes e jovens intensificaram a procura pelas atividades - algo novo, diferente, que mexia com sua auto-estima. Seus olhos ganharam novo brilho. A escola e a comunidade, também mais animadas,

Logo no início, organizamos uma caravana ambiental e visitamos as escolas do bairro para a apresentação de um miniespetáculo sobre meio ambiente muito interessante: nós, educadores, também éramos personagens da história.



passaram a se reunir com mais frequência para avaliar o andamento do projeto.

A violência foi diminuindo ao longo dos anos e, além desse problema, o rendimento escolar dos participantes melhorou e o índice de gravidez precoce diminuiu entre as adolescentes que participavam do turno vespertino da escola. Essas mudanças foram visíveis: a escola ganhou novo dinamismo, as crianças passaram a gostar de estar no ambiente escolar, pois o projeto passou a fazer parte das atividades pedagógicas e extraclasse, com apresentações artísticas.

Uma das professoras, que está no projeto há seis anos, relata: "É uma emoção muito grande ouvir pessoas cantando e tocando uma música composta por você. Foi uma experiência única".

Uma aluna diz: "Quando danço, sinto uma alegria dentro de mim, pois me sinto leve, começo a dançar e não estou nem aí para quem está me olhando".

Essas experiências nos mostram, a toda a hora, que a aproximação entre instituições e escolas é a saída para a resolução dos problemas das crianças e adolescentes em situação social de risco.



Fotos: Assoc. Nossa Sª. Nazaré

Projeto Centro de Artes Irmã Yolanda Setúbal

Início do Projeto: 1º/4/2000

Nº de atendidos: 377 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos

Atividades básicas: Aulas de dança, flauta doce, teatro, coral, percussão e musicalização.

Parcerias: Secretaria Municipal de Educação, Unicef, Aifo, Siemens.

Saiba mais sobre Manaus - AM

IDH: **0,774** (AM: 0,713 / Brasil: 0,764)

População: **1.405.832**

População de 7 a 17 anos: **330.781**

Número de escolas públicas (EF e EM): **572**

Os relatos aqui reunidos compõem um mosaico que apresenta a diversidade e os efeitos das ações socioeducativas nas crianças e adolescentes. A força dos relatos está em mostrar soluções que emergem da comunidade para os incontáveis problemas que aparecem. A marca local é a riqueza: o território como potencial de energia, de relações e de idéias.

Mosaico

Estados das ONGs e escolas autoras destes relatos



A Arte de Superar as Dificuldades

(Caxias do Sul - RS)

A cada dia podemos observar o brilho nos olhos, o sorriso nos lábios e a alegria no coração de crianças e adolescentes que chegam às "Ermãs", o Centro de Cuidados Nossa Senhora da Paz.

O Centro atende adolescentes e crianças que vivem nos bairros e núcleos que se desenvolveram em condições socioeconômicas muito desfavoráveis - alguns mais próximos, como Euzébio Beltrão de Queiroz, Nossa Senhora da Paz, Tijuca, Floresta e Cinqüentenário I e II; e outros mais distantes. Todos se encontram em situação de miséria ou pobreza, em condições precárias de habitação, morando em áreas de risco ou ocupadas irregularmente. Nesses lugares, expõem-se cotidianamente ao narcotráfico, à prostituição, à violência e também à fome. Sem a formação exigida pelo mercado de trabalho formal, não têm trabalhos dignos e muitos sobrevivem de "bicos".

Muitas questões dessas comunidades nos chamam a atenção. Uma delas é saber que as crianças e adolescentes vivem em ambientes desfavoráveis para seu desenvolvimento. Procuramos contribuir para que eles possam enfrentar e até superar essa realidade. Mesmo com todas as dificuldades, eles desenvolvem atitudes positivas. Aproveitamos esses exemplos e enfatizamos o tempo todo que acreditamos na capacidade resiliente que apresentam, mostrando-lhes que é possível buscar melhores condições de vida.

Como sabemos da dificuldade que é construir esses novos caminhos, procuramos oferecer-lhes aqui no Centro todo o apoio necessário para que eles superem as adversidades com que se deparam no cotidiano. Para isso, desenvolvemos projetos e atividades relacionados ao Programa Socioeducativo em Meio Aberto (Asema), ao Programa de Orientação e Apoio Sociofamiliar (OASF) e à Capacitação da Equipe (Projeto Cuidando do Cuidador), por meio dos quais procuramos respeitar e resgatar sua auto-estima, assim como criar e recriar os vínculos familiares e comunitários.

Os programas são organizados em oficinas que partem da realidade de cada



Foto: Schiavo

Celita Zandonadi
Associação Educadora São Carlos (AESC)
Tel.: (54) 3225-1922
E-mail: ccnspaz@recria.org.br

Maria Inês Pretto Guarnieri
Escola de Ensino Fundamental Dante Marcucci
Tel.: (54) 3225-2184

Quando nós, educadores, acreditamos que as pessoas podem transformar-se e superar seus problemas, temos de criar oportunidades para elas e salientar suas qualidades.

educando. São espaços de aprendizagem com ênfase na prática, onde são compartilhadas atividades e metodologias importantes para o desenvolvimento de cidadãos espontâneos, exigentes, criativos, críticos, reflexivos e protagonistas de sua história de vida.

O trabalho em forma de oficina, além de um momento de ação, vivência, reflexão e desenvolvimento de aprendizagens, aptidões, habilidades e potencialidades, constitui-se em oportunidade para a equipe prestar atenção às necessidades individuais, acolher, orientar e abraçar. Por meio das oficinas, o educador pode acompanhar o percurso de desenvolvimento da aprendizagem de cada um e fazer, assim, as intervenções necessárias.

Trabalhando dessa maneira, procuramos criar oportunidades que muitas vezes têm transformado a vida de nossas crianças e jovens. Temos muitos exemplos do resultado positivo dessas ações, mas gostaríamos de relatar uma experiência que nos marcou muito.

Um dos adolescentes, em grave situação de risco, continuava freqüentando o Centro de Cuidados Nossa Senhora da Paz. Sabendo da problemática, nunca deixamos de investir em seu potencial e evidenciar suas qualidades e seus pontos positivos. Um dia, ele nos disse que queria fazer um curso profissionalizante, porque seu sonho era ser um grande empresário. Entramos em contato com a Fundação de Assistência Social para verificarmos a possibilidade de uma vaga para ele no Programa Primeiro Emprego. Fez uma prova de seleção e foi aprovado.

Sua trajetória foi toda acompanhada pela equipe, sendo esta uma forma não só de apoiá-lo para que ele não se sentisse desamparado, mas também de conscientizá-lo de sua capacidade. O que na verdade esse adolescente queria e precisava era de uma oportunidade para que pudesse mostrar o que tem de melhor e mostrou. Quando nós, educadores, acreditamos que as pessoas podem transformar-se e superar seus problemas, temos de criar oportunidades para elas e salientar suas qualidades, que às vezes passam despercebidas porque se encontram, de certo modo, encobertas por condutas não aceitas socialmente.

A partir do incentivo das iniciativas da Fundação Itaú Social e Fundação Telefônica, a nossa parceria ONG/Escola se concretizou de fato. Nossa união de forças se deve à crença de que juntos podemos fazer a diferença. Estamos realizando um trabalho de troca de experiências com a equipe da escola parceira, diretores, professores e estagiários. Reunimo-nos com frequência com o objetivo de solucionar alguns problemas cotidianos, como violência e evasão escolar. Nosso intuito é trabalhar em conjunto com a equipe escolar, procurando formas de reverter as situações desfavoráveis e tornar o ambiente da escola mais prazeroso e um lugar de referência para eles. Acreditamos que o processo de transformação começa pela educação e que essa parceria efetivada propiciará mudanças significativas e duradouras na vida tanto das pessoas atendidas, como das escolas que frequentam.



Fotos: Schiavo

Projeto Cuidar é Incluir - Um Espaço de Construção de Alternativa de Vida para Crianças e Adolescentes

Início do Projeto: 3/8/1973

Nº de atendidos: 230 crianças e adolescentes de 6 a 17 anos

Atividades básicas: Programa socioeducativo em meio aberto; orientação e apoio sociofamiliar; capacitação da equipe; oficinas de apoio pedagógico, de culinária, yoga, filosofia, música, dança, ecologia, horticultura, jardinagem etc.

Parcerias: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Fundação de Assistência Social, Justiça Federal, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer e Colégio São Carlos.

Saiba mais sobre Caxias do Sul - RS

IDH: **0,857** (RS: 0,814 / Brasil: 0,764)

População: **360.416**

População de 7 a 17 anos: **69.715**

Número de escolas públicas (EF e EM): **153**

A Mágica Mudança de Vida

(Goiânia - GO)



Foto: Didier

A parceria entre o Circo Lahetô e a Escola Estadual São Cristóvão busca melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes oriundos de famílias de baixíssimo poder aquisitivo, moradoras do Jardim Goiás, em Goiânia (GO), e bairros adjacentes. Uma área de posse, por ser ocupação espontânea, desenvolvida em área pública e de risco.

Para que parcerias sejam bem-sucedidas, é preciso a participação de todos. Lembramos com alegria de quando o Circo Lahetô chegou a nossa comunidade. Esta abraçou a proposta do Projeto Arte, Circo e Cidadania e se envolveu, desde na construção do espaço por mutirão, até na discussão para sua implantação. Afinal, os problemas enfrentados no dia-a-dia do bairro só têm possibilidade de serem resolvidos se forem trabalhados através de uma ação conjunta e ousada.

Ante o desafio de escrever sobre nossas experiências, vieram-nos à mente imagens e histórias de vida das crianças e adolescentes assistidos por nossa parceria. Ficamos emocionadas ao pensar nessas histórias nascidas de uma realidade de exclusão, em que crianças e adolescentes muitas vezes não têm acesso a tantas coisas como o lazer e a cultura.

- Menino, o que você acha que a escola deve ensinar?

- Uai! Não é ler, escrever e fazer conta de cabeça? Mas tudo isso parece muito difícil. Aquele negócio de juntar as letras para dizer coisas! Prefiro falar, mas falar também, às vezes, me dá vergonha e não sei o que queria dizer.

E se eles tivessem um complemento escolar por meio da arte circense, como jogar três bolinhas pra cima e apará-las sem deixar nenhuma cair no chão? E se fossem capazes de se equilibrar numa perna-de-pau de um metro de altura e ainda dançar lá em cima? E se eles comessem a se sentir protagonistas de algo?

A arte circense busca trabalhar a espontaneidade, a oralidade e o improviso.

Seluta Rodrigues de Carvalho
Associação Circo Lahetô
Tels.: (62) 3281-3301 / 9633-0551
E-mail: circolaheto@yahoo.com.br

Elky Elaine Ferreira de Oliveira
Escola Estadual São Cristóvão
Tels.: (62) 3203-4271 / 8427-3262

Portanto, faz com que essas crianças e adolescentes superem os próprios limites e exponham toda a criatividade que possuem. Toda essa criatividade vai, também, ajudá-los na escola. Assim, os participantes do projeto do Circo acabam desenvolvendo maior capacidade de compreensão das matérias escolares, obtendo melhores resultados no aprendizado. Por isso, nessa parceria, só são aceitos no Circo crianças e adolescentes que estejam devidamente matriculados e freqüentando as aulas do ensino público.

Assim, na perspectiva de dar às crianças novas motivações para freqüentar a escola, começamos nossos primeiros encontros de planejamento para combinar atividades conjuntas. "Qual a criança ou adolescente que não gosta de mostrar e ser valorizado em suas conquistas?", perguntávamo-nos. No circo se aprende brincando e os resultados são imediatos.

Um grande exemplo de sucesso foi a Semana do Folclore de 2005, onde pudemos desenvolver com os alunos uma peça de teatro do Bumba-meu-boi, utilizando recursos da arte circense e aproveitando as habilidades deles para trabalhar conteúdos relacionados ao resgate de nossas raízes culturais e apresentar para toda a comunidade escolar. Circo e Escola reuniram-se várias vezes. Planejamos, combinamos. Com a equipe do Circo e com os professores da Escola, aprofundamos a discussão sobre a importância de trabalharmos um tema que diz respeito a nossa identidade cultural. Depois, foi a vez de passar o conteúdo para as crianças e ensaiar. Foram vários dias de pesquisa e ensaio. Os grupos trabalhavam na confecção do figurino e adereços, na seleção das músicas do espetáculo, na definição da maquiagem mais adequada... O grupo da percussão ensaiava exaustivamente as músicas, os atores passavam suas cenas, os malabaristas, monociclistas e pernas-de-pau suavam treinando seus números, assim como todos os outros envolvidos. Quem não atuava na arte de apresentar ocupava uma função não menos importante: auxiliar de direção.

Essa confusão direcionada durou até o grande dia da apresentação. E foi nesse momento único que se deu a transformação: meninos e meninas, antes só percebidos por suas travessuras, transgressões, dificuldades de aprendizagem e de relacionamento, foram aplaudidos e admirados por colegas e por toda a comunidade escolar. Agora são fonte de curiosidade - todos querem saber como esse ou aquele equipamento funciona.

Circo e Escola
reúnem-se
várias vezes.
Planejamos,
combinamos.
Com a equipe
do Circo e com
os professores
da Escola,
aprofundamos
a discussão
sobre a
importância de
trabalharmos
um tema que
diz respeito
a nossa
identidade
cultural.



Protagonistas da situação, falam com desenvoltura e orgulho sobre como se equilibrar numa perna-de-pau e tantas coisas mais...

E nós ali, assistindo àquela metamorfose, nos entreolhamos e sorrimos. É árdua e longa a caminhada, mas sem ela não há conquistas. É o Circo fazendo arte e promovendo cidadania; é a Escola sendo palco de construção e reconstrução de sua história.



Fotos: Didier

Projeto Arte, Circo e Cidadania

Início do Projeto: Março 1996

Nº de atendidos: 120 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos

Atividades básicas: Oficinas de arte circense, capoeira, dança afro, leitura animada, brinquedos e brincadeiras populares, produção e apresentação de espetáculos.

Parcerias: Fundação Pró-Cerrado, Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário, Centro Médico de Apoio Psicopedagógico, Companhia Municipal de Obras e Habitação.

Saiba mais sobre Goiânia - GO

IDH: **0,832** (GO: 0,776 / Brasil: 0,764)

População: **1.093.005**

População de 7 a 17 anos: **219.737**

Número de escolas públicas (EF e EM): **349**

Banda de Lata de Todas as Cores

(Fortaleza - CE)

(...) Atenção, atenção! Senhoras e senhores.

Com muito prazer, Curumins apresenta:

Banda de Lata de Todas as Cores

Banda de Lata de Todas as Cores

(Trecho da música Meu reco-reco,
do CD da Banda de Lata)

Ressaltamos aqui o Projeto de Percussão com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: meninos e meninas de 7 a 15 anos que ressignificam suas experiências de trabalhadores e moradores nas ruas de Fortaleza (CE), desenvolvendo através da arte, com a música e a sucata, os recursos de que necessitam para criar, sendo hábeis e competentes em fazer algo por si e pelo outro, expressando seu papel de cidadãos, anunciando seu direito de serem crianças e adolescentes.

"Estar participando da Curumins é uma oportunidade muito boa, porque tô aprendendo muitas coisas: como fazer teatro, dança e bricolagem, porque isso no futuro eu posso fazer muitas coisas. Hoje eu sou uma menina alegre, divertida e sei fazer muitas amizades." (Francisca, 13 anos)

Relatar uma experiência que se desenrola ao longo de seis anos não é tarefa fácil. Como ser sucinto sem ser superficial? A estratégia, então, é deixar aflorar, no momento, o que vem à memória e ao coração. E a Banda de Lata desperta-nos alegrias, desafios, criações. Aprendemos, como adultos, a ser fortes como essas crianças.

É perceptível a mudança de comportamento desses meninos e meninas. Muitos chegam agressivos, alterando o equilíbrio existente no grupo, e canalizam essa agressividade para a musicalidade. Então, a interação, enfatizando o respeito com os demais, é instaurada. O ato de tocar, de fazer arranjos, de interpretar leva-os a um mundo de sonhos e de imaginação, mas também de racionalidade, onde é possível refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, buscando possíveis



Foto: Francisco Sampaio Fontanele

Lastênia Soares

Associação Curumins

Tel.: (85) 3263-2172

E-mail: curumins@veloxmail.com.br

Site: www.curumins.org.br

Alexandre Barbalho

Secretaria de Educação e

Assistência Social (Sedas) do Ceará

Tel.: (85) 8814-0806

E-mail: barbalho@secrel.com.br

A Escola Bem-Me-Quer, a pedido das próprias crianças, lhes cedeu um espaço para apresentarem o show que estavam montando para o lançamento do CD.

mudanças. Como nos afirma Diego, monitor da Banda de Lata, e que já foi uma das crianças acompanhadas pelo projeto:

"(...) O Parayba [músico responsável pela Banda] repassava a importância da música e da cultura em nossa vida. A relação do maestro com a gente era realista: não tinha fantasias, só realidade. Ele tinha um jeito especial (...) Daí em diante foi só alegria".

A fala de Diego nos confirma que a participação das crianças e adolescentes na oficina permite-lhes o posicionamento positivo em relação à vida, assim como a absorção de valores, como o sentimento de família, solidariedade e cooperação. Nesse processo, eles organizam suas experiências e vivências na família, na escola e na comunidade, adquirindo melhor compreensão de si e das relações com os outros e com o mundo.

Histórias contadas, fatos cantados. Os meninos e meninas da Banda de Lata de Todas as Cores também matizam suas experiências expressando, nos espaços em que convivem, suas idéias e sentimentos. Foi o que aconteceu nas escolas Deputado Manuel Rodrigues e Rogério Fróes. Nelas, um grupo de crianças da Banda construiu um esquete abordando a temática sobre violência sexual. Sensibilizando e informando a todos os que assistiam, concluíam a dramatização com uma apresentação da Banda, dando ênfase a esse projeto como alternativa para as vítimas dessa violência.

"No palco eu não sou mais um menino de rua. Sou um artista." (Jonathan, 12 anos)

Emociona-nos, até hoje, cada ato criativo que essas crianças e adolescentes constroem. A Banda adota uma metodologia baseada no diálogo entre educador e educando, fundamentada na troca de saberes entre seus diversos componentes. Experiências reveladas fazem do momento da oficina e dos ensaios uma história singular, mas coletiva. A conversa é utilizada como forma de mediar conflitos e de tomar decisões grupais. As músicas do repertório são compostas considerando as experiências concretas das crianças e adolescentes.

Em cada uma das atividades proporcionadas - contação de histórias, rodas de conversa, desenho, pintura, dança, jogos de som e movimento, exercícios rítmicos, artes plásticas,

inclusão digital -, ação e criação são o desafio aceito por todos, porque lhes proporciona a experiência da ludicidade.

Há um provérbio chinês que afirma: "Se ouço, eu esqueço. Se vejo, eu lembro. Se faço, eu compreendo". É essa a singularidade que caracteriza a Banda de Lata na vida dessas crianças e adolescentes: o ato de fazer, do qual decorre a compreensão da própria vida. Tal singularidade ressignifica o lugar desses meninos e meninas na sociedade: replicam as técnicas aprendidas no projeto em suas comunidades e escolas, fortalecendo vínculos, construindo e realizando os shows que mobilizam e sensibilizam a sociedade.

É gratificante, hoje, ver as escolas cooperando nessa ação de garantia dos direitos das crianças e adolescentes, oportunizando-lhes também espaços para expressar suas aprendizagens na ONG, como aconteceu, por exemplo, com a Escola Bem-Me-Quer que, a pedido das próprias crianças, lhes cedeu um espaço para apresentarem o show que estavam montando para o lançamento do CD.

Sabemos que essas experiências não param por aqui. Estamos cientes de que deixamos de comentar muitas outras que fazem parte do dia-a-dia do projeto. Certamente não termina aqui essa história...

"Por que parou? Parou por quê? Banda de Lata faz tremer!"



Fotos: Francisco Sampaio Fontanele

Projeto Banda de Lata de Todas as Cores

Início do Projeto: 15/4/2000

Nº de atendidos: 102 crianças e adolescentes de 7 a 15 anos

Atividades básicas: Oficinas de confecção de instrumentos, artes plásticas (pintura e bricolagem), música; complementação escolar (contação e criação de histórias, leitura e escrita, raciocínio lógico-matemático); esportes; inclusão digital.

Parcerias: Secretaria de Educação e Assistência Social do Ceará, Fondation Terre des Hommes, Fundação da Criança e da Família Cidadã, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Telemar Norte Leste S.A.

Saiba mais sobre Fortaleza - CE

IDH: **0,786** (CE: 0,7 / Brasil: 0,764)

População: **2.141.402**

População de 7 a 17 anos: **478.808**

Número de escolas públicas (EF e EM): **653**

E do Mangue Surge a Esperança

(Salvador - BA)



Foto: João Evangelista

Muito haveria a trazer para esta página. Como escolher um fato, uma experiência vivida dentro da aventura de um dia-a-dia sempre diferente? Novos Alagados é um gueto. Um gueto negro, afrodescendente, na periferia de Salvador, ao longo do manguezal da Enseada do Cabrito. Local de acontecimentos históricos: o Quilombo do Urubu, espaço de resistência dos escravos nas matas de São Bartolomeu. As matas de São Bartolomeu, espaço de luta pela independência da Bahia, com a frota portuguesa na Enseada do Cabrito. A "Enseada do Quilombo das Palafitas", local que depois de cem anos de abolição é palco de outra forma de luta e de resistência negra: a resistência para sobreviver, para educar, para escapar à droga, à prostituição infantil, à violência.

Eles foram chegando aos poucos. Mal recebidos pela vizinhança, vinham do sertão, do Recôncavo Baiano, das antigas palafitas da Cidade Baixa, em busca de moradia e trabalho. Só encontraram a lama do mangue. Não encontraram nem trabalho, nem escolas para os filhos. E os meninos foram para as ruas, trabalhar, mendigar, aprender com as drogas, sofrer violência e se tornar violentos. Vítimas do extermínio antes de completar 18 anos, uns 70 em três anos.

Mas esse povo se organizou, se uniu, criou sua associação de bairro, e ao longo de três décadas resistiu com sua cultura, construiu suas outras formas de educar, no "Quilombo das Palafitas". Eles acolheram com carinho quem lhes acenava com a semente da Esperança. Foram à luta: manifestações, enfrentamentos com a polícia, conquistas. Transformaram e se transformaram.

Chegaram ao espaço do Cluberê com 8, 10 anos. Vendedores de amendoim, carregadores de compras, flanelinhas do semáforo. Um, filho de mãe alcoólatra, expulso de casa - o filho não trouxera dinheiro. Outro, contrariado, carregador de compras. Vendedores do Ferry Boat, das ruas da cidade.

"A 1º de Maio significa muito para mim, tenho como uma casa, mesmo porque estou todos os dias aqui, foi aqui que cresci e me tornei o que sou hoje, uma

Vera Maria Machado Lazzarotto

Sociedade 1º de Maio

Tels.: (71) 3401-0571 / 3401-0700

E-mail: primeirodemaio@uol.com.br

Graci Bispo da Encarnação

Escola Estadual Democrática

Bertholdo Cirilo dos Reis

Tel.: (71) 3398-3728

E-mail: bertholdocr@ig.com.br

peessoa de caráter. Me fez aprender a me comportar, hoje eu sei que em cada lugar devemos ter uma certa conduta, devemos saber nos expressar adequadamente, por isso sinto-me feliz por ter participado da Sociedade 1º de Maio que é a minha vida." (Edvan)

Em "Versos e Pregões", criado na Oficina de Imprensa, eles redescobriram beleza nas cenas da Oficina de Teatro de Bonecos. E sonharam VIDA. Descobrimos que, para esses meninos pensarem o futuro, precisariam, no presente, assumir seu passado. Semi-analfabetos. Saímos à procura de vagas. Diálogos com diretores e professores que vinham da cidade. Os temidos meninos do "Quilombo das Palafitas" iam sendo desvelados. Não foi fácil. Iniciava-se uma longa caminhada de transformação, que se repete a cada ano. Os fundadores do Cluberê já concluíram o Ensino Médio. Dezoito deles fazem show de capoeira em Roma:

"Eu falei Cluberê.
Se você não freqüentar
Você vai se arrependê
Eu falei Cluberê!
Você só não vai ser
Feliz se não quiser..." (Toinho)

A comunidade se dera conta de que até então a Escola comunitária se esvaziava. Saímos de porta em porta: 996 crianças e adolescentes nas ruas da cidade. Reunimos as mães. Veio a técnica do UNICEF: "Como segurar quem não tem o que comer?". E sugeriu "l'argent de poche".

Era 1990 - ainda não se falava em Bolsa-Escola. A idéia iria dormir três anos até o financiamento. E depois, a luta para o Cluberê não parar. Os meninos chegaram assustando. Eram 12 anos de Paulo Freire, o aprender com eles. Na escola pública não ficavam mais que uns dias. Quem tem o infinito como horizonte não aceita os limites das quatro paredes. Professoras se desesperando: "Ou ele ou eu!". "Se tiver de escolher, é ele que fica!" Venceu o carinho, a paciência. Um dia um deles perguntou: "Ué, vocês não têm medo de mim?". "Medo o quê, seu pirralho! Cresça, viu, que te mudei as fraldas!", disse a educadora, moradora da comunidade.

No aniversário da Escola Pública, os alunos-meninos das palafitas eram os músicos da Filarmônica de Novos Alagados; os excluídos da sociedade tocaram no hasteamento da bandeira.

Chegamos com o mesmo objetivo. Vera, do Rio de Janeiro, há 30 anos com voluntários italianos, para iniciar a educação popular na favela de palafitas. A semente germinou, teceu uma rede socioeducativa. Graci, filha da terra, que de repente está na direção-geral do maior Colégio desta área, fruto de luta comunitária, buscando com sua equipe de trabalho um ensino de qualidade. Ambas acreditando na educação que transforma e que está transformando, tecendo redes.

Eles quiseram ser felizes. Tecendo o futuro, realizaram um sonho. No aniversário da Escola Pública, os alunos-meninos das palafitas eram os músicos da Filarmônica de Novos Alagados; os excluídos da sociedade tocaram no hasteamento da bandeira. Os músicos, ex-meninos de rua, foram aplaudidos. A bandeira foi hasteada sob o som dos meninos do "Quilombo das Palafitas". Alguns, já no Ensino Médio, outros em fase de vestibular, mas há ainda os que precisam vender nas ruas para sobreviver.

Juntos, vencemos o analfabetismo, a violência, lutamos contra o trabalho infantil. Quando olhamos para estas carinhas, crianças magrinhas, pés em sandálias havaianas, olhos grandes e brilhantes, sorriso farto, suas sofridas histórias se desenrolam em nossa memória. E nosso pensamento voa. De que destino escaparam com a construção desta história? E suas histórias estão entrelaçadas com a nossa opção de vida. De seus instrumentos de sopro se ouviu o Hino Nacional na cerimônia da escola.



Foto: João Evangelista

Projeto Aprendendo com Prazer em Novos Alagados

Início do Projeto: 1º/8/1993 **Nº de atendidos:** 286 crianças e adolescentes

Atividades básicas: Reforço escolar em oficinas de imprensa, jogos, matemática, criatividade, esporte e arte e profissionalização (encadernação, artes gráficas, eletricidade, mecânica, serigrafia e corte e costura); teatro.

Parcerias: Ministério do Trabalho; Secretarias Estaduais e Municipais; Conselhos Estaduais e Municipais da Criança e do Adolescente; Conselho Tutelar; Escola de Música da Universidade Federal da Bahia; Winrock International; Programa Enter Jovem; Coordenação para o Desenvolvimento da Informática; Projeto Ágatha Esmeralda; Associação Voluntários para o Serviço Internacional.

Saiba mais sobre Salvador - BA

IDH: **0,805** (BA: 0,688 / Brasil: 0,764)

População: **2.443.107**

População de 7 a 17 anos: **504.597**

Número de escolas públicas (EF e EM): **657**

"Meus 16 anos... foi inesquecível. Foi o ano que me tornei Agente Jovem, entrei no Projeto Geração XXI. Ano em que descobri o que é cidadania, o que é amizade e respeito. Descobri que a arte é feita por gente de carne e ossos. Que cada pessoa é um artista, com sua arte, seja ela qual for. Sendo Agente, aprendi a compreender os mais velhos e, sendo Jovem, a compreender os mais jovens. Aprendi, e aprendendo ensinei. Aprendi que nada é o que parece e que tudo tem dois lados, ensinei que a amizade é o maior bem da Humanidade. Os anos se vão e, dentro de mim, meus dezesseis anos continuam vivos, como as lições aprendidas e vividas. E mesmo não frequentando mais o projeto, ainda sou Agente Jovem e continuo aprendendo. Aprendi que a saudade é boa e me faz colocar tudo que aprendi em prática."

Esse depoimento foi feito por um de nossos meninos: Tiago Sousa Silva tinha 16 anos quando entrou no Projeto Geração XXI. Hoje com 19 anos, está dando aulas de teatro para as crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) - Núcleo Sociedade Humana Despertar (SHD).

Ao direcionar nossas ações para que jovens como ele possam irradiar seus conhecimentos, acreditamos que cada um possa aos poucos mudar sua realidade social, partindo do princípio da valorização e estímulo das qualidades individuais.

Para compreender a abrangência deste projeto, faz-se necessário entender a realidade do nosso município, além das motivações para a criação do Projeto Geração XXI - Ecoempreendedores do Futuro.

Ele surgiu no ano 2000, quando a Febem divulgou dados de uma grande concentração de adolescentes em medida socioeducativa na nossa região. Com um caráter regional, abrangendo sete municípios (Sumaré, Americana, Hortolândia, Limeira, Piracicaba, Rio Claro e Santa Bárbara D'Oeste), o projeto tem como objetivo atender adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos, em risco pessoal e social que cumprem medida socioeducativa em meio aberto. Outro



Foto: Gilberto Vieira Cardoso

Terezinha Ongaro Monteiro de Barros
Sociedade Humana Despertar (SHD)
Tels.: (19) 3873-9015 / 3873-9081
Site: www.shd.org.br

Célia Maria Carvalho Maia
EMEF Antônio Palioto
Tel.: (19) 3873-9704
E-mail: palioto@vivax.com.br

Para exemplificar a ação conjunta entre a SHD e as escolas do nosso município, relatamos a parceria com a EMEF Antônio Palioto, com a proposta de um trabalho socioambiental no sentido de construirmos referências para um projeto de vida individual e coletivo (...)

objetivo é acreditar na interação e comunicação da comunidade escolar de cada um desses municípios, priorizando a manutenção do contato entre esses adolescentes e garantindo uma ação integrada de âmbito inclusivo, preventivo e protetivo, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A educação aparece então como o meio mais eficaz que a sociedade possui para enfrentar tal desafio, pois um futuro sustentável depende, em grande parte, de pessoas educadas segundo um novo modelo de pensamento, habilitadas para negócios ecologicamente responsáveis, capazes de pesquisar, inovar e criar empreendimentos solidários que nasçam das oportunidades percebidas com um olhar ecossocial.

Para exemplificar a ação conjunta entre a SHD e as escolas do nosso município, relatamos a parceria com a EMEF Antônio Palioto, com a proposta de um trabalho socioambiental no sentido de construirmos referências para um projeto de vida individual e coletivo, desenvolvendo a percepção do protagonismo e construindo os espaços de inclusão, necessários ao exercício pleno da cidadania.

Esse envolvimento dos jovens nos ajuda no estabelecimento de uma relação de amizade e confiança, em que um sempre pode contar com o outro. Neste momento somos amigos e não técnicos e participantes, assumimos a causa juntos, lutamos por um ideal: a melhoria da qualidade de vida de cada um.

Por meio das atividades desenvolvidas no dia-a-dia, percebemos valores que estavam escondidos e que, quando trabalhados, ajudam a descobrir grandes potencialidades abertas para o futuro, que o meio pode inibir ou desabrochar. Nosso papel, portanto, é de criar um meio rico, de modo que os adolescentes possam superar suas dificuldades e abrir uma janela para o futuro.

É também por meio das ações desenvolvidas com esses jovens, pela convivência social e pela interação com suas comunidades que levamos a maioria dos pais ou responsáveis a ampliar seu leque de conhecimentos ou mesmo a adotar novas atitudes. A interação com a família é feita mediante reuniões mensais, acompanhadas de palestras com temas relacionados à vida cotidiana. Partilhar com os pais o trabalho realizado com os

jovens possibilita que eles saibam como os adolescentes estão inte-ragindo nas atividades do projeto, assim como que compreendam melhor o desenvolvimento de seus filhos. É fundamental obter a confiança da família.

Além das reuniões, a entidade oferece oficinas para as famílias, propiciando a criação de um espaço de troca de experiências e amizade entre os pais.

Terminamos nosso relato com outro exemplo de satisfação e sensação de dever cumprido para com esses jovens.

"7 HORAS

7 horas que trazem paz, e ao mesmo tempo agito, onde todos se tornam um só, um único mundo onde

7 horas é o futuro que eu quero,

7 horas de vida,

7 horas de alegria.

Gosto muito de estar aqui, pois todos me olham com um olhar diferente e não como me olhavam, como um garoto baderneiro qualquer,

7 horas em meu mundo onde

7 horas sou uma pessoa-chave, pois se não estivesse aqui,

eu seria uma peça de quebra-cabeça perdida."

(Hellinton Dione Evangelista da Cruz, ex-participante do Projeto Geração XXI)



Foto: Gilberto Vieira Cardoso

Projeto Geração XXI - Ecoempreendedores do Futuro

Início do Projeto: 1º/4/2000

Nº de atendidos: 350 crianças e adolescentes de 13 a 18 anos

Atividades básicas: Dinâmicas de grupo, oficinas de música, teatro, artesanato, informática, esporte, com foco em "educação para a cidadania", "formação integral" e "construção do saber coletivo".

Parcerias: Escolas Públicas Municipais, Conselho Tutelar, Secretarias Municipais (Ação Social, Educação, Fundo Social de Solidariedade), Diretoria de Ensino, Vara da Infância e Juventude.

Saiba mais sobre Sumaré - SP

IDH: **0,8** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **196.721**

População de 7 a 17 anos: **41.962**

Número de escolas públicas (EF e EM): **67**

Na Escola e na ONG, Parceiros Aprendizizes

(Marília - SP)



Foto: Marlene Della Torre

"Meu filho, antes de freqüentar este projeto, era calado, quase não falava, isso estava até me preocupando. Hoje ele está falando mais, chega em casa falando da escola e do projeto." (Mãe em reunião de pais)

"Na escola, nós trabalhamos com alunos de vários projetos sociais e notamos que os alunos que freqüentam o Projeto Barracão apresentam um modo de ser, de conviver diferente dos outros. Eles comentam sobre o projeto e mantêm suas relações de amizade no recinto escolar." (Vice-diretora da escola)

"Meus contatos com a escola têm permitido a troca de informações sobre os alunos. Há casos em que a criança vai mal no projeto e bem na escola, ou vice-versa. Essa observação tem provocado a busca em conjunto das causas e das soluções." (Coordenadora pedagógica do projeto)

As crianças e adolescentes comentam sobre o que "rola" na escola e no projeto na Roda da Conversa:

"Na escola eu gosto de estudar e ficar no recreio falando com as minhas colegas, com a Regina bibliotecária (...) Quando minha mãe não deixa eu vir no projeto por alguma coisa que eu fiz, eu vou correndo falar com o meu pai, aí ele deixa." (Gabriele Thalia)

"Eu gosto de estudar... Sento do lado da professora. Converso muito com o diretor na hora do recreio, ele conta muita história pra gente." (Bruna)

"A escola e o projeto são importantes para a gente aprender. Se faltar um deles nós vamos ter dificuldades nos estudos." (Daiane)

Assim está sendo a nossa experiência de parceiros. Não sabíamos da nossa importância para o sucesso educativo das crianças e adolescentes. No passado, nossos contatos eram bastante tímidos, limitando-se a satisfazer isoladamente às

Lourival Luiz de Silva

Cáritas Diocesana de Marília

Tel.: (14) 3433-9944

E-mail: caritasmarilia@ibest.com.br

Magali Garcia de Brito

EMEF Professor Célio Corradi

Tel.: (14) 3432-1224

E-mail: célio.educ@yahoo.com.br

necessidades de cada um. Foram as edições do Prêmio Itaú-Unicef 2003 e 2005, com as concepções "Muitos lugares para aprender" e "Tecendo redes", que promoveram essa proximidade, tornando a nossa parceria significativa, despertando a nossa atenção para a realidade dos educandos que participam dos nossos espaços.

Modos de convivência social, atitudes e progresso nos estudos passaram a ser observados como resultado das ações que vínhamos desenvolvendo. A valorização da pessoa, da convivência social e da equipe de trabalho é outro elemento que passamos a considerar como geradores de um clima de aprendizagem.

É comovente ver a nossa cozinheira no centro da Roda da Conversa, com uma abobri- nha na mão, falando com os educandos sobre a importância dos alimentos. Ela tem se revelado uma grande educadora, surpreendendo a equipe toda. E não ficou só em assuntos da cozinha... Também tratou de temas em conjunto com os educadores.

Tudo isso nos leva a crer que a participação, o compromisso, as atitudes, a postura de cada membro das equipes refletem-se como modelo para os educandos, e os espaços da escola e do projeto aparecem como laboratórios de convivência humana e social.

Nossa parceria está se tornando cada vez mais sólida. O maior número de crianças matriculadas no projeto é proveniente da escola parceira. Os pais, ao matricularem seus filhos na escola, são orientados a também efetuarem matrícula no projeto. Esse procedimento está possibilitando uma melhor orientação dos educandos, que passam a ser acompanhados desde o início do ano letivo pela escola e pela ONG.

Está havendo, também, troca de informações sobre alunos que participam de outras atividades fora da escola e do projeto, o que tem contribuído para ampliar a nossa parceria. Aliás, esse fator é outro ingrediente que fortalece a nossa união, pois tanto a escola quanto o projeto mantêm articulações com outras ONGs, associações de moradores, universidades, o SENAC-SP, o programa rede social, que vem reunindo ONGs estratégicas para tecermos a rede no município, e as próprias famílias.

Trabalhar em rede não é uma tarefa fácil. Somos herdeiros de visões e práticas que

Quando nos propusemos a trabalhar em rede nos descobrimos perdidos, sem rumo. Parece que o trabalho aumenta, que as nossas identidades se sentem ameaçadas e ficamos sem saber como agir.

fragmentam a realidade. As escolas e os projetos educam, mas não se colocam disponíveis para discutir experiências. Estão instalados em um mesmo território, atendem ao mesmo público, mas permanecem isolados. Só estabelecem contatos em razão de ocorrências negativas que afetam o público em comum. O mesmo se passa entre as ONGs - são várias disputando o mesmo público e realizando as mesmas tarefas, mas sem uma relação que poderia se traduzir em um trabalho articulado para atender às demandas dessa realidade.

A princípio, todos nós achamos bonita a idéia de rede, nos sentimos irmanados e cheios de esperança, mas quando nos propusemos a agir desse modo nos descobrimos perdidos, sem rumo. Parece que o trabalho aumenta, que as nossas identidades se sentem ameaçadas e ficamos sem saber como agir. O sistema de rede nos propõe uma forma de organização horizontal e isso nos amedronta, pois estamos acostumados ao modelo vertical, hierarquizado, onde sutilmente escondemos nossos medos e nossas formas de exercer o controle.

Estamos aprendendo, nos sentimos mais criativos, mais inovadores. O modelo de rede estimula e possibilita um clima de relações mais alegres. Por isso achamos que vale a pena, pois é nesse caminho que aprendemos, que encontramos respostas para problemas que pareciam sem solução. É nesse caminho que nos tornamos mais apaixonados pelo nosso trabalho, que passamos a acreditar mais, a descobrir que há outras portas que se abrem para nós - escolas, ONGs e público-alvo.



Foto: Marlene Della Torre

Projeto Barracão

Início do Projeto: 1984

Nº de atendidos: 90 crianças e adolescentes de 7 a 18 anos

Atividades básicas: Acompanhamento escolar, arte circense, esporte, informática e recreação.

Parcerias: Companhia de Maria - Marianistas (ordem religiosa); Prefeitura Municipal de Marília, TVC Marília, Univem (Centro Universitário Eurípides de Marília), Senac, Marilan Alimentos S.A.

Saiba mais sobre Marília - SP

IDH: **0,8** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **197.340**

População de 7 a 17 anos: **37.824**

Número de escolas públicas (EF e EM): **74**

O Despertar dos Adolescentes

(Itariri - SP)

Ser apenas um abrigo era muito pouco. Estávamos no início de agosto de 2001. A imagem que predominava na cidade revelava forte presença de sentimentos de rejeição e exclusão social: para muitos, o abrigo era um "depósito" de crianças e adolescentes. Nessa relação, aprendemos a sentir como funciona o "mosaico da violência silenciosa", que faz com que crianças, adolescentes e adultos assumam o papel de diferentes e excluídos socialmente.

Precisávamos mudar essa imagem, transformando a situação. As próprias crianças e adolescentes vestiam a roupagem de "seres diferenciados e estigmatizados pela sua pobreza e abandono". Todos os profissionais envolvidos relatavam a necessidade de promover mudanças eficazes nos conceitos e preconceitos comunitários. Era primordial desenvolver um trabalho visando ao desenvolvimento integral, promovendo uma mudança compartilhada, em que a rede família-escola-comunidade viesse a ter uma participação ativa na formação dessas crianças.

A providência mais importante foi montar uma equipe multidisciplinar, focando a reintegração social e recuperação dos vínculos fragilizados dessas crianças e adolescentes com sua família. Isso fez a grande diferença, despertando todos para a necessidade de concretização efetiva dos resultados.

Abrir os trabalhos para o atendimento em meio aberto de crianças e adolescentes da comunidade em situação de vulnerabilidade social, com base em medidas socioeducativas (LA - Liberdade Assistida e PSC - Prestação de Serviços à Comunidade), foi um avanço que conseguimos em parceria com a Escola Estadual de Itariri (SP). Havia a necessidade, de um lado, de aprofundamento nos problemas apresentados pelos alunos e, de outro, de integrar nossas crianças e adolescentes à sua comunidade, para que todos percebessem que os problemas são os mesmos, independentemente do lado em que se encontram.

O projeto desenvolvido nas escolas foi inovador. Com o apoio da direção da



Foto: Joana Coelho Freitas

Isabel Cristina Miñana Fraga
Núcleo de Apoio Social à Criança e ao Adolescente - NASCA
Tel.: (13) 3418-1286

Valmir dos Santos
Escola Estadual de Itariri
Tel.: (13) 3418-1185

Com o apoio da direção da escola, pudemos sensibilizar os docentes para o desenvolvimento de trabalhos socioeducativos em busca de uma reintegração do adolescente na comunidade e na família.

escola, pudemos sensibilizar os docentes para o desenvolvimento de trabalhos socioeducativos em busca de uma reintegração do adolescente na comunidade e na família. O trabalho psicológico e pedagógico nas escolas estaduais (hoje são três) aproximou o corpo docente, desencadeando reflexões sobre as problemáticas de cunho familiar, cultural e social que interferem no desenvolvimento das crianças e adolescentes. O acompanhamento psicossocial estendeu-se às famílias dos jovens e adolescentes, promovendo assim a possibilidade de refletirem sobre suas atitudes e possibilidades de melhorar sua qualidade de vida.

A defasagem na aprendizagem gerava insegurança e desinteresse no processo educacional. Era preciso criar novos desafios que ajudassem no desenvolvimento da cognição. Foi através da complementação escolar e da informática que se reduziu a evasão e se melhorou o desempenho escolar. A participação nas oficinas de artes (teatro, música e capoeira) favoreceu a mudança de atitudes.

O trabalho com artes cênicas envolveu a entidade Acisoita, parceira que abriu as portas para integrar crianças e adolescentes abrigados às suas crianças de 7 a 14 anos. Em contrapartida, entramos com os educadores que formaram um grupo de teatro e música. Esse trabalho permitiu que pudessem se apresentar em eventos nos municípios de Itariri e Pedro de Toledo, impressionando pela sua performance e dedicação. Com isso, ocorreu uma melhora significativa na auto-estima dos jovens.

Por meio da parceria com empresas privadas e entidades diversas (Prêmio Itaú-Unicef, Real ABN AMRO e Petrobras), houve uma aproximação maior com o poder público. Passamos a oferecer anualmente cursos de capacitação para conselheiros e técnicos dos dois municípios, o que permitiu maior visibilidade social ao projeto.

Além dessas parcerias, também contamos com os Conselhos Municipal e Tutelar e com o Fórum Distrital de Itariri. Com o apoio da Prefeitura Municipal de Itariri, instalamos um Centro de Referência de Capacitação, oferecendo vagas de meio aberto à população nos cursos de artes plásticas (artesanato com fibra da bananeira, bambu, mosaico, marchetaria e bordados), nos quais adolescentes e pais participam do processo de aprendizagem para aquisição de técnicas de produção artesanal. Essa atividade visa

também à geração de renda, ainda um grande desafio. A parceria do Sebrae, com possibilidades de formação de cooperativa para produção de móveis de bambu, amplia a chance de vencer esse desafio. Sem essas parcerias, não teríamos obtido resultados tão satisfatórios e passíveis de reconhecimento de todo um esforço da direção e equipe multidisciplinar.

Os resultados nos mostram que não é mais aceitável a segregação e marginalização por parte da sociedade: hoje a rede deve ser compartilhada, favorecendo a integração na comunidade, onde o "cidadão integral" é aquele que participa, partilha, comunica, transforma para um bem comum a busca da qualidade de vida comunitária.

Para isso, não podemos deixar no esquecimento aquilo que fomos um dia, e que essa integração só é possível a partir do momento em que nos libertamos dos conceitos e preconceitos, deixando nossos sentimentos participarem do trabalho desenvolvido. É motivador olhar o rosto dessas crianças e adolescentes que, mesmo com medo, se colocam e começam a questionar a própria vida, sua educação, seu futuro. Com isso, a confiança se fortalece e nos faz lembrar que temos uma história peculiar e única que podemos dividir com um grupo maior.



Fotos: Joana Coelho Freitas

Projeto Criança/Adolescente - Um Futuro em Construção

Início do Projeto: 1º/1/2004

Nº de atendidos: 213 crianças e adolescentes de 0 a 18 anos

Atividades básicas: Acompanhamento psicossocial e pedagógico; complementação escolar; informática; oficinas de artesanato (fibras naturais); trabalhos manuais; viveiro de mudas (palmito); teatro; esportes; música; protagonismo juvenil; grupo de apoio às famílias; geração de renda.

Parcerias: Escolas Públicas Estaduais e Municipais, Conselhos Tutelares, Secretarias e Conselhos Municipais, Prefeituras de Itariri e Pedro de Toledo, Real ABN AMRO, Petrobras, Fórum Distrital de Itariri.

Saiba mais sobre Itariri - SP

IDH: **0,751** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **13.856**

População de 7 a 17 anos: **3.483**

Número de escolas públicas (EF e EM): **21**

Projeto Criança Integrada

(Maceió - AL)



Foto: André Molina Jr.

Nossa proposta no Centro Espírita O Consolador, resultado de muitos anos de experiência, é desenvolver ações integradas que dignifiquem e qualifiquem a vida de crianças, adolescentes e jovens, com ou sem necessidades especiais, tendo como foco a educação em geral interligada ao esporte.

Quando começamos este projeto, várias crianças e adolescentes já integravam a instituição e as nossas vidas. Surgiu então a idéia de oferecer, por meio de atividades em sala interligadas aos esportes, e com material pedagógico que íamos criando, uma educação contextualizada à visão de mundo dos meninos, mas que, ao mesmo tempo, ajudasse-os a melhorar de fato a linguagem, o raciocínio, a matemática.

Tendo já combinado com o diretor da escola, convidamos as crianças para participar das atividades em horário contrário ao escolar. No início, sentávamos e, juntos, íamos delineando a nossa prática naquele dia, inclusive definindo as regras dos jogos e brincadeiras, sempre procurando manter a participação de todos num clima de solidariedade e cooperação.

O esporte e a educação física foram o início de tudo, mas com o tempo outras demandas foram surgindo. Elas eram muitas, mas tínhamos certeza de que iríamos conquistá-las juntos e com o tempo. As experiências que relataremos agora permitem uma visão do caminho que percorremos.

Higino José dos Anjos Vieira
Centro Espírita O Consolador
Tels.: (82) 3034-2242 / 8835-5372

Gilvânia Gomes dos Santos
Escola Municipal Professora
Claudinete Batista
Tel.: (82) 8835-9119

A música enriquecendo as atividades

Depois de algum tempo, iniciamos aulas de música para as crianças com outro adolescente ex-usuário de drogas em recuperação. Esse adolescente trabalhou conosco como músico voluntário, mas logo foi embora para o Recife, pois reencontrou sua família e voltou para casa. Ficamos algum tempo em busca de alguém que pudesse contribuir com a continuidade dessa parte artística e cultural que as crianças gostavam tanto. Finalmente, uma voluntária retomou o trabalho. Ela tem muita vontade de ensinar; nossos meninos estão aprendendo a

gostar de música e a compor. É um trabalho inicial, mas que apresenta um resultado de sensibilização e enche os olhos de quem queira ver.

A inclusão digital

Depois de muitas dificuldades, conseguimos implantar um laboratório de informática com 17 computadores, comandado por um universitário voluntário que atende nossos alunos. Essa ferramenta pedagógica que é o computador tem ampliado a competência cognitiva dos meninos em relação à escrita, às noções de informática, à organização dos trabalhos, mas também tem promovido atitudes de zelar pelo equipamento, de dividir com o outro o teclado, além de comunicação e lazer, pois o sistema é composto de jogos educativos - eles adoram vencer os desafios e também aprendem a perder.

As crianças e jovens portadores de necessidades especiais

Os portadores de deficiências visuais e os hemiplégicos, além da prática esportiva, participam das aulas de inclusão digital, todos juntos, de fato inseridos. Na ação coletiva de aprendizagem entre os portadores de necessidades especiais e os demais meninos, percebemos que, ao longo do processo, eles foram somando experiências e aprendizagens. Aprenderam a conviver e respeitar as diferenças, a gostar de novas pessoas e se sentir amados por elas, a trocar, a ser solidários e tantos outros aspectos fundamentais ao desenvolvimento das pessoas e dos cidadãos.

O exemplo maior nessa interação humanista é, hoje, a professora do reforço escolar, que tem apenas 55% de visão em um dos olhos. Com muito compromisso e com nossa ajuda, ela ministra suas aulas e tenta, passo a passo, auxiliar nas pesquisas, nos textos, na matemática, na história, nas discussões em sala, na roda da leitura. Sua dedicação faz com que as crianças percebam que todos são capazes, que as limitações podem ser superadas e que todo o processo se torna muito rico para todos.

Em conjunto é que se anda

Entre outras parcerias, a do Clube dos Oficiais da Polícia Militar veio somar forças em favor da causa da educação pelo esporte. Com a cessão do uso das piscinas, o Clube contribui conosco neste desafio. Outro novo parceiro, a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer, cedeu sua pista de atletismo. Conseguimos também uma ajuda de custo com

Tendo já
combinado
com o diretor
da escola,
convidamos as
crianças para
participar das
atividades em
horário
contrário ao
escolar. No
início,
sentávamos e,
juntos, íamos
delineando a
nossa prática
naquele
dia (...)



outro parceiro para as professoras de judô e de balé. Como se vê, o esporte foi o pontapé inicial, mas passamos a contar com muitas pessoas que nos ajudam e trocam conosco o fazer num processo de construção e avaliação constante.

Empreendedorismo coletivo

O potencial educativo presente nas atividades esportivas, de inclusão digital, de apoio às atividades escolares, de inclusão dos portadores de necessidades especiais, de música é mobilizado para desenvolver potenciais e formar pessoas capazes de agir com base em princípios éticos e de formação cada vez mais de modo autônomo e transformador, tanto individual como coletivamente. Para isso, todos os freqüentadores da entidade co-participam da manutenção do projeto.

O desafio continua

Hoje, o reconhecimento da comunidade revela-se em convites para participarmos de vários eventos esportivos até em outras cidades. Manter as atividades em funcionamento, porém, é um desafio que não se encerra com o que conseguimos até aqui e só será possível com a parceria e o apoio de todos.



Fotos: André Molina Jr.

Projeto Criança Integrada

Início do Projeto: 15/3/2002

Nº de atendidos: 120 crianças e adolescentes de 7 a 16 anos

Atividades básicas: Apoio a atividades escolares, oficinas esportivas (natação, judô, capoeira, atletismo e triathlon), roda da leitura, inclusão digital, apoio sociofamiliar e oficina de iniciação musical.

Parcerias: Bob's, Usina Coruripe, Clube dos Oficiais da Polícia Militar, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, WR Assessoria, Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente e Escolas da Rede Pública.

Saiba mais sobre Maceió - AL

IDH: **0,739** (AL: 0,649 / Brasil: 0,764)

População: **797.756**

População de 7 a 17 anos: **176.435**

Número de escolas públicas (EF e EM): **209**

E Foi Assim que Tudo Começou...

(São Paulo - SP)

Em 2001, éramos um grupo - professora e estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - e estávamos cheios de sonhos e idéias, comprometidos e entusiasmados com a prática profissional e com todo o universo novo e desafiador que iríamos enfrentar fora dos muros da Universidade.

Foi numa casa acolhedora, cheia de sol, de cores e de esperanças, no bairro paulistano do Ipiranga, que iniciamos naquele ano o Projeto Refazendo Vínculos, Valores e Atitudes. Todos estávamos ansiosos para pôr em prática aquilo que se ensinava e se aprendia na faculdade e apostávamos no sonho de uma ação de autogestão, cuja metodologia negasse os padrões tradicionais de atendimento.

Foram chegando os primeiros meninos e meninas e os desafios nos levavam a ler, estudar, refletir, ir para a favela, para as escolas, conhecer e reconhecer a realidade dos adolescentes. Passamos a atender e conviver cotidianamente com cada um daqueles muitos adolescentes, filhos das classes populares da periferia de Heliópolis, expostos ao uso e abuso de drogas, à violência doméstica e a conflitos com a polícia, com a justiça e com a família.

Passo a passo, fomos construindo e testando uma metodologia em que a fala e o saber de cada adolescente nos alimentavam na produção de cada novo conhecimento. Quantas vezes esses adolescentes, tão diferentes na forma de viver, vestir e falar, participaram de aulas, debates, falaram e se apresentaram nos espaços da famosa PUC, que passou a ser um pouco deles.

Terça feira, abril de 2004. Estávamos numa atividade de acolhimento e pedimos aos adolescentes que trouxessem o material que encontrassem a caminho do projeto. Eles chegaram naquela tarde chuvosa trazendo latinhas, garrafas PET, pedaços de papelão, embalagens de suco e de leite, pedaços de lã, de linha e panos, restos do lixo dos mais ricos do bairro. Havia no projeto massas de biscuit, tintas e gazes, sobras de uma antiga oficina de máscaras. Formamos a roda no

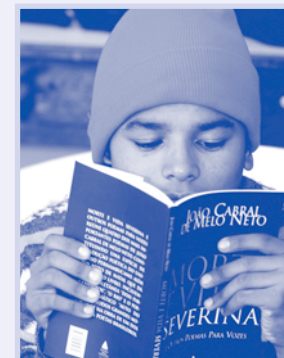


Foto: Christina Rufatto

Rosalina de Santa Cruz Leite
Fundação São Paulo
Tels.: (11) 3287-5804 / 6168-7407

Eliane Dantas de Oliveira
Sganzerla
Escola Estadual Professor Gualter da Silva
Tel.: (11) 2273-2841

A parceria com as escolas foi acontecendo de diversas formas. No início, fomos às escolas contar nossa proposta, conhecer os coordenadores pedagógicos, os diretores, os professores, saber um pouco sobre os adolescentes do projeto (...)

pátio e, modelando massa, misturando tinta, recortando tecidos e gazes, foram aflorando os sentimentos, a criatividade, a imaginação de cada um. Não havia moldes, nem seriação, muito menos modelos. E até hoje é assim: cada boneca é uma criação, recriada a cada nova oficina.

Assim, todas as terças-feiras à tarde os adolescentes e jovens, ao virem para a Oficina de Bonecas - como ficou conhecida a oficina de artes plásticas com materiais recicláveis -, trazem o que catam pelo caminho e vão juntando, montando, modelando bonecas de todos os tamanhos e cores, de caras tristes e risonhas, com histórias alegres, de luta, de vida, vindas da favela, do Nordeste...

E quando as meninas resolveram levantar no grupo - enquanto pintavam, modelavam, vestiam suas bonecas - questões de gênero, como sexualidade, qualidade das relações entre homens e mulheres ou entre mulheres, além dos papos sobre namoro, afeto, cidadania, violência doméstica e sexual, gravidez precoce, contracepção etc., a coisa pegou fogo! A conversa esquentou, a produção aumentou e juntos constatamos que só a tomada de consciência das questões que nos afligem não resolvia um dos principais problemas das meninas e meninos do projeto: a privação econômica, a falta de oportunidades. Ao mesmo tempo, eles mesmos foram descobrindo que podiam construir a própria história e escolher caminhos diferentes.

Muitos desafios já foram superados, outros estão sendo trabalhados: o grupo adquiriu identidade própria, coletiva e solidária. O mais difícil é garantir uma ação coletiva e solidária quando nem todos os participantes do grupo têm o mesmo ritmo nem as mesmas habilidades. Como também tem sido difícil aprender a dividir as tarefas respeitando as diferenças, valorizando o trabalho do outro etc. Tivemos também de garantir que eles pudessem se expressar e criar sem repetir o que está dado pela sociedade de consumo.

A parceria com as escolas foi acontecendo de diversas formas. No início, fomos às escolas contar nossa proposta, conhecer os coordenadores pedagógicos, os diretores, os professores, saber um pouco sobre os adolescentes do projeto... Algumas vezes fomos lá para garantir vagas. No final, acabamos montando muitas oficinas - como as de música,

teatro, redução de danos e sexualidade - junto com professores e alunos em muitas das escolas parceiras.

Pensamos que não basta assistência do Estado; é preciso que todos nós da sociedade civil assumamos o compromisso de atuar para a transformação da família, escola, comunidade.

Estamos aqui reunidos hoje, com cada adolescente, na busca por rotas de saída, compartilhando o riso e a força do protagonismo juvenil que vai sendo construído nos grupos temáticos e de discussão, nas oficinas de música, de bonecas, nos passeios e nas idas às escolas. E é isso que faz diariamente esse vínculo crescer, aprofundar-se e criar raízes entre nós, capazes de suportar as tensões e conflitos diários na construção de nossas relações.



Fotos: Christina Rufatto

Projeto Refazendo Vínculos, Valores e Atitudes

Início do Projeto: Fevereiro 2002

Nº de atendidos: 120 adolescentes de 12 a 18 anos e suas famílias

Atividades básicas: Atendimento grupal psicossocial a adolescentes e familiares; apoio individual (proteção jurídica); oficinas de artes, cultura, sexualidade, relações de gênero, economia solidária etc.; grupo de redução de danos.

Parcerias: Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundo Ângela Borba (RJ), Conselho Tutelar do Ipiranga (SP) e escolas públicas da região.

Saiba mais sobre São Paulo - SP

IDH: **0,841** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **10.435.542**

População de 7 a 17 anos: **1.946.836**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **2.170**

Projeto Ser Menina

(Rio de Janeiro - RJ)



Foto: Ricardo A. Gomes

"Hoje as oficinas de leitura me fizeram ir além do meu mundo - viajo conhecendo outros lugares, isso me fez ser uma outra pessoa."

(Marytsa, mediadora do Projeto Ser Menina)

A dança e a leitura são pontos de partida para o trabalho pedagógico no Projeto Ser Menina. A arte e a cultura são compreendidas pela nossa equipe como expressões universais de forte potencial para o processo pedagógico com as jovens.

Com essa visão, não foi difícil achar o caminho do Centro de Atenção Integral à Criança - CAIC Nações Unidas, única escola existente na comunidade de Cidade Nova, situada na zona Oeste do Rio de Janeiro, de onde vêm aproximadamente 90% das meninas atendidas pelo projeto.

Entendemos que toda experiência nasce a partir de um sonho. E a nossa não foi diferente. Tendo como metodologia as diretrizes do Projeto Biblioteca Viva da Fundação Abrinq, no trabalho de incentivo à leitura, onde são oferecidas condições para que as pessoas envolvidas descubram sua capacidade de criar, inventar e reinventar seus objetivos, uma vez que não lhes são impostas condições e regras para alcançar resultados, buscamos, juntos, colocar em prática esse sonho de tornar leitores crianças e jovens do projeto e da escola.

O mais importante para nós do projeto e da escola era possibilitar, tanto às meninas quanto aos alunos, a experiência do contato com o livro de uma forma livre e prazerosa. E daí o Projeto Mudando a História, nascido no seio da Biblioteca Viva, onde os jovens são chamados a ser mediadores de outros. Podemos dizer que é uma experiência feliz, a partir da qual as meninas se tornam mediadoras de leitura, tendo o papel de compartilhar com os alunos da escola o prazer de ler, de conhecer e de descobrir o que os livros podem oferecer, enquanto os alunos têm a oportunidade de compartilhar suas experiências, observar, conhecer, sonhar...

Márcia Barbosa Alves

Instituto de Ação Cultural (IDAC)

Tels: (21) 2415-1446 / 8759-3461

E-mails: sermenina@ig.com.br

Maristela dos Santos Vale

Escola CAIC Nações Unidas

Tels.: (21) 3402-6813 / 2413-0602

Entendemos que é impossível construir um país onde os jovens não conseguem ter o domínio da leitura e da escrita, como afirma Bernardo Toro em seus Códigos da Modernidade. A oportunidade de fazer da leitura uma prioridade sem torná-la uma obrigatoriedade, que na maioria das vezes leva ao desinteresse pelos livros, é o que encanta e estimula nesta proposta.

Inicialmente, trabalhamos com alunos que compareciam às oficinas de leitura em horário complementar ao da escola, o que acontecia uma vez por semana no espaço da biblioteca escolar. As meninas se preparavam com antecedência: liam os livros que seriam apresentados, pesquisavam sobre autores, organizavam dinâmicas para sensibilizar o grupo, enfim, reuniam-se para planejar todo encontro.

As atividades com os alunos eram motivo de muito entusiasmo e expectativa, pois às vezes tinham dificuldades de colocar em prática seu planejamento. Essa prática marcou muito, pois percebiam nas crianças a resistência que elas mesmas tiveram pela leitura e pelas atividades propostas no projeto. Esse fato possibilitou a reflexão e o entendimento acerca da dificuldade na formação de leitores, tendo em vista a desigualdade social. Muitas famílias não têm acesso à leitura. Em suas casas não existem livros, jornais, revistas. Porém, esse acesso começou também a ser possível, pois as meninas passaram a ler para irmãos, mães, primos...

As oficinas aconteciam com a exposição dos livros aos alunos para que pudessem ler e manuseá-los e escolher o que quisessem ler. A relação das leituras com a história de vida deles e outros fatos e experiências possibilitou pensar, refletir, imaginar, sonhar.

Alguns alunos queriam sempre a mesma história porque desejavam vivenciar a mesma emoção de tristeza, de alegria, medo. Queriam ouvir novamente e brincar com seu imaginário, pois já conheciam o final da história.

No início, as meninas mediavam, depois passaram a ter um contato mais íntimo com o livro, e a necessidade de ler em voz alta para os colegas passou a ser um exercício.

Atualmente,
a mediação
[da leitura]
passou a fazer
parte da grade
curricular da
escola e os
professores
começam a
participar do
processo.
Alunos já
podem se
tornar
mediadores
em outras
escolas dos
arredores (...)



Muitos aspectos foram vivenciados e trabalhados, mas, sem dúvida, mediar a leitura contribuiu para o crescimento tanto dos alunos da escola, quanto das integrantes do Projeto Ser Menina. Todos melhoraram na leitura e na escrita. Além disso, eles ampliaram seu repertório, falam e interagem melhor uns com os outros e com os adultos. Constatamos também que, por meio de leituras compartilhadas entre gerações e grupos, contribuímos para aprendizagens recíprocas, facilitando a integração entre pais e filhos, moradores da mesma comunidade. Afinal, estreitamos a relação do Projeto Ser Menina e do CAIC Nações Unidas.

O Projeto Mudando a História continua crescendo por aqui. Atualmente, a mediação passou a fazer parte da grade curricular da escola e os professores começam a participar do processo. Alunos já podem se tornar mediadores em outras escolas dos arredores e aí levar também, através da leitura, a possibilidade de mudar e reescrever a vida, de sonhar e encantar tantas pessoas.



Fotos: Ricardo A. Gomes

Projeto Ser Menina

Início do Projeto: Outubro 1993

Nº de atendidos: 50 meninas de 12 a 18 anos (por mês)

Atividades básicas: Oficinas de dança, informática educativa, saúde e sexualidade, projeto Mudando a História (jovens mediadores da leitura e grupo de reflexão).

Parcerias: CAIC Nações Unidas, Universidade Estácio de Sá, Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo, Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, Núcleo Especial de Atenção à Criança, Fundação Xuxa Meneghel, escolas públicas, postos de saúde, Subprefeitura de Campo Grande, outras ONGs, empresas, grupos comunitários.

Saiba mais sobre Rio de Janeiro - RJ

IDH: **0,842** (RJ: 0,807 / Brasil: 0,764)

População: **5.857.905**

População de 7 a 17 anos: **985.548**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **1.406**

Rede Jovem de Cidadania

(Belo Horizonte - MG)

Em Belo Horizonte, milhares de jovens tecem dia a dia redes de solidariedade e cidadania, marcadas pela diversidade, criatividade e participação. É um trabalho silencioso, realizado por centenas de grupos que desenvolvem projetos em que a mobilização comunitária, a arte e a cultura são instrumentos de construção da cidadania. São iniciativas nas quais os jovens valorizam o lado bom de sua comunidade, criam laços solidários, conquistam melhorias nas condições de vida de sua localidade e promovem a auto-estima de si próprios e de seus grupos.

Essas redes de cultura e solidariedade precisam ser vistas e ouvidas por todos. Foi por isso que criamos, em 2002, a Rede Jovem de Cidadania, uma rede de comunicação participativa que envolve a juventude ligada aos movimentos socioculturais e às escolas públicas de BH. Programa de TV semanal, programas de rádio, jornal, agência de notícias, site e webzine: tudo isso é realizado pelos adolescentes e jovens de toda a cidade.

A Rede, fruto de um trabalho de comunicação e mobilização realizado pela ONG Associação Imagem Comunitária (AIC) junto a movimentos sociais e escolas desde 1993, é viabilizada pelo patrocínio da Petrobras e tem suas ações norteadas pelo conceito de cidadania ativa. Para nós, a cidadania não é um ideal cristalizado e distante, mas um processo construído nas ações cotidianas. É o que resume a jovem Elaine: "Ser cidadão para mim é ter uma identidade, é saber quem sou. É aprender e passar adiante, me comunicar e levar o que aprendo para a minha comunidade". Atuando na comunidade, sendo sujeito ativo no dia-a-dia da escola e construindo redes colaborativas, o jovem se apropria da mídia e cria novas formas de participação.

A Rede na escola

Segunda-feira de manhã, pátio da Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda, periferia de BH. Um burburinho de jovens toma conta da sala da diretoria. Eles montam os equipamentos e revisam o roteiro. Logo depois, a Rádio Recreio está no ar, com informes, recadinhos do coração, músicas, novidades dos projetos



Foto: Gualter Naves Córrea

Rafaela Pereira Lima
Associação Imagem Comunitária
(AIC)

Tel.: (31) 3224-3463

E-mail: rafaela@aic.org.br

Agnes Beatriz Martins Machado

E.M. Aurélio Buarque de Holanda

Tel.: (31) 3277-5963

E-mail: agnes.ferreira@pbh.gov.br

É o que conta Giovânia: "Na nossa rádio, todos participam: alunos, diretoria e professores. Eu sempre quis fazer algo diferente na minha escola. Era um sonho e a gente correu atrás. Está todo mundo empolgado, e isso me empolga também.

desenvolvidos na escola. No dia anterior, Giovânia, ex-aluna da escola, havia recolhido sugestões na caixinha e preparado tudo com os participantes da oficina de rádio que ela mesma ministra. Ela dá continuidade a um trabalho iniciado em 2003, primeiro com uma sensibilização da equipe e alunos, e depois tendo na liderança os próprios jovens, em parceria com os educadores da AIC e a direção.

É assim que a Rede Jovem de Cidadania funciona: nas comunidades e nas escolas, a construção de meios de comunicação tem à frente dezenas de jovens multiplicadores, que são chamados de "correspondentes". Eles participam de atividades permanentes de comunicação comunitária, divulgam e realizam ações em suas regiões, e criam a rede de comunicação que está no ar todas as semanas. "São jovens fazendo para jovens uma comunicação que mostra as soluções que já estão nas comunidades", comenta o participante Marcelo Cupertino.

Apostamos que é fundamental o jovem "colocar a mão na massa", aprender na prática como a mídia funciona e, no exercício de escolher e falar dos temas da comunidade, refletir sobre a realidade e as possibilidades de transformá-la. Chamamos essa metodologia, que tem foco no processo de experimentação coletiva e não no produto, de "mídia-processo".

Na escola, enfrentamos os desafios comuns à rede pública de ensino. Os alunos, por sua vez, vêm de famílias que enfrentam os mais diversos problemas socioeconômicos. Conhecemos todos os problemas e sabemos que a sua superação só será possível se não nos limitarmos a eles. É por isso que o nosso olhar - de todos que construímos a Rede - está voltado para o potencial e para a criatividade dos jovens. Jovens que se juntam todos os dias para realizar coisas importantes, como um coletivo de agentes culturais e um fórum que cobra do poder público políticas específicas para a juventude, que estão à frente de meios de comunicação nas escolas parceiras do projeto e reinventam a mídia com produções inovadoras, que têm sido premiadas em festivais e concursos nacionais e internacionais.

Criar juntos, experimentar a mídia, conversar, divertir-se, expressar-se. Queremos que a Rede dê espaço a tudo isso. Da discussão de um tema à edição de um vídeo ou jornal,

todo o processo é rico em debates, descobertas, construção coletiva. Acreditamos que aprender é misturar todos esses elementos. E essa mistura é fundamental: habilidades importantes, como a expressão e fluência nas mais diversas linguagens, são desenvolvidas quando os jovens são - e se sentem de fato - autores do conhecimento que produzem.

É o que conta Giovânia: "Na nossa rádio, todos participam: alunos, diretoria e professores. Eu sempre quis fazer algo diferente na minha escola. Era um sonho e a gente correu atrás. Está todo mundo empolgado, e isso me empolga também. Fico feliz vendo que, com o trabalho de comunicação, o pessoal ficou mais junto e mais animado com a escola".



Fotos: Gualter Naves Côrrea

Projeto Rede Jovem de Cidadania

Início do Projeto: 1º/6/2002

Nº de atendidos: 680 crianças e adolescentes de 12 a 22 anos

Atividades básicas: Rede de comunicação comunitária realizada por jovens multiplicadores de Belo Horizonte, com produções em TV, rádio, jornal, internet e agência de notícias; comunicação comunitária em escolas públicas da cidade.

Parcerias: Petrobras; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; Universidade Federal de Minas Gerais; escolas públicas, movimentos e organizações juvenis de todo o município.

Saiba mais sobre Belo Horizonte - MG

IDH: **0,839** (MG: 0,773 / Brasil: 0,764)

População: **2.238.530**

População de 7 a 17 anos: **418.789**

Número de escolas públicas (EF e EM): **515**

Redescobrimo o Adolescente na Comunidade

(São Paulo - SP)



Foto: Christina Rufatto

"Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amor à vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que nos foi ensinado pelo tempo afora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito àquilo que é indispensável: além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída." (Mahatma Gandhi)

A proposta de escrever sobre o Projeto Redescobrimo o Adolescente na Comunidade (RAC) deixou-nos abalados e receosos, mas ao mesmo tempo ansiosos para relatar os fatos ocorridos em sua execução, pois convivemos com adolescentes, jovens, famílias, comunidades, parcerias e profissionais, e, na maioria das vezes, não nos damos conta da dimensão exigida, dos avanços e dificuldades pelas quais passamos na realização do nosso trabalho.

Nossa missão é estimular, orientar e acompanhar os adolescentes, jovens e famílias, por meio de atividades socioeducativas que os levem a exercer sua cidadania. Essa missão está diretamente ligada à da Sociedade Santos Mártires - "praticar ações que valorizem a vida de crianças, jovens e adultos, estimulando-os à prática da cidadania e se tornando, assim, uma chama de esperança na região".

Joel Costa Rodrigues

Sociedade Santos Mártires (SSM)

Tels.: (11) 5832-7899 / 5833-6020

www.santosmartires.org.br

María Alves da Silva

Escola Estadual Antonio Florentino

Tels.: (11) 4669-1380 / 4669-9816

Não podemos falar do RAC sem resgatarmos a sua história, porque olhar o passado é nos afirmar no presente e projetar o futuro. Assim buscaremos trazer a vida do projeto, que está completando oito anos de existência.

Antes da criação do RAC, o presidente da Sociedade Santos Mártires sugeriu que escrevêssemos uma proposta destinada aos jovens, pois, na época (1996), segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a região era considerada a mais violenta do mundo. Escrita a proposta, juntamente com a organização, fomos em busca de parcerias para auxiliar no financiamento.

Durante dois anos batemos em várias portas, conseguindo três: uma com a Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo, outra com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS, antiga Secretaria de Assistência Social) e a última com a Fundação Telefônica. Todas colaboraram na implantação do RAC, sendo que a primeira exerceu sua cooperação durante apenas quatro meses e as demais permaneceram colaborando com o RAC. Atualmente mantemos parceria com SMADS, FEBEM/SP e Fundação Abrinq, além de atuarmos em conjunto com escolas estaduais e municipais.

Desde o início do RAC, surgiram várias situações gratificantes. Citamos como exemplo o depoimento de uma jovem que freqüentou o RAC em 2005: "O que aprendo no curso tem que colocar em prática. É o caso de vaga na escola: a escola não queria ceder a vaga. E, orientada pelo Professor Valdecir, educador de cidadania, levei o ECA e mostrei o artigo que diz ser obrigatório ter vaga na escola. E com esse argumento acabei entrando na escola..." (A.L.A.S., 16 anos).

Com o decorrer do tempo, percebemos que o nosso trabalho, que começou como uma gota d'água no oceano, foi se multiplicando e faz diferença nesta região porque, apesar de termos problemas semelhantes a todos que realizam trabalhos com adolescentes, conseguimos a garantia da qualidade do atendimento e acompanhamento feito pelos profissionais que fazem parte da família RAC. Consideramos importantes, para o sucesso do RAC, as parcerias com as escolas do entorno e de outros municípios, pois funcionam como veículo condutor para a chegada dos jovens e adolescentes ao RAC. Alguns diretores e professores já nos conhecem e, muitas vezes, os próprios alunos ficam encarregados de divulgar o RAC nas salas de aula.

E o número de parcerias com as escolas vem aumentando. É como diz Maria Alves, gestora da E.E. Antônio Florentino, uma das escolas que trabalham em conjunto conosco: "Nestes três anos de parceria bem-sucedida, percebi que já ultrapassamos o momento de 'troca de olhares', depois de 'namoro duradouro' e hoje estou, de fato, casada com o RAC". A escola desenvolve um trabalho de interação com a Sociedade Santos Mártires, encaminhando adolescentes e familiares para o RAC e lhes proporcionando atividades. Os adolescentes que participam do RAC divulgam suas experiências em eventos realizados na escola, envolvendo a comunidade escolar e

É como diz Maria Alves, gestora da E.E. Antônio Florentino, uma das escolas que trabalham em conjunto conosco: "Nestes três anos de parceria bem-sucedida, percebi que já ultrapassamos o momento de 'troca de olhares', depois de 'namoro duradouro' e hoje estou, de fato, casada com o RAC".



conseguindo, assim, mobilizar e envolver um grande número de participantes.

"(...) Antes ia para a escola apenas para estudar. Era chamada de CDF. Hoje, vou para a escola não para conversar, bater papo, mas vou, além de estudar, passar o que tenho, o que aprendi, para as pessoas que estão ao meu redor. Porque, se tenho um conhecimento, e o mantenho comigo, ele acaba morrendo. Então, o que aprendo aqui no teatro acaba passando para os outros, sem controle, sem ao menos perceber..." (P.A.S., 16 anos, que frequentou o RAC em 2005)

Ao realizarmos esse trabalho conjunto entre RAC e escola, pudemos sentir o quão importante é a criação de um projeto em que diferentes instituições se unam para oferecer educação mais completa aos adolescentes. Nessa ação conjunta, além de evitar que os jovens fiquem expostos à violência ao tirá-los da rua, contribuimos para sua formação com atividades para aquisição de conhecimento e atividades artísticas e de lazer, criando oportunidades para sua educação integral.



Fotos: Christina Rufatto

Projeto Redescobrimo o Adolescente na Comunidade (RAC)

Início do Projeto: 1º/3/1999

Nº de atendidos: 250 crianças e adolescentes de 14 a 17 anos

Atividades básicas: Acompanhamento psicossocial e orientação socioeducativa, por meio de cursos de montagem e manutenção de computadores, inglês, hip-hop, cabeleireiro, música, pizzaiolo e teatro.

Parcerias: Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundação Abrinq e Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM/SP.

Saiba mais sobre São Paulo - SP

IDH: **0,841** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **10.435.542**

População de 7 a 17 anos: **1.946.836**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **2.170**

Tia Maria do Jongo: Nossa Mestre Jongueira

(Rio de Janeiro - RJ)

"Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de setenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem (...)"

(Reinações de Narizinho/Monteiro Lobato)

Parafraseando o conhecido e importantíssimo autor, poderíamos começar nosso texto sobre Tia Maria do Jongo mais ou menos assim:

"Numa casinha verde, de muro multicolor enfeitado, em meio a árvores frondosas e refrescantes, mora uma velha de mais de oitenta anos. Chama-se Tia Maria do Jongo. Quem passa pela estrada e a vê sentada na varanda, lendo seu jornal, segue seu caminho pensando:

- Que tristeza viver assim tão sozinha...

Mas engana-se. Tia Maria é uma das pessoas mais felizes daquele lugar porque vive em companhia de não apenas uma, mas de muitas crianças, que com ela convivem. E carinhosamente ficou conhecida como a Tia Maria do Jongo".

E foi justamente por sabermos de sua grande importância e popularidade junto às crianças que resolvemos escrever este texto, contando um pouco sobre a vida dela e dessas crianças que passaram e continuam passando por seu quintal, de onde é a própria Tia Maria que diz: "Antes de Jongo, de ONG, minha casa sempre foi cheia de criança. Eles entram, me ajudam. Ainda há pouco tinha criança aqui; me ajudaram a molhar as plantas, conversamos um pouco... Graças a Deus, estamos aí, sempre junto com as crianças".

Fomos então a sua casa para ouvirmos suas histórias, suas lembranças e seus



Foto: Ricardo A. Gomes

Marisa Silva
Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha
Tel.: (21) 2437-5546
contato@jongodaserrinha.org.br

Kátia Curty
Escola República Dominicana
Tel.: (21) 2482-9591

E é através de pequenos projetos que o Jongo vai sendo levado para o pátio da escola por nossos jovens - ou mesmo crianças -, que repassam seus saberes e conhecimentos para outras crianças.

saberes sobre o Jongo na Serrinha. Lá em sua sala, recheada de retratos e pôsteres, Tia Maria carinhosamente nos recebeu e começou a nos contar que nasceu e foi criada em Madureira, que a música e a dança sempre fizeram parte de sua vida, tendo tido o privilégio de ver no quintal de sua casa o nascimento de uma das mais importantes e tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, a Império Serrano, onde ficava, menina ainda, escondida - tendo a lua como testemunha - por detrás das árvores ouvindo, cantando e ensaiando os primeiros passos e pontos das rodas de Jongo que aconteciam altas horas da noite em seu terreiro - pois naquele tempo as crianças eram proibidas de participar das rodas de Jongo, que eram reuniões fechadas, envolvidas em fundamentos e mistérios.

Porém, sua "curiosidade espontânea" era tanta que lá ela ficava só espiando. E de tanto espiar, acabou aprendendo tão bem a arte de ser "jongueira" que, em 1977, Mestre Darcy do Jongo a convidou para montar com ele um grupo de jongo com as crianças: semente que há quase 30 anos cresceu e frutificou, gerando o Centro Cultural da Serrinha que temos hoje.

Tia Maria do Jongo tornou-se, então, uma das pessoas mais queridas e respeitadas no bairro onde mora, e as homenagens que vem recebendo vão desde uma creche que leva seu nome até algumas músicas compostas especialmente para ela.

Percebemos o reconhecimento da Serrinha também durante as apresentações do Grupo Cultural Jongo da Serrinha - momento de muita emoção, em que Tia Maria do Jongo entra com "suas" crianças que, orgulhosa, ela mesma apresenta, restituindo simbolicamente um elo entre as gerações, onde passado e presente se encontram, anunciando um futuro mais esperançoso que se descortina a cada "tapiado", como sinaliza a cantiga Preta Velha Jongueira, de Lazir Sinval, uma das pastoras do jongo, que inicia assim: "Preta velha jongueira, meu Caxambu está lhe chamando, sinto a poeira do chão levantando com seu tapiado (...)".

Com isso, acreditamos cada vez mais na necessidade de estreitarmos os laços entre educação e cultura - palavras-chaves para equacionarmos e construirmos uma sociedade mais justa e solidária.

E é através de pequenos projetos que o Jongo vai sendo levado para o pátio da escola por nossos jovens - ou mesmo crianças -, que repassam seus saberes e conhecimentos para outras crianças. E estão presentes também na hora de ouvir histórias africanas pela voz de nosso contador de histórias, que, estendendo seu trabalho de encantamento para além das paredes de nosso centro cultural, rememora a figura dos Griots de uma África não tão distante assim e nos leva a continuar acreditando que o diálogo entre educação e cultura é possível e enriquecedor para o ambiente escolar.

Romper as fronteiras dos espaços oficiais do saber, atravessar muros e paredes e chegar, quem sabe, a legitimar o quintal da Tia Maria como um ecossistema educativo é um desafio que nos propusemos a aceitar por acreditarmos na necessidade de perpetuação de valores ancestrais, em que o saber dos mais velhos é repassado aos mais novos, como rege a tradição dos jongueiros.

Essa forma de construir conhecimentos, essa "epistemologia jongueira" merece nossa atenção e reconhecimento. Retomando mais uma vez Paulo Freire, ela consegue fazer a "promoção entre as curiosidades" e, então, aquele menino ou menina curioso chega lá no seu quintal e "de repente aprende".

É sobre esse processo de ensinar e aprender que nós, educadores, devemos debruçar nosso olhar e, com esses mestres como a Tia Maria do Jongo, "de repente também aprender".



Foto: Ricardo A. Gomes

Projeto Escola de Jongo

Início do Projeto: 24/6/2001

Nº de atendidos: 100 crianças e adolescentes de 4 a 21 anos

Atividades básicas: Música, dança, teatro, circo, capoeira angola, português, memória e cidadania.

Parcerias: Escolas Municipais República Dominicana e Mestre Darcy do Jongo, Creche Tia Maria do Jongo, Creche Vovó Maria Joana.

Saiba mais sobre Rio de Janeiro - RJ

IDH: **0,842** (RJ: 0,807 / Brasil: 0,764)

População: **5.857.905**

População de 7 a 17 anos: **985.548**

Nº de escolas públicas (EF e EM): **1.406**

Trabalho e Prazer, uma Dupla que Dá Certo

(Mococa - SP)



Foto: Júlio Cesar da Silva e Silveira

Outubro de 1996. 1º Encontro Municipal de Adolescentes (EMA), gostoso como tudo que é o primeiro: primeiro beijo, namorado, encontro... Encontro para dançar, circular, massagear, para falar sobre mitos, grilos, acreditar em realizações...

Como tudo que é bom dura pouco, achamos que tudo terminaria no domingo com a volta dos adolescentes de Uberlândia para casa. Mas que surpresa! Um grupo de adolescentes decide continuar as atividades em sua escola. E os encontros começam trazendo alegria a partir de brincadeiras, danças circulares, espaço de vivência e convivência. Aprendemos que ouvir as idéias de outros nos ajudava a construir novas idéias e a transformar as práticas.

Assim nós vimos nossos adolescentes se transformarem em multiplicadores, assumindo os espaços de sala de aula, organizando suas oficinas, transformando as aulas de Ciências com assunto de livro para aulas de suas vidas: sua sexualidade, seus desejos, seus valores, seus hormônios que falavam. E a camisinha? Paquerar, ficar ou namorar?

Todos os sábados, 16 adolescentes se encontravam e logo chegavam outros que ouviam falar do encontro. Tumm, tummm, bate coração... Em cada encontro montava-se uma oficina, estudava-se um assunto, discutia-se como melhorar as aulas, o que nós podíamos fazer... Esse grupo queria uma identificação!

"TUMM! Todos Unidos Mudaremos a Mim!", gritou a Carol quando propusemos escolher um nome para essa turma. "Por quê?" E ela, acolhida por todos, respondeu: "Porque agora estamos aprendendo a aprender as coisas que são importantes para nós e, quando estamos nas classes, vemos como podemos ajudar os professores e nossos colegas a estudar com prazer".

Com a mudança de postura desses adolescentes em suas classes, nós e os professores começamos a observar que seria importante levar à sala de aula assuntos pertinentes a eles, trabalhando-os de maneira mais dinâmica e lúdica. E

Maria Antonieta R. Sanches Pinto

**Grupo TUMM - Todos Unidos
Mudaremos o Mundo**

Tels.: (19) 3656-4501 / 3656-4046

E-mail: gtumm@yahoo.com.br

Angela Maria Teixeira Afonso

Escola Estadual Profª Zenaide

Pereto Ribeiro Rocha

Tel.: (19) 3656-3567

que era preciso vencer a relutância de professores e adolescentes em trocar idéias. Era preciso considerar o potencial do adolescente em manter a atenção dos colegas. Decidimos trazer para o horário de trabalho coletivo uma atividade desenvolvida pelos adolescentes.

Foi a vez de Lucas falar: "Ah! Vou fazer uma atividade!". E, na hora de realizá-la junto a professores e colegas, ele suave e estava apreensivo, mas foi em frente, pois se viu acolhido por todos, e sabia que o lugar de quem ensina estava sendo compartilhado por todos. Após essa experiência, todos resolveram que o "TUMM" deveria significar "Todos Unidos Mudaremos Mococa", e levaríamos para cada escola um horário mensal de carinho, afeto e possibilidade de participação.

Continuávamos a nos encontrar aos sábados, nas escolas, na casa da coordenadora, nas praças, mas seus corações buscavam um espaço onde pudessem ter seus guardados: quadros, sonhos, cronogramas, fotos, músicas, textos e arquivos. As praças, a escola, as nossas casas já não eram espaços para esses jovens.

Fomos ao Encontro Nacional de Adolescentes (ENA) e nos envolvemos com o Movimento de Adolescentes do Brasil (MAB). Conhecemos outros grupos, todos ligados a uma instituição... "E o TUMM? Quem é a instituição mantenedora? Já somos muitos e temos um cantinho no jornal da cidade, precisamos sair em busca de projetos, de parceiros. Vamos ser uma ONG, afinal já fazemos tantas coisas!", diz Ieda. "Chega de vender rifas e ficar pedindo dinheiro quando precisamos viajar ou fazer nossos encontros", replica Neto. "O que é preciso para sermos uma ONG?", questiona Maria Rita. O nome já está decidido: GRUPO TUMM - Todos Unidos Mudaremos o Mundo. A Tuní será presidente e Angela integrará o Conselho Deliberativo e todos nós seremos os executivos dos trabalhos e decisões.

Assim, surgem o GRUPO TUMM como OSCIP e o Projeto Casa do Adolescente - espaço de vivência e convivência, sonhado, desenhado, emprestado, trabalhado por, pelo e para o adolescente. E nós? Continuamos sendo aquelas que acreditam, disponibilizam seu tempo para articular embasamento teórico e incentivo às práticas, abrem os caminhos nas escolas e departamentos públicos para que mais um aprendizado ocorra: aprender

Assim nós
vimos nossos
adolescentes se
transformarem
em multi-
plicadores,
assumindo os
espaços de sala
de aula,
organizando
suas oficinas,
transformando
as aulas de
Ciências com
assunto de livro
para aulas de
suas vidas (...)



o controle e a articulação das políticas públicas para adolescentes.

Março de 2006. Já participamos de nove ENAs e realizamos diversos projetos, com parceiros importantes como os Ministérios da Saúde e da Justiça. Somos finalistas do Prêmio Itaú-Unicef 2006. Nosso trabalho é reconhecido nacionalmente. E estamos na Casa do Adolescente, NOSSA CASA, onde o nosso sonho acontece a cada dia: no trabalho desses 16 adolescentes, que ora estão espalhados pelo Brasil; no imenso desejo de aprender da lida (já formada em Pedagogia); nos novos adolescentes e jovens que fazem a gestão administrativa e pedagógica (oficinas) e dividem seu tempo entre as oficinas de saúde, arte-educação, teatro e grupos de estudo na CASA, além dos núcleos nas escolas e das atividades socioculturais na cidade. Fomos e somos responsáveis por aquilo que cativamos.



Fotos: Júlio Cesar da Silva e Silveira

Projeto Casa do Adolescente - Espaço de Vivência e Convivência de Adolescentes e Jovens

Início do Projeto: Janeiro 2000

Nº de atendidos: 50 crianças e adolescentes de 12 a 18 anos

Atividades básicas: Oficinas pedagógicas sobre saúde, sexualidade, vulnerabilidade, cidadania, educação, entre outras.

Parcerias: Departamento Municipal de Saúde (PSF e ACS), Escolas Estaduais e Municipais, Prefeitura Municipal, Casa Marpin, Ministério da Saúde, Rotary Clube de Mococa, Metalúrgica Mococa Ltda., Motocor - Revendedor Honda, empresas e comércio locais, CMDCA.

Saiba mais sobre Mococa - SP

IDH: **0,809** (SP: 0,82 / Brasil: 0,764)

População: **65.571**

População de 7 a 17 anos: **13.626**

Número de escolas públicas (EF e EM): **26**

Um Brilho que Não se Apaga

(Rancharia - SP)

Gostaríamos, neste relato, de falar de estrelas. E falar de estrelas, a princípio, parece tarefa fácil, mas não é! Principalmente quando essas estrelas fazem parte de nossa constelação, ou seja, quando estão muito próximas de nós.

Eleger uma estrela ou uma situação, então, tornou-se missão um tanto dolorosa, infelizmente - afinal, são muitas, mas é justamente no encontro de todas essas estrelas e situações que nosso trabalho adquire consistência e se destaca. Se, por um lado, podemos perceber quantas dessas estrelas dependeram de nós para conseguir continuar reluzentes, por outro nos deparamos com uma realidade em que percebemos que não temos o poder de modificar o universo, mas nos contentamos em modificar nossa comunidade, ou ainda uma vida que seja.

As ações que hoje desempenhamos muitas vezes se perdem como poeira cósmica, causando, de certa forma, um desânimo momentâneo. Em outras vezes, porém, elas se agigantam de tal forma que nos encham de ânimo e forças para continuarmos esse grande e especial trabalho de poucos trabalhadores...

O que mais nos amedronta não é nosso fracasso pessoal na missão com essas pequenas estrelas que ainda se encontram em formação, mas o que esse fracasso acarretará na trajetória indefinida e praticamente solitária desses brilhantes seres! A impotência muitas vezes nos assola, pois percebemos que muitos problemas simplesmente não possuem solução imediata. O processo é lento, no dia-a-dia, como trabalho de formiguinhas. Orientando aqui, resgatando acolá, intervindo ali e conscientizando.

Um trabalho em rede, em parceria, articulado, escolas, ONG e demais políticas públicas centrados num só objetivo: a proteção integral de nossas crianças e adolescentes, sua inserção na sociedade, sua auto-estima e valorização recuperadas. Quando escutamos: "Tia, por que aplaudiram a gente em pé? O que isso significa?", ou ainda "Tia, minha mãe falou que eu melhorei na escola depois



Foto: Raouf Charib

Karina M. Haddad Speridião
Lar Francisco Franco
Tel./Fax: (18) 3265-1200
www.guiarancharia.com.br/larfranciscofranco

Ana Lúcia de Souza Rebello
Escola Municipal Luiz Dorini
Tel.: (18) 3265-1799
E-mail: eldorini@novolink.com.br

Costumamos brincar que somos um “orelhão” desse tamanho! Pois temos a capacidade imprescindível de escutar e a difícil tarefa de mediar conflitos e dialogar. Batemos insistentemente nessa tecla com nossos educadores e professores (...)

que eu entrei no Lar. Também, né tia, além do que eu aprendo lá, vocês ainda vão na minha escola e conversam com as tias de lá!", percebemos então que nosso trabalho está no caminho certo e, ainda que não consigamos transmitir nossos valores, nossas intenções e informações a 100% de nossos educandos, nossa parceria é insistente. Cercamo-los de lá e de cá. Não podemos desistir nunca, mesmo porque, se isso acontecer, poucas serão suas oportunidades.

As idéias deliberadas no Conselho e nas reuniões pedagógicas são postas em prática imediatamente. Educadores em comum ao projeto e à escola afinam seus horários e se disponibilizam para quaisquer outras necessidades. A sintonia quase que perfeita entre o projeto e a escola talvez seja um ponto diferenciador de nossa parceria. Algumas situações conseguimos resolver com apenas um telefonema, porém, em outras, damos as mãos e vamos pessoalmente buscar a solução para tal problemática, seja de ordem familiar, de saúde (física, mental e moral), de aprendizado, seja até mesmo de vida!

Conseguimos, com isso, mostrar às nossas crianças e adolescentes que existem pessoas que realmente se importam com eles, e que o trabalho desenvolvido por nós deve ser de excelência, porque eles merecem o melhor. Nossos espaços não são meros depósitos onde se passa o tempo, ou simplesmente para não se estar na rua. É muito mais que isso! Desenvolvemos, além das atividades pedagógicas, esportivas e culturais, lições de vida, de cidadania, de valores morais, respeito, sonhos, futuro... Não queremos seres apáticos, robóticos, mas sim cidadãos críticos e conscientes de seu papel. Que possam reivindicar, que possam transformar, que consigam sonhar com aquele algo mais do que possuem hoje.

Costumamos brincar que somos um "orelhão" desse tamanho! Pois temos a capacidade imprescindível de escutar e a difícil tarefa de mediar conflitos e dialogar. Batemos insistentemente nessa tecla com nossos educadores e professores, porque é a partir do que se escuta que se consegue transformar.

A qualidade de nosso trabalho, de nossos esforços em comum e a força de nossa parceria refletem diretamente em nossos educandos e na comunidade, resultados de transformação social. Porém, não podemos negar que eles também possuem seus

próprios méritos, principalmente em conseguir, apesar de suas bagagens um tanto pesadas, ser heróis de suas próprias histórias, ou seja, conseguir ser brilhantes como estrelas que, quanto mais o céu se encontra escuro, mais intenso é seu brilho.

Com certeza temos muito a ensinar, mas muito mais a aprender. Lançamos a pergunta: Será que se não tivéssemos nossas vidas tão "certinhas", conseguiríamos agüentar o que eles agüentam? Será que seríamos brilhantes como eles conseguem ser?

Conseguimos o sucesso nesta parceria quando nos colocamos no lugar do outro e, do nosso ponto de vista, isso significa APRENDIZADO!



Fotos: Raouf Gharib

Projeto Espaço Amigo

Início do Projeto: 10/3/1995 **Nº de atendidos:** 350 cr. e adol. de 7 a 15 anos

Atividades básicas: Oficinas artístico-culturais, de apoio didático-pedagógico, de jogos e esportivas; casa de brinquedos; atendimento psicossocial; alimentação, saúde, higiene e transporte.

Parcerias: Escolas Públicas Municipais e Estaduais, Conselho Municipal da Assistência Social, CMDCA, Conselho Tutelar, Secretarias Municipais, Fundação Banco do Brasil, Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social (Projeto Espaço Amigo), Secretaria Estadual da Cultura (Projeto Guri) e Prefeitura Municipal de Rancheira.

Saiba mais sobre Rancheira - SP

IDH: **0,789** (SP: 0,82 / IDH Brasil: 0,764)

População: **28.769**

População de 7 a 17 anos: **6.065**

Número de escolas públicas (EF e EM): **13**

Uma Rede Tecida em Relevo

(Vila Velha - ES)



Foto: José Costa de Araújo

É passada meia hora do meio-dia. O sol brilha com tanta intensidade que eles podem sentir na pele o seu calor. O transporte estaciona no ponto certo, na proximidade do Terminal Rodoviário de Itacibá. O motorista, Sr. Jeremias - carinhosamente chamado de Seu Jerê -, desce do carro, pacientemente, para abrir-lhes a porta. Despedem-se rapidamente de seus acompanhantes (mãe, madrasta, avó, irmão, pai). Eles estão eufóricos, como se fosse a primeira vez, o primeiro dia. Acotovelam-se para tomar assento na velha Kombi destinada ao transporte diário desses alunos, que os conduz para onde, em um ambiente muito agradável, recebem o apoio pedagógico especializado a que têm direito.

O percurso de 12 km é feito sob o efeito de muita animação! Cantam músicas de sucesso das rádios AM e FM, conversam muito alto... Esta cena se repete duas vezes na semana. São os dias em que, depois da aula na escola regular, esses alunos se dirigem à UNICEP, localizada no município de Vila Velha (ES).

Uma rede tecida em relevo. Essa rede não tem cor, mas tem a espessura forte e resistente da persistência, especialmente de mães que lutam por recursos para verem seus filhos atendidos na sua deficiência, conquistando respeito e dignidade, buscando a acessibilidade ao bem cultural. Essa rede tem uma história para contar. A história da construção da cidadania.

Marcos Antônio do Espírito Santo
União de Cegos D. Pedro II (UNICEP)
Tel.: (27) 3399-8010
E-mail: unicep@terra.com.br

Nezimar Soares Rocha
Secretaria Municipal de Educação
de Cariacica
Tel.: (27) 9292-4000

A União de Cegos D. Pedro II, organização da sociedade civil sem fins lucrativos, nasceu, no dia 1º de dezembro de 1979, da luta de um pequeno grupo de pessoas com deficiência visual, que se uniram para criar uma entidade de cegos. Já na metade da década de 1980, conseguiu agregar valiosos companheiros, promovendo o bem-estar geral das crianças, adolescentes e jovens, propiciando-lhes saúde, educação, formação profissional e seu ingresso no mercado de trabalho. Nesse espaço entra a escola regular como parceira para desenvolver projetos de trabalho com vistas a resgatar a auto-estima, buscar autonomia e conquistar emancipação social.

A preocupação com a escolarização dos deficientes visuais contribuiu para a implantação da primeira sala de aula, tendo Dona Adília como professora.

No percurso que fazem os alunos a caminho da ampliação do seu conhecimento, com mais 180 crianças, adolescentes e jovens que lá encontrarão, vozes ecoam entre a algazarra:

"Aprender a ler e escrever em Braille é mui.....to legal! Já até aprendi montar nomes!". Outro interrompe quase gritando: "Êh...Êh... Eu já até escrevo com a reglete. Gosto de fazer furinhos no papel, com a punção. Estou até ensinando os meus colegas da sala de aula. Eles acham muito manero".

"Gente! Semana passada eu tive aula de informática! Eu pensava que pessoas cegas nunca iam aprender nada, principalmente coisas do computador. Tem hora até que o computador fala o que tamos fazendo... É muito irado!"

"Eu preciso mesmo ir à UNICEP para aprender o que não consigo na sala de aula. Minha professora é muito legal mas eu preciso de mais tempo para aprender. A professora de lá então me ajuda e eu consigo fazer. Assim eu não fico atrasada com as minhas tarefas, e, nas provas, tiro notas boas!"

"Que dia é hoje, galera? Oba! É dia de quadra! Adoro o dia de jogo de Goalball. É muito divertido! O professor disse que o nosso time vai disputar o torneio nacional. Nós vamos viajar para fora do Estado, galera! E vamos trazer o 'caneco', falô?"

Com vozes roucas de tanto falar alto, cantam em coro: é campeão, é campeão, acompanhados do som de batidas de tambor, na lataria da velha Kombi. E segue a algazarra. Gritos, cantoria, conversas em clima de muita alegria. Seu Jerê manobra o veículo e vai parando, lentamente. Eles sabem que chegaram a esse lugar tão especial para eles. Um lugar de fazer cidadãos.

Assim, portanto, constitui-se a parceria entre a UNICEP e a escola regular. Um projeto de cidadania que tem ajudado filhos que antes não eram apresentados à sociedade em

Assim,
portanto,
constitui-se a
parceria entre a
UNICEP e a
escola regular.
Um projeto de
cidadania que
tem ajudado
filhos que antes
não eram
apresentados à
sociedade em
decorrência da
história
sociocultural da
deficiência.



decorrência da história sociocultural da deficiência.

O dia termina com o retorno, ainda animado, mas nem tanto, em decorrência das energias gastas nas atividades realizadas. Contudo, ainda há lugar para as algazarras e implicâncias uns com os outros. Pronto! Descem. Uns precisam de ajuda, outros, no entanto, são autônomos para descerem sozinhos e se dirigirem para um lugar seguro.

- Té amanhã, seu Jerê!
- Depois de amanhã - corrige seu Jerê. - E isto se a Kombi não quebrar até lá, né? Quantas vezes isso já nos aconteceu, não é verdade?
- Ah, não... Ela tem que agüentar, pelo menos, até o fim do ano...
- Olha, não se esqueça de mim, depois de amanhã, hein, seu Jerê?



Fotos: José Costa de Araújo

Esta é a nossa rede tecida em relevo. Macia de ser sentida!

Projeto Atendimento ao Desenvolvimento da Educação de Portadores de Deficiência Visual

Início do Projeto: 1º/12/1979

Nº de atendidos: 160 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos

Atividades básicas: Apoio pedagógico ao ensino regular; goalball, natação, atletismo, orientação e mobilidade; informática; estimulação; Braille I, Braille II e alfab-Braille infantil; atendimento psicológico, social e fonoaudiológico.

Parcerias: Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, Secretaria Municipal de Educação, Conselho Tutelar, faculdade da região, Colégio Marista de Vila Velha.

Saiba mais sobre Vila Velha - ES

IDH: **0,817** (ES: 0,765 / Brasil: 0,764)

População: **345.961**

População de 7 a 17 anos: **69.343**

Número de escolas públicas (EF e EM): **95**

Nosso sonho se realiza como sonho de criança!

A oportunidade de realizar este trabalho junto com a Fundação Social Raimundo Fagner tem proporcionado momentos de grande emoção e prazer em nossas vidas. Emoção e prazer sem fim e sem limite que nos fazem reencontrar a infância.

Um relato para falar dessa experiência requer todos os cuidados. Queremos fazer dele um pedaço da vida de todos nós que recebemos este presente, possibilitando-nos um espaço de saber e aprendizagem, agora pela via da lembrança que é a nossa eternidade.

Orós é o nome de um pequeno arbusto que serve de alimento para o gado.

Criar um espaço destinado ao desenvolvimento de ações socioculturais e educativas, voltadas para as comunidades da cidade de Orós e do Parque Itamarati, na periferia de Fortaleza (CE), tem feito a diferença na vida de 350 crianças e adolescentes. Em Orós, o desejo de sair do interior e ganhar a vida na cidade grande já começa a deixar de ser o sonho de muitos jovens e adolescentes.

Na Fundação, temos procurado mostrar aos jovens que é possível desenvolver-se na sua terra de origem, driblando as dificuldades locais e aproveitando o que ela tem de melhor para oferecer. Tarefa das mais difíceis, é preciso descobrir o arbusto que alimenta nossa alma para fazer valer nossos sonhos e vencer a pobreza que nasce da falta de acesso aos recursos necessários para cada indivíduo desenvolver suas potencialidades. Para nós, esse arbusto é a Arte.

O Projeto Aprendendo com Arte é um espaço concreto para que crianças e adolescentes possam desenvolver-se integralmente junto a suas comunidades, a partir de um processo que utiliza a Educação para a Vida via Arte. Esse aprendizado se faz principalmente pelo estudo da história da arte e das diversas linguagens artísticas, na vivência das expressões representativas da sociedade e



Foto: José Carlos Lima da Silva

Maninha Morais
Fundação Social Raimundo Fagner
Tels.: (85) 3274-3726 / 9984-8058 /
8853-7703
www.frfagner.com.br

Socorro Vilarouca
Escola de Ensino Fundamental e
Médio Epitácio Pessoa
Tels: (85) 9616-3755

Além do trabalho com arte, a Fundação, em parceria com as escolas das comunidades atendidas, faz o acompanhamento escolar (...) por meio de visitas mensais às escolas, e estas participam em nossa sede de reuniões bimensais junto com as famílias (...)

de seu entorno, dinamizando o processo de desenvolvimento do potencial humano.

O projeto surge como experiência inovadora a partir da história da arte desde os seus primórdios, fazendo um passeio pela música, costumes, indumentárias e danças. Daí a criação dos grupos musicais (flauta, violão, percussão e canto coral), tendo a música como foco. Os grupos desenvolvem também suas habilidades em artes plásticas (desenho, pintura, artesanato e reciclagem), artes cênicas (teatro e dança), esportes (futsal, tênis, futebol de campo e vôlei) e capoeira, permitindo desabrochar e potencializar sua criatividade e seus talentos.

Além do trabalho com arte, a Fundação, em parceria com as escolas das comunidades atendidas, faz o acompanhamento escolar (leitura e escrita) individualizado dos educandos, por meio de visitas mensais às escolas, e estas participam em nossa sede de reuniões bimensais junto com as famílias, fortalecendo o tripé Fundação/Escola/Família.

As parcerias estabelecidas com órgãos e instituições públicos e privados têm se pautado no desenvolvimento de várias ações: Sorriso Feliz (prevenção bucal), Cuidando da Cidade (educação ambiental), Estopa e Retalhos - Geração de Renda (desenvolvido com as mães, visando contribuir com a melhoria da renda familiar), Nas Ondas do Rádio, um programa de rádio planejado e executado pelos educandos da Fundação Raimundo Fagner - Núcleo de Orós/Técnicos da Rádio Orós FM, que objetiva informar e educar a população sobre temas transversais - cidadania, meio ambiente, saúde, educação - e resgatar a memória local, entrevistando pessoas da cidade e da região. Os educandos começam a utilizar a ilha de inclusão digital, outra possibilidade de ampliar suas potencialidades.

Em Fortaleza, também fazemos parte do Programa Cultura Viva/Ministério da Cultura como um Ponto de Cultura. Trata-se do Canteirão - Um Recanto de Cidadania, um trabalho de inclusão digital e musical e de capacitação para os jovens, ao mesmo tempo em que abrimos a Fundação como único espaço de fomento e difusão cultural da comunidade do Parque Itamarati, na periferia da cidade.

Todo esse trabalho faz diferença para todos os envolvidos. Em nossas vidas pessoais,

fazer a diferença tem sido poder dar aquela contribuição única, no momento certo e que gera os resultados esperados. No trabalho coletivo, por exemplo, é dividir todas as etapas dessas atividades com todos, muitas vezes não obtendo resultados satisfatórios. Mas compartilhar nos parece fundamental no processo de aprendizagem e de crescimento.

Daí a gente vai descobrindo que, para obter sucesso, é preciso garantir a todos confiança e coragem para enfrentar os desafios, pois nossos sonhos são impregnados de intenção de realização e isso se faz pelo encantamento. E esse encantamento se dá pela felicidade estampada no sorriso de nossas crianças e adolescentes, pela alegria de saber tocar um instrumento musical, pelo prazer de saber ler um texto ou interpretá-lo no teatro, pela confiança do abraço no momento do choro. Encantamento que acontece ao dizer e ouvir palavras de estímulo que incentivam cada um a dar o melhor de si, e nos momentos de orientar sobre quem faz o que e em que seqüência. Nesses momentos é que construímos o futuro coletivamente. Como diz o refrão da canção que é nosso hino, Somos todos índios, de Vinícius Cantuária e Evandro Mesquita:

"Depende de mim, depende de nós,
Escuto um silêncio, ouço uma voz
Que vem de dentro e enche de luz
Toda nossa tribo... Somos todos índios."



Foto: José Carlos Lima da Silva

Projeto Aprendendo com Arte

Início do Projeto: Outubro 2003

Nº de atendidos: 350 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos

Atividades básicas: Oficinas de música (flauta, violão, percussão, canto coral), corpo (dança, capoeira), artes cênicas (leitura dramática e teatralização) e artes plásticas (pintura, fotografia, artesanato e reciclagem); história da arte.

Parcerias: Santa Clara Participações, Agripec - Química e Farmacêutica S.A., Embalagens Flexíveis Diadema (SP), Prefeitura Municipal de Orós e Fundação Banco do Brasil.

Saiba mais sobre Orós - CE

IDH: **0,627** (CE: 0,7 / Brasil: 0,764)

População: **22.023**

População de 7 a 17 anos: **5.381**

Escolas públicas (EF e EM): **34**

"Foi inovador o fato de podermos ser autores na Internet. Gostaria de destacar os materiais encontrados nos Portais, que só enriquecem nossa prática"

"A Internet possibilita o contato entre as pessoas com alcance muito maior, permite a colaboração e a troca, pois podemos acompanhar uma atividade no melhor horário e local."

"Já conhecia a possibilidade de confecção de páginas na Internet; porém, escrever coletivamente um texto para um livro virtual foi a primeira experiência. Descobri uma nova maneira de utilizar a Internet."

"Pude conhecer outros trabalhos publicados na Oficina de Criação, além de navegar pelas seções Biblioteca, Educalinks e Revista EducaRede."

"Publicar um livro na Internet abriu a mente e o coração e também ajudou a vislumbrar novas possibilidades e acreditar que somos capazes."

"Foi uma grande oportunidade para conhecer o que a Internet oferece e principalmente conhecer o conteúdo

dos portais e se dar conta que muita coisa boa está acontecendo nesse nosso país."

"Ao mesmo tempo em que escrevíamos sobre a nossa experiência, íamos percebendo como se dava a tessitura dos textos das experiências dos colegas. As dificuldades de sistematização são comuns aos grupos e foi bom perceber o coletivo superando-as."

"É muito bom poder acompanhar o que os outros estão fazendo, as dicas que estão recebendo o que nos ajuda em nossa produção."

"Desvendar as possibilidades da Internet e ainda construir um texto para um livro que poderá ser conhecido mundialmente."

"A praticidade de reunir um grupo de pessoas espalhados pelo Brasil sem precisar sair do lugar, tornando possível a realização de um trabalho em comum, cooperativo. Assim, o que antes era extremamente trabalhoso, difícil, hoje, com a utilização da Internet, é possível realizar projetos inovadores, como este livro virtual."

Depoimentos

Do latim “retis”, a palavra “rede” significa entrelaçamento de fios que forma uma espécie de tecido. Remete à idéia de teia, malha, estrutura reticulada, trama. Na sociedade atual, as redes evidenciam uma nova estrutura social marcada pela forte interação e colaboração entre seus membros, que vêm sendo favorecidos pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

A Internet, com seu potencial comunicativo, cria oportunidades para o estabelecimento de relações e para o desenvolvimento da capacidade de cooperar, aprender, acessar e produzir conhecimento. Para Pierre Lévy, estudioso da cibercultura, a Internet é, antes de tudo, um instrumento de comunicação entre pessoas, um laço virtual em que as comunidades auxiliam seus membros a aprender o que querem saber.

A Internet favorece novas possibilidades educacionais, novos processos, novas estruturas, que estimulam, provocam e facilitam a colaboração, onde os saberes individuais são valorizados e contribuem para a construção, que é do grupo.

No intuito de reunir 30 organizações da sociedade civil reconhecidas pelo Prêmio Itaú-Unicef* em suas ações educativas e de proteção social em parceria com a escola, a Fundação Telefônica propôs a criação de uma rede de relacionamento que, por meio da Internet, pudesse ampliar os fluxos de informação e cooperação, já que elas se situam em diversos estados brasileiros.

Baseada em recursos tecnológicos de comunicação e publicação de conteúdos dos Portais EducaRede (seção Oficina de Criação) e Portal Pró-Menino/RISolidaria (seções Fórum e Bate-Papo), as 30 ONGs e suas escolas parceiras relataram práticas que evidenciam a importância da articulação entre os diversos atores sociais para que a proteção de crianças e adolescentes ocorra de fato. Escolas e ONGs juntas representam um enorme passo rumo à realização de uma educação digna e cidadã que compreende o sujeito em sua complexidade.

Complementarmente às atividades de escrita na Oficina de Criação (ver box), os participantes puderam pesquisar, trocar idéias e esclarecer dúvidas a distância por meio de espaços on-line de debate. Conceitos como educação integral, ação socioeducativa, rede de proteção à criança e ao adolescente, entre outros, puderam ser discutidos e aprofundados.

O uso dos recursos web também possibilitou a todos o desenvolvimento de aprendizagens relacionadas ao letramento digital, isto é, habilidades para o usufruto de informações e serviços oferecidos pelos meios eletrônicos em geral, bem como para lidar com a diversidade de linguagens e formatos comunicacionais.

É interessante notar que a maioria dos participantes já reconhecia na Internet o potencial para COMUNICAÇÃO, porém restrito à troca de e-mails. Durante o projeto, puderam conhecer e utilizar outras formas de comunicação on-line, tais como o Fórum, que possibilita a comunicação em grupo, debates, mensagens longas, mensagens mais reflexivas; e também o Bate-Papo, que permite uma troca dinâmica, com comunicação em tempo real, mas demanda uma capacidade de síntese e de espírito de grupo, pois todos devem ter espaço para expressar suas idéias.

Durante a preparação do livro, o grupo pôde perceber outra característica própria da Internet, que é a possibilidade de autoria. A PUBLICAÇÃO de documentos de qualquer tipo (texto, som ou imagem) de forma organizada para o leitor torna o meio um espaço democrático.

Publicar na Internet é também uma forma de dar maior alcance aos produtos desenvolvidos pela ONG e pela escola, uma oportunidade de agir como promotores de cultura, expressando diferentes realidades e reafirmando questões de identidade.

* O Prêmio Itaú-Unicef tem por meta reconhecer e estimular o trabalho de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos que contribuam, em articulação com a escola pública, para a educação integral de crianças e adolescentes brasileiros em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

Oficina de Criação

A Oficina de Criação do Portal EducaRede é um ambiente especialmente elaborado para subsidiar uma prática de mediação pedagógica a distância, visando estimular a escrita individual ou coletiva dos participantes. Favorece a colaboração, documenta o processo de ensino e de aprendizagem, e ainda oferece a possibilidade de publicação de um Livro Virtual.

O ambiente estimula a escrita dos participantes e pode oferecer ganhos pedagógicos significativos. Um deles é o registro compartilhado do andamento das atividades: correções, comentários, a evolução dos textos, os exercícios de motivação, os relatórios finais de avaliação - tudo fica no Portal para consulta.

"Agora estamos pensando mil coisas, como por exemplo, propor que nossas crianças, adolescentes e educadores iniciem a construção de um livro contando sua experiência."

Finalistas do Prêmio Itaú-Unicef 2005

1º Lugar: Projeto Rede Participativa

Assoc. de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental (APÔITCHÁ) - Lucena - PB

2º Lugar: Projeto Rede Jovem de Cidadania

Associação Imagem Comunitária (AIC) Belo Horizonte - MG

3º Lugar: Projeto Eremim Tecendo Novos Caminhos

Associação Eremim - Ação Social de Promoção da Cidadania e Desenvolvimento Humano - Osasco - SP

Menção Honrosa

Projeto Banda de Lata de Todas as Cores

Associação Curumins - Fortaleza - CE

Menção Honrosa

Projeto Deixando Marcas

Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM) - Nazaré da Mata - PE

Finalistas

Projeto Aprendendo com Arte

Fundação Social Raimundo Fagner - Fortaleza - CE

Projeto Aprendendo com Prazer em Novos Alagados

Sociedade 1º de Maio - Salvador - BA

Projeto Aprender Brincando

Centro Social Sopro de Vida (CSSV) - Curvelo - MG

Projeto Arte, Circo e Cidadania

Associação Circo Lahetô - Goiânia - GO

Projeto Atendimento ao Desenvolvimento da Educação de Portadores de Deficiência Visual
União de Cegos D. Pedro II (UNICEP) - Vila Velha - ES

Projeto Barracão
Cáritas Diocesana de Marília - Marília - SP

Projeto Brincando e Educando
Assistência Social Casa Azul (ASCA) - Samambaia - DF

Projeto Casa da Criança Lagoa Grande
Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (APMI) - Araucária - PR

Projeto Casa do Adolescente - Espaço de Vivência e Convivência de Adolescentes e Jovens
Grupo TUMM - Todos Unidos Mudaremos o Mundo - Mococa - SP

Projeto Centro de Artes Irmã Yolanda Setúbal
Associação Nossa Senhora de Nazaré - Manaus - AM

Projeto Cinema à Pampa
Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER) - Diadema - SP

Projeto Criança Integrada
Centro Espírita O Consolador - Maceió - AL

Projeto Criança/Adolescente: Um Futuro em Construção
Núcleo de Apoio Social à Criança e ao Adolescente (NASCA) - Abrigo Nascer do Sol - Itariri - SP

Projeto Cuidar é Incluir - Um Espaço de Construção de Alternativas de Vida para Crianças e Adolescentes
Assoc. Educadora São Carlos (AESC) - Centro de Cuidados N. S^a. da Paz - Caxias do Sul - RS

Projeto Dia-a-Dia sem Rotina
Projeto Gente Nova (PROGEN) - Campinas - SP

Projeto Educação para a Realidade Total

Centro Socioeducativo Alvorada - Belo Horizonte - MG

Projeto Escola de Jongo

Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha - Rio de Janeiro - RJ

Projeto Espaço Amigo

Lar Francisco Franco - Casa das Meninas - Rancharia - SP

Projeto Espaços: Vivência Cultural, Social, Esportiva e de Profissionalização

Centro de Vivência Redentora - Novo Hamburgo - RS

Projeto Geração XXI - Ecoempreendedores do Futuro

Sociedade Humana Despertar (SHD) - Sumaré - SP

Projeto Laboratórios Educativos: Uma Interação de Conhecimentos

Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas - Criciúma - SC

Projeto Redescobrimo o Adolescente na Comunidade (RAC)

Sociedade Santos Mártires (SSM) - São Paulo - SP

Projeto Refazendo Vínculos, Valores e Atitudes

Fundação São Paulo - São Paulo - SP

Projeto Ser Menina

Instituto de Ação Cultural (IDAC) - Rio de Janeiro - RJ

Projeto Tecendo a Manhã - Rede de Apoio à Criança e ao Adolescente

Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (CEEB) - Colinas do Tocantins - TO